

Paulo Renato Baronet de Sousa

As Encruzilhadas do Despovoamento

Interior, Jovens e Emprego
O caso do Concelho de Castro Daire

Dissertação de Mestrado em Sociologia, sob Orientação do Professor Doutor Pedro Hespanha,
apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Paulo Renato Baronet de Sousa

As Encruzilhadas do Despovoamento

Interior, Jovens e Emprego
O caso do Concelho de Castro Daire

Dissertação de Mestrado em Sociologia, sob Orientação do Professor Doutor Pedro Hespanha,
apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RESUMO

O trabalho que agora apresento é sobretudo um ensaio exploratório sendo o fruto do esforço de tentar dar resposta a uma pergunta de partida: *Quais são as razões que levam os jovens em idade activa a sair de Castro Daire? Quem são esses jovens e que perspectivas de futuro têm?* A inquietação de dar resposta a esta pergunta de partida deriva de uma constatação. O concelho de Castro Daire tem vindo a perder população. Tomando como objecto de estudo os jovens entre os 18 e os 35 anos, porque são estes jovens, os autênticos protagonistas do despovoamento que ocorre no concelho de Castro Daire, cheguei ao argumento de que a saída destes jovens, depende da relação que existe entre as oportunidades de emprego e as expectativas, os projectos, os juízos de valor, as qualificações e o desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida que os jovens sentem quando interpretam a sua inserção no mercado de emprego. Esta relação poderá prever uma discrepância entre as oportunidades de emprego e os projectos e as expectativas dos jovens e uma descoincidência entre as mesmas oportunidades de emprego e as habilitações dos mesmos. A partir deste argumento central, defini 5 perfis de jovens que dão expressão ao despovoamento: os ambiciosos, os que procuram uma aproximação, os que se acomodaram à vida citadina, os poucos qualificados que emigram e por fim os que não se identificam com o concelho. Os perfis de jovens definem-se na relação entre as suas disposições individuais (*ambições, projectos, expectativas e juízos de valor*) e a forma como essas disposições encaixam ou não nos diversos contextos (*local de origem/cidade*.) A ambição de alguns, nem sempre se contextualiza no local de origem, favorecendo a migração, enquanto para outros a saída deve-se entre outros factores, à não identificação com o espaço de pertença. Nestes casos, o concelho não atrai os jovens, que à luz das suas disposições procuram atribuir sentido a essas mesmas disposições; isto é; concretizar sonhos, projectos e expectativas. Por outro lado, a atribuição destes perfis, deve-se também à relação entre essas disposições e as condições sociais objectivas que definem os jovens. As fracas qualificações de alguns é pretexto de migrações externas, a condição de casado a condição que prevê o desejo de aproximação/acomodação. Por fim diria que diversas são também as disposições individuais dos jovens quanto ao seu eventual regresso ao concelho. A temporalidade onde ocorrerá o eventual regresso depende dos perfis de jovens já descritos. Nem todas os jovens têm as mesmas disposições individuais quanto ao esse retorno, porque os seus projectos, ambições e as suas biografias são diversificadas e diferenciam-se mutuamente.

ABSTRACT

The work I now present is mainly an exploratory test being in fact the fruit of the effort of trying to answer to a first question: *What are the reasons why young people of working age leave the municipality of Castro Daire? Who are these young people and what future prospects do they have?* The concern to answer this first question stems from a finding. The municipality of Castro Daire has been losing population! Taking as study subject the young people between 18 and 35 years – because these young people are the true protagonists of the depopulation occurring in the municipality of Castro Daire – I came to the argument that the exit of these young people depends on the relationship between 'employment opportunities' and expectations, projects, value judgments, skills and the desire for the best welfare and highest quality of life that young people feel when they perceive their integration into the labour market. This relationship may predict a mismatch between job opportunities, projects and expectations of young people and a disparity between these job opportunities and their qualifications. From this central argument, I have set five profiles of young people who give expression to depopulation: the ambitious, those who seek proximity, those who have settled with city life, the few low skilled workers who emigrate, and finally those who do not identify with the county. The profiles of young people define themselves in the interplay between their individual provisions (*ambitions, plans, expectations and value judgments*) and the manner how these arrangements fit or not into different contexts (*place of origin / city*.) The ambition of some young people does not always contextualize in the place of origin, facilitating migration, while in other cases the exits are due to, among other things, failure to identify with the space of belonging. In these cases, the county does not attract young people that – in light of their provisions arrangements – seek to give effect to those arrangements, that is, to realize dreams, projects and expectations. Moreover, the allocation of these profiles is also due to the relationship between these arrangements and objective social conditions that define the youth. The poor qualifications of some young people motivate their external migration. On the contrary, the status of being married is the condition that predicts the desire to proximity /conformity. Finally, I would say that young people's individual provisions about their eventual return to the county are also diverse. The temporality where the possible return will occur depends on the profiles of the young people already described. Not all young people have the same plans about their return, because their projects, ambitions and biographies are varied and differ from each other.

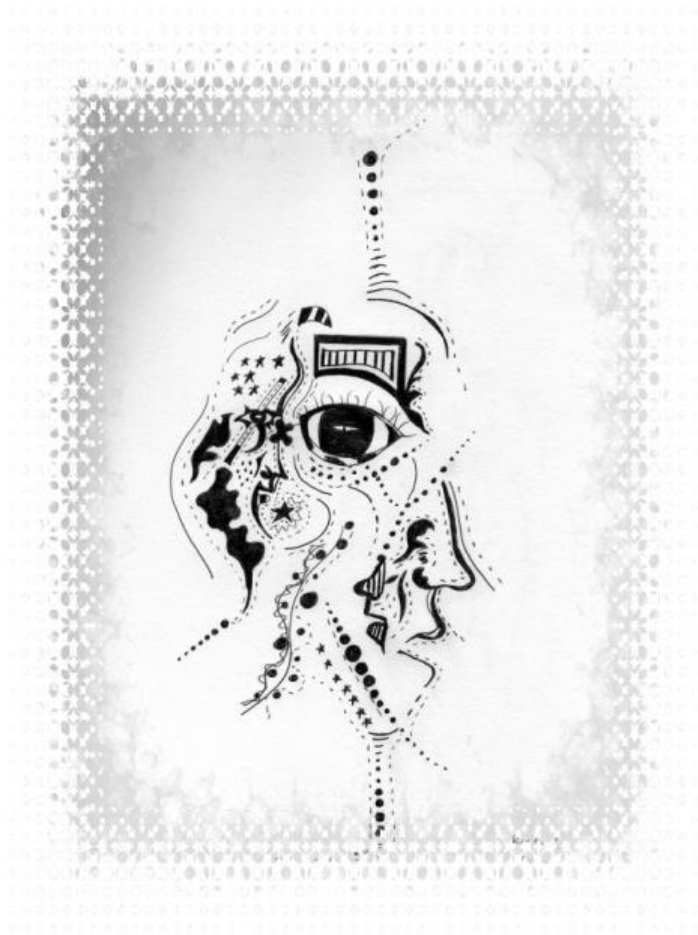
AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos normalmente fazem-se no final, como modo de mostrar a gratidão pela ajuda daqueles que contribuíram para o bom desempenho de um dado trabalho. O certo é que estes agradecimentos são, no fundo, somente a formalização dos mesmos, porque ao longo de todo este processo sempre fui agradecendo a todos os que me ajudaram e possibilitaram que, eu atingisse os meus objectivos.

Não gostaria de fazer uma hierarquia de agradecimentos, pois sei que cada um foi uma peça importante neste grande puzzle. Tal como os puzzles, não existem hierarquias, somente um modelo que permite um quadro com sentido.

Tenho consciência que sozinho não poderia realizar este trabalho, e toda ajuda, directa ou indirectamente, se tornou nos alicerces de uma obra que procura dar resposta a parte de um problema complexo: o despovoamento do interior. Não querendo mencionar nomes, pois sei que eles reconhecem a ajuda, agradeço a todos os que, implícita ou explicitamente, contribuíram para que este trabalho fosse uma realidade.

Coimbra: 2010
Paulo Baronet



**Com Especial Carinho
Para a minha Família:
(Judite Celeste Ferreira,
Nelsa, Anabela,
Sofia,
Jonas e Diogo,
Carlos e Hugo)**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	14
Hipóteses	16
Enquadramento Metodológico	17

PRIMEIRA PARTE **UMA VISÃO ESTATÍSTICA SOBRE O DESPOVOAMENTO**

I **TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS, EDUCACIONAIS E** **OCUPACIONAIS**

O concelho de Castro Daire	21
Localização Geográfica	21

1: Tendências Demográficas

Evolução da Mortalidade	22
Evolução da Natalidade	22
Evolução da Nupcialidade	23
Evolução da População	23
Evolução da Estrutura da População	25

2: Tendências Educacionais

Retrato Geral da Educação no Concelho de Castro Daire	26
---	----

3: Tendências Ocupacionais

Caracterização sócio-económica	27
Emprego	28

4: Principais Tendências: definição da Problemática	29
--	----

SEGUNDA PARTE
VISÃO MEDIÁTICA DO DESPOVOAMENTO

O que fala nos jornais sobre o despovoamento? -----32

TERCEIRA PARTE
DESPOVOAMENTO DO INTERIOR
Uma história do Presente

I
A EXPRESSÃO DO DESPOVOAMENTO

I: Dicotomias, Realidades e Transformações

O despovoamento e o Espaço -----39
O que se entende por Despovoamento?-----40
O despovoamento na sua expressão interna e externa-----41
Causas e Consequências do Despovoamento-----43
Algumas causas do despovoamento -----44
Certas Consequências do Despovoamento -----45

2: Os Jovens no Contexto do Despovoamento

Os Jovens e as suas Disposições -----46
As condições de fixação/vinculação local-----48
Os efeitos que os jovens inscrevem no contexto do despovoamento -----49
Os jovens e a transição entre a escola e o trabalho -----51
Como se dá a transição para o despovoamento?-----52

3: Os protagonistas do Despovoamento

No caso dos Emigrantes -----53
No caso de uma Freguesia do Alentejo Central: S. Bento de Ana Loura--54
Será o perfil traçado uma expressão exacta?-----54

4: As relações do mercado de trabalho com o despovoamento-

Jovens e a inserção na vida activa -----55
Desemprego Juvenil -----56

A natureza dos mercados de emprego -----	57
--	----

QUARTA PARTE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES NO CONTEXTO DO DESPOVOAMENTO

I

AS REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS NO CONTEXTO DO DESPOVOAMENTO

I: A tendência de Saída

Causas e consequências do despovoamento -----	60
É possível travar o despovoamento? -----	65
As imagens sobre o mercado local de emprego -----	66
Argumento -----	72

2: O que pensam os jovens sobre os protagonistas do despovoamento?

Quem sai e quem fica? -----	72
Portugal ou o Estrangeiro? -----	73
Um aspecto comum: a ambição -----	76
Argumento -----	76

II

AS PRÁTICAS DOS JOVENS NO CONTEXTO DO DESPOVOAMENTO

I: Perfis de jovens que definem a saída

Jovens que emigram com poucas qualificações -----	77
Jovens ambiciosos -----	78
Jovens que procuram uma aproximação -----	80
Jovens que se acomodaram á vida citadina -----	84
Jovens que não se identificam com o concelho -----	85
Argumento -----	87

2: O que têm em comum estes jovens

A visita regular ao concelho -----	88
------------------------------------	----

Os laços não fixam-----	89
A identificação com o concelho também não fixa! -----	91
A ausência de oportunidades de emprego-----	92
A decisão de sair não foi difícil -----	93
É na transição entre a escola e o trabalho que os jovens saem-----	94
Argumento -----	95

3: Perspectivas de Futuro-----95

Argumento -----	97
-----------------	----

Mas afinal: Cidade ou Campo: onde se vive melhor? -----98

Considerações Finais -----99

Referências Bibliográficas

Anexos

Epígrafe

- “Como diz que se chama a aldeia que se vê lá em baixo?

- Comala, senhor.

- Tem a certeza de que já é Comala?

- Tenho, Senhor.

- E porque é que tudo parece tão triste?

- São os tempos, senhor.

.....

- E que vai o senhor fazer a Comala, se se pode saber? - Ouvi alguém perguntar-me.

- Vou ver o meu pai – respondi.

- Ah! – disse ele.

E voltamos ao silêncio.

.....

- Que grande festa que lhe vai fazer – voltei a ouvir a voz do homem que ia ao meu lado – Ficaré contente por ver alguém depois de tantos anos sem que ninguém passasse por cá.”

(Rulfo, 2010a: 20)

“No entanto, de há alguns dias para cá, a Cuesta de las Comadres tinha-se ido desabitando. De tempos a tempos alguém se ia embora; atravessava o aprisco onde está o mastro e desaparecia entre as azinheiras, e nunca mais voltava a aparecer. Iam-se embora, só isso. E eu também teria ido de boa vontade ver o que havia mesmo atrás do monte que não deixava voltar ninguém; mas gostava do terrenozinho da Cuesta, e além do mais era bom amigo do Torricos... O facto é que, mesmo depois de os Torricos terem morrido, nunca mais cá ninguém voltou. Eu ainda estive à espera. Mas ninguém regressou. Primeiro cuidei-lhes das casas; remendei os tectos e pus ramos nos buracos das paredes; mas vendo que tardavam a regressar, deixei-as em paz. Os únicos que nunca deixaram de vir foram os aguaceiros de meados do ano, e esses vendavam-se que sopram em Fevereiro e que estão sempre destapar-nos a manta. De vez em quando também vinham os corvos a voar muito baixinho e grasnando alto como se pensassem que estavam nalgum lugar habitado. Assim continuaram as coisas mesmo depois de os Torricos terem morrido.”

(Rulfo, 2003b: 18-19)

NOTA AUTOR

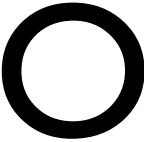
Esta dissertação contém um esquema mental que sintetiza as ideias gerais que sustentam este estudo.

INTRODUÇÃO

“Eu sai de Castro Daire mas não sai porque o coração é castrense. Existe um grande laço, um grande laço mesmo com Castro Daire e existem várias actividades que me fazem voltar a Castro Daire como o jantar com os amigos que são de Castro Daire e estão em Lisboa. São várias as actividades e isso é importante para continuarmos a ter este laço com Castro Daire. Esta saída de Castro Daire é para um desenvolvimento profissional, é para uma estabilidade financeira mas acredito que todos os castrenses têm o desejo de voltar para Castro Daire dado que a sua nascença foi em Castro Daire, a sua formação pessoal foi em Castro Daire, agora enquanto não existirem condições em Castro Daire para um desenvolvimento profissional esta vinda para Castro Daire é quase impossível.”

Jovem Consultor Informático em Lisboa

INTRODUÇÃO

 trabalho que agora apresento é fruto do esforço de tentar dar resposta a uma pergunta de partida: “*Quais são as razões que levam os jovens em idade activa, do concelho de Castro Daire, a saírem do local de origem? Quem são esses jovens e que perspectivas de futuro têm?*” A inquietação de dar resposta a estas perguntas, derivam de uma constatação: de facto, o concelho de Castro Daire tem vindo a perder população. Uma perda que se traduz em termos estatísticos, nas baixas taxas de natalidade e nupcialidade que conduzem consequentemente a um proeminente envelhecimento da população. Entre 1991 e 2001, Castro Daire, enquanto concelho, perdeu 1166 pessoas, de entre os quais destacamos um peso forte de jovens em idade activa.

Tomei como objecto de estudo os jovens entre os 18 e os 35 anos, porque são estes jovens, os autênticos protagonistas do despovoamento que ocorre no concelho de Castro Daire.

O despovoamento é uma migração, e como o próprio significado o indica, implica uma saída, uma perda, uma ausência, que poderá assumir as formas de definitiva, temporária, sazonal ou pendular. No entanto, independentemente da sua forma, o despovoamento, acarreta inúmeras consequências para os espaços e para os territórios locais. Inserido no seu contexto próprio, o despovoamento tem implicações no desenvolvimento dos locais onde ele ocorre, quer seja nos centros das cidades que se vêem hoje em dia com o problema nas mãos de verem a sua população migrarem para as periferias; quer seja os meios rurais que se deparam com um complexo problema que desconfigura toda a sua morfologia social, económica e cultural. O estudo que apresento, remete para o despovoamento em meios rurais.

Nos capítulos que se seguem procuro dar uma visão alargada do problema. Para isso recorro a dados estatísticos, dos quais procuro definir tendências que expressam a realidade problemática do despovoamento. Apresento, também uma visão mediática do despovoamento, uma vez que analisei na transversal, notícias do jornal o Público para assim, criar um efeito actual do problema. O quadro teórico serviu para provocar as conclusões e confronta-lo com os resultados das entrevistas que realizei.

Este trabalho é estritamente exploratório. E servirá como ponto de partida para o aprofundamento da realidade e da complexidade do problema.

O despovoamento é uma migração. E enquanto tal, tem o poder de transformar os espaços e a sua dinâmica e implementar problemáticas, das quais muitas não têm, no curto espaço de tempo, uma solução à vista. O envelhecimento e a desertificação humana entre outros, são o expoente possível deste problema. Para agravar o problema do despovoamento, deparamos que o Governo pouco tem feito para injectar nos espaços rurais um pouco de vida. Há quem o acuse de ser, em parte, o mentor deste problema, ao encerrar escolas, tribunais, maternidades e centros de saúde, ao mesmo tempo que promove um investimento no litoral em detrimento do interior. No presente ano lectivo (2010/2011), vão fechar no concelho de Lamego 21 escolas com menos de 20 alunos. Este facto alarmou o bispo de Lamego, D. Jacinto Botelho que declara que, esta decisão, no entender do prelado, só vem agravar o problema já forte da desertificação humana do concelho. (Faria, 2010 in Público 2010) Do mesmo modo João Ferrão afirma que, o encerramento de escolas pode ter um impacto na coesão territorial, porque o encerramento das escolas do Ensino Básico em algumas circunstâncias, pode ser o suficiente para matar uma aldeia. (Ribeiro e Faria, 2010 in Público 2010)

Compreendendo as implicações do despovoamento, procuro neste ensaio, defender o argumento de que o despovoamento, em meios rurais, deve-se à relação que existe entre: as «oportunidades de emprego» e as habilitações, os projectos, as expectativas, os juízos de valor e o desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida, que os jovens têm e sentem quando interpretam a sua inserção no mercado de trabalho. Nesta relação poderá ocorrer uma discrepância entre as oportunidades de emprego e os projectos, as expectativas e o desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida, e uma descoincidência entre as oportunidades de emprego e as habilitações dos jovens. Este cenário aparenta ser o contexto provável para que o despovoamento se afirme nos meios rurais.

O despovoamento do território não é um problema de hoje. Ele, de facto, faz parte da história da humanidade. No entanto, os contornos com que se reveste hoje em dia e as consequências imediatas que implementa, tornam este problema um grande desafio ao poder central e local. Quem entender minimamente as consequências futuras deste problema, consciencializar-se-á que não se pode ficar indiferente ao mesmo, porque em causa está o desenvolvimento do País e a qualidade de vida e o futuro das populações e dos territórios.

HIPÓTESES

Em termos de hipótese, creio que, existe uma tendência para os jovens saírem do concelho de Castro Daire. Essa tendência de saída no meu prisma de análise, prendem-se com as seguintes hipóteses:

1. É na transição, entre a escola e o trabalho, que os jovens definem as suas trajectórias de saída, dependendo essa saída fortemente da forma como os jovens percebem e definem a sua inserção no mercado de trabalho;

2. O nível de desenvolvimento periférico do Concelho não proporciona um mercado de trabalho com oportunidades de emprego para todos os jovens, impossibilitando até nalguns casos, a inserção profissional de certos jovens, que só terão como solução a própria saída; uma vez que associado ao emprego está o desejo da independência monetária, estabilidade e o melhor bem-estar e a máxima qualidade de vida.

3. Dada a natureza do mercado de trabalho, poderá acontecer, por um lado: uma discrepância entre as oportunidades de emprego e os projectos, as expectativas e o desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida que os jovens sentem quando interpretam a sua inserção no mercado de trabalho, e por outro lado; uma descoincidência entre as oportunidades de emprego e as qualificações dos jovens; favorecendo estas duas hipóteses, a saída dos jovens do concelho;

No entanto, e podendo ser essa tendência de saída uma realidade, poderá haver condições de fixação local, que facilitem a fixação ou pelo menos a vinculação dos jovens ao nível Local. Essa possível fixação/vinculação, estarão associadas às seguintes hipóteses:

1. A família e os amigos são importantes factores de fixação local;
2. A identificação com o local de origem e o sentimento de pertença associado, poderão facilitar a fixação dos jovens no concelho;
3. Será a identificação com o local de origem e o sentimento de pertença, associado aos laços que unem os jovens ao concelho (Família e Amigos), condições

relevantes para que certos jovens, ponderem regressar ao concelho, numa perspectiva de futuro.

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

A dissertação, por mim elaborada, é o resultado da articulação de diversas etapas, que permitiram construir e configurar esta dissertação, enquanto um todo articulado e coerente nas formas que a compõem.

Numa fase inicial, e como qualquer estudo, tive o cuidado de escolher referências bibliográficas, que me permitissem, dada a sua pertinência, definir um quadro teórico e analítico, que me facilitasse todo o restante procedimento de investigação. O levantamento bibliográfico e as posteriores leituras de exploração, tornaram-se a “porta” de acesso a um universo teórico que me possibilitou conhecer melhor a problemática em torno dos processos de despovoamento. No entanto, terei que salientar que tive dificuldade em encontrar bibliografia que tratasse esclarecidamente e aprofundadamente o tema do despovoamento. Senti ao longo de todo o levantamento bibliográfico que o tema do despovoamento ainda não está devidamente explorado, com excepção da sua relação com as noções de desenvolvimento local. No entanto, e apesar de pender parcialmente a minha análise para essa questão, não é de facto o meu objecto de estudo. No fundo, o que desejei compreender não foram tanto as consequências do despovoamento mas o processo em si: a forma como ele ocorre na vida dos jovens, as razões da sua existência, a relação dos jovens com o concelho numa perspectiva de futuro, os perfis de jovens que tendem a sair, as representações e as expectativas dos jovens sobre o concelho e o seu processo de despovoamento.

Ainda, nesta fase inicial, procedi ao levantamento de estatísticas sobre as tendências demográficas, ocupacionais e educacionais do concelho de Castro Daire, de modo a definir a problemática que gira em torno do despovoamento do território.

Para ter uma visão pública e mediática do problema, recorri a análise de algumas notícias do jornal o Público e pesquisei na plataforma da internet conteúdos que me esclarecessem sobre o problema. Num segundo momento, para atribuir sentido ao quadro teórico que desenvolvi, recorri aos métodos e técnicas de investigação sociológica necessários, para que pudesse verificar se o mesmo quadro teórico e as hipóteses associadas são válidos na forma como interpretam o real; neste caso

interessei-me em saber os motivos do despovoamento associados às representações, as expectativas sociais e os juízos de valor que operam como factores de decisão, em torno de todo o processo de desvinculação em relação ao local de origem.

A abordagem metodológica que assumi é uma abordagem qualitativa. Nas palavras de Carlos Moreira “a abordagem qualitativa parte, precisamente, do pressuposto básico de que o mundo social é um mundo construído com significados e símbolos, o que implica; a procura dessa construção e dos seus significados.” (Moreira, 2007: 49)

No estudo interessei-me em compreender as representações sociais dos jovens, enquanto formas de interpretar e representar o real, mas também as práticas que definem todo o processo de saída. As representações e as práticas destes jovens são diversas e multifacetadas, e definem diversos perfis de jovens que tendem a sair do concelho. Foi igualmente interessante, conhecer as expectativas que os jovens sentem em relação ao seu processo de saída, o meio envolvente e as perspectivas de futuro. Uma vez que pretendi compreender as representações, as expectativas sociais e os juízos de valor que os jovens sentem quando interpretam a sua relação com o concelho, recorri metodologicamente ao uso de entrevistas. Como salienta Luc Albarello [et al] “a entrevista é o instrumento mais adequado para delimitar os sistemas de representações, de valores, de normas veiculadas por um indivíduo.” (Albarello et al, 1997: 89)

No que concerne aos diferentes tipos de entrevistas, segundo o grau de liberdade, recorri à chamada entrevista semi-directiva porque é o tipo de entrevista que melhor me permite aprofundar o tema em questão. Procurei aprofundar o meu tema através de entrevistas de estudo, para assim poder dar um contributo na explicação e no esclarecimento das causas do despovoamento, os perfis de jovens que tendem a sair e as suas perspectivas de futuro. Tive assim, como objectivo; a obtenção de informações de ordem cognitiva: isto é; as representações sociais que os jovens têm em relação a si próprios, ao meio em que se inserem; em relação às suas trajectórias ou potenciais trajectórias, etc., etc. ... Mas também, obtive informações de ordem afectiva, que passaram, por exemplo; em saber como é que os indivíduos ressentem a sua potencial desvinculação em relação ao local de origem, que atitudes pretendem tomar numa perspectiva de presente ou de futuro ou qual a vivência actual dentro ou fora do espaço social de origem. (Ghiglione e Matalon, 1997: 81)

A amostra de jovens entrevistados é de vinte e quatro jovens, dos quais doze são mulheres e doze homens, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos. Todos estes vinte e quatro jovens, independentemente do género e da idade, têm em comum, o facto de todos terem saído do concelho de Castro Daire. A selecção dos jovens teve em consideração quatro variáveis, a saber: género, idade, estado civil e habilitações literárias. No entanto terei que mencionar que tenho uma amostra pouco significativa de jovens que emigraram e que têm poucas qualificações. Em concreto somente consegui entrevistar um jovem, por mera sorte. Defendo-me desta falha com os seguintes argumentos. Primeiro, este grupo de jovens já está perfeitamente estudado pelos diversos autores que se centram na questão da emigração, pelo que penso que as minhas conclusões sobre este perfil de jovens, não acrescentariam muito ao que já está debatido. Em segundo lugar, esta falha deve-se à dificuldade de encontrar este perfil de jovens no concelho, porque o período em que foram feitas as entrevistas não é um período normal de férias dos emigrantes, salvo claro algumas excepções.

As entrevistas, permitiram-se compreender e aprofundar os meus objectivos propostos, confirmando ou anulando as hipóteses que coloquei como fios condutores de todo o processo de investigação.

Por fim, procedi ao tratamento das entrevistas, de forma a fazer a ponte, entre o quadro teórico e os dados empíricos, dando assim ao trabalho, um corpo articulado entre os ingredientes teóricos e as disposições empíricas.

PRIMEIRA PARTE

UMA VISÃO ESTATÍSTICA SOBRE O DESPOVOAMENTO

Como todas as experiências... As novas coisas que aprendemos...ee... São sempre novas experiências, são sempre novas oportunidades... As pessoas começam a ver as coisas de outra maneira, a ter uma mentalidade mais aberta para o futuro e... Sim.

Jovem Emigrante na Suíça

TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS, EDUCATIVAS E OCUPACIONAIS

Não querendo traçar uma complexa análise estatística sobre as tendências associadas ao despovoamento do território, procurarei, nesta fase do trabalho, esboçar em termos sintéticos a forma como gravitam as tendências (*demográficas, ocupacionais e educativas*), na orbita do despovoamento do território ocorrido no concelho de Castro Daire. Vejamos então, como gravitam as tendências (*demográficas, educativas e ocupacionais*), na orbita do despovoamento ocorrido no concelho.

O concelho de Castro Daire

Localização Geográfica

O concelho de Castro Daire encontra-se situado na Região Centro (NUT II), no Distrito de Viseu e está inserido na sub-região Dão/Lafões (NUT III).



Em termos territoriais ocupa um perímetro equivalente a 382,2 Km² que compreende no seu interior a um conjunto de 22 freguesias: Almofala, Alva, Cabril, Castro Daire, Cujo, Ermida, Ester, Gafanhão, Gosende, Mamouros, Mezio, Mões, Moledo, Monteiras, moura Morta, Parada de Ester, Pepim, Picão, Pinheiro, Reriz, Ribolhos e São Joaquinho. Deste agregado de freguesias somente Castro Daire e Mões, têm o estatuto de Vilas, sendo as restantes consideradas, por enquanto, como aldeias.

O concelho de Castro Daire é deste modo singular, um espaço tipicamente rural, não só pelo conjunto de aldeias que o compõem e o definem em termos de arranjo, mas também em termos das tradições e da forma como a vida é sentida, vivida e interpretada. O concelho de Castro Daire é tipicamente caracterizado por um relevo montanhoso que configura ao nível da paisagem diversos vales, que descem até ao rio Paiva, afluente do Douro, que nasce em Vila Nova de Paiva e desagua em Castelo de Paiva. Segundo o diagnóstico da Rede Social da Câmara Municipal de Castro Daire, o concelho é composto por três áreas distintas: a denominada Beira Serra, composta por ribeiros e vales, a Serra de Montemuro e o Vale do Rio Paiva. Estes elementos paisagísticos são vitais na configuração natural, social e cultural dos modos e estilos de vida das pessoas autóctones. (Câmara Municipal de Castro Daire, 2010) O meio físico e natural, confere assim, um cunho próprio, na forma como as pessoas locais vivem e se reproduzem ao nível económico, cultural, etnográfico e arquitectónico.

I: Tendências Demográficas

Evolução da Mortalidade

A taxa de mortalidade no concelho de Castro Daire, tem acompanhado a tendência de diminuição, que ocorre tanto na Região Dão-Lafões, Centro e Portugal Continental. No entanto, e apesar dessa diminuição, o concelho de Castro Daire apresenta, em grosso modo, valores superiores, comparativamente às regiões atrás mencionadas.

Em 1992 Castro Daire apresentava uma taxa bruta de Mortalidade de 14.1%, tendo diminuído em 2001 para 13.8%. Previu-se que em 2008 a taxa bruta de mortalidade do concelho de Castro Daire seria de 12.80%, o que revela que existiram condições gerais que permitiram esta evolução positiva da taxa bruta de mortalidade. (INE, 2010c) **(Ver anexo I)**

Evolução da Natalidade

No que concerne a evolução da taxa de natalidade, constato, segundo os dados do INE, que existe marcadamente uma diminuição da natalidade, quer no concelho de Castro Daire, quer na região Dão-Lafões, Centro e Portugal Continental. No entanto,

e apesar de esta diminuição ocorrer nas várias regiões, é de salientar que, em Castro Daire essa diminuição é mais drástica e acentuada. Enquanto que, de 2002 a 2008, Portugal teve uma quebra de natalidade de somente 1.7%; o Centro de 1.8%; a Dão-Lafões 2.9%; é de reparar que Castro Daire assumiu uma quebra de natalidade, entre 2002 – 2008 de 5.5%. (INE, 2010d) **(Ver anexo 2)**

Poderá deduzir-se que essa perda de natalidade se deverá a factores hipotéticos como: as alterações nas estruturas familiares, as conjunturas económicas, diminuição da nupcialidade, o despovoamento e a emigração que prevêm uma saída exponencial de jovens em idade activa.

Evolução da Nupcialidade

A taxa de nupcialidade em Castro Daire, não contraria as tendências verificadas tanto para, Dão-Lafões, o Centro e Portugal Continental. No entanto, Castro Daire enquanto concelho, denota uma particularidade interessante. Enquanto houve uma diminuição da taxa de nupcialidade, para as restantes regiões, desde 1995 e 2001, Castro Daire, manteve em 2001 a mesma taxa que tinha em 1995 (7.40%). Somente entre 2001 e 2008 é que Castro Daire, acompanha a tendência regressiva da taxa de nupcialidade já verificada anteriormente nas regiões de Dão-Lafões, Centro e Portugal Continental. (INE, 2010e) **(ver anexo 3)**

Evolução da População

O concelho de Castro Daire não contraria os padrões que actualmente definem e caracterizam os meios tipicamente rurais. O INE, previu que em 2008 existissem no concelho de Castro Daire, um total de população de 16503 habitantes. (INE, 2010f) Se analisarmos os dados dos censos da população, constatamos que, desde 1991 até 2001, o concelho de Castro Daire perdeu 1166 pessoas. (INE, 2010a/b) Este facto revela o que afirmei anteriormente. De facto, o concelho de Castro Daire não somente não contraria os padrões que actualmente definem as regiões do Interior, como também, em certos casos, consegue assumir cenários mais dramáticos, do que propriamente, a região de Dão-Lafões, o Centro e até Portugal Continental.

O concelho de Castro Daire apresenta assim, em termos demográficos, uma tendência dramática de diminuição da sua população, que pelos vistos não tem uma previsão positiva e futura de crescimento. Isso significa que, a diminuição da população residente desvaloriza uma possível tendência de crescimento demográfico. A evolução do movimento demográfico é assim, e como poderá verificar no **(anexo 4)**, uma evolução negativa que materializa uma tendência de cariz descendente. Quando analisada a distribuição da população por freguesias, o que se constata é que, existem concretas e notórias assimetrias populacionais entre as freguesias, o que revela que não existe um crescimento equitativo da população. As freguesias com um peso repulsivo maior são: Cabril (-25.6%), Almofala (-23.7%), Picão (23.1%), Moledo e Ermida (20.6%). São estas freguesias. aquelas que expõem mais população para as freguesias de Castro Daire e Mões e para fora do Concelho. **(ver anexo 5)** É esse facto que confirma o crescimento positivo da população de Castro Daire e Mões, apesar de, como já vimos anteriormente, a população do concelho denotar uma evolução negativa que materializa uma tendência de cariz descendente. (Câmara Municipal de Castro Daire, 2010)

A variação da população residente entre 1991 e 2001 é assim, francamente e expressivamente negativa em Castro Daire, comparativamente a Dão-Lafões e o Centro, que expressam uma variação positiva do total da população residente entre 1991 e 2001. (INE, 2010a/b) **(ver anexo 6)**

A variação total da população residente segundo os grupos etários, revela três aspectos importantes que devo salientar. O primeiro, o de que se verifica taxas negativas para as idades entre os 0 -14 anos, em todas as regiões (*Castro Daire, Dão-Lafões e Centro*) Este aspecto estará, hipoteticamente, relacionado com a diminuição da natalidade e da nupcialidade, que em geral tem vindo a diminuir para essas regiões, desde 1991 – 2001. (INE, 2010d/e) **(ver anexo 7)**

Castro Daire é nesta faixa etária (0 – 14), a região que demonstra ter a variação total da população mais negativa, que directamente estará relacionado com o facto de Castro Daire apresentar as menores taxas de natalidade e de nupcialidade, comparativamente com as restantes regiões. O mesmo cenário é patente na faixa etária (15-24). No entanto, nesta faixa etária, ocorre um segundo efeito: o da saída de jovens que atingem a idade activa e poderão acabar por sair do concelho, contribuindo

para que a variação total da população seja negativa. Penso ser uma hipótese digna de reconhecimento. **(ver anexo 7)**

Em segundo lugar é de salientar que somente Castro Daire exprime uma variação negativa do total da população, para a faixa etária dos (25-64) anos. Tanto a Dão-Lafões como o Centro exprimem variações positivas do total da população residente.

Por fim todas as três regiões, apresentam variações positivas na faixa etária (65 ou +), sendo Castro Daire aquela região que apresenta a variação mais baixa. (INE, 2010a/b) **(ver anexo 7)** A variação positiva verificada deve-se-á, ao aumento do envelhecimento que é consequência de uma série de factores, tais como: a diminuição da mortalidade, os avanços na medicina e nos serviços de saúde que permitiram o aumento da esperança média de vida.

Evolução da estrutura da população

A estrutura da população é um elemento caracterizador das sociedades e das comunidades em geral. A estrutura da população permite-nos compreender a estrutura de relações sociais e a dinâmica de um dado espaço social. O concelho de Castro Daire verifica paralelamente um declínio demográfico impulsionado pela tendência de saída dos jovens em idade activa e um respectivo envelhecimento da população. Estes dois factores estão estritamente correlacionados. Ao declínio demográfico accionasse a proeminência do envelhecimento da população. O despovoamento, penso; ser a grande razão que justifica estas duas tendências. Isto significa que existe uma relação complexa entre variáveis. A saída dos jovens em idade activa poderá diminuir a taxa de nupcialidade e consequentemente a taxa de natalidade. Diminuindo a taxa de natalidade torna-se difícil renovar as gerações e dá-se um dramático envelhecimento da população. A diminuição da taxa de mortalidade, entra em cena no sentido de reforçar esse envelhecimento e aumentar a esperança média de vida da população. Como se pode verificar no **(anexo 8)**, a configuração da estrutura etária do concelho é fortemente marcada pela perda de população jovem e pelo aumento da população idosa. (Câmara Municipal de Castro Daire, 2010)

Perante o que foi dito, coloca-se a seguinte questão: Será que o despovoamento é realmente a origem de todas as tendências que vimos anteriormente? E que Interior teríamos se não existisse despovoamento? Se os jovens não saíssem do concelho de

Castro Daire, será que este seria mais desenvolvido? Só para compreender o drama que vive actualmente o concelho de Castro Daire, apresento-vos a evolução das pirâmides etárias desde 1950 até 2001. (INE, 2010a/b) **(ver anexo 9)** Poderão constatar que em cinco décadas, o concelho sofreu uma profunda transformação, não no sentido de um potencial desenvolvimento da sua estrutura populacional, mas no sentido de um cenário onde o que impera é a falta de jovens e a abundância de idosos.

2: Tendências Educacionais

A escolaridade é fundamental em cada estágio de desenvolvimento, uma vez que ela permite dotar os espaços de infra-estruturas próprias para o exercício da educação, mas permite também avaliar o capital humano dos jovens de uma dada região. (Hespanha e Vieira, 2007) A educação é o meio e o fim de todo um processo de amadurecimento e de aquisição de conhecimentos, que capacita os jovens na sua inserção na vida adulta e activa. A educação define trajectórias e consequentemente define o curso de vida dos jovens.

Retrato geral da educação no concelho de Castro Daire

Segundo o GEPE, INE existiriam em 2006, 16732 habitantes no concelho de Castro Daire, dos quais 2771 seriam jovens estudantes. Constata-se que no ano lectivo de 2006/07 as taxas de escolaridade analisadas para o concelho de Castro Daire, estão abaixo da NUTS II, III e Continente, para os escalões do ensino básico – 2º ciclo e secundário. No entanto o concelho apresenta taxas superiores para os restantes escalões (pré-escolarização, ensino básico, ensino básico - 1º e 2º ciclos), comparativamente com as regiões NUTS II, III e Continente. (GEPE, 2010a) **(ver anexo 10)**

Como podemos verificar no **(anexo 11)**, o concelho de Castro Daire tinha em 1991 uma taxa de analfabetismo bastante superior à região Dão-Lafões, que numericamente expressa uma taxa de analfabetismo 9.7% superior. Apesar de se notar uma diminuição da taxa de analfabetismo entre 1991 e 2001, o concelho de Castro Daire ainda assume uma taxa de analfabetismo 6.4% mais alta que a região de Dão-Lafões. (Câmara Municipal de Castro Daire, 2010) Verificamos assim, uma melhoria da

taxa de analfabetismo, apesar de esta ainda ser bastante superior à região de Dão-Lafões.

Em termos educativos é sempre importante analisarmos os índices de abandono e retenção, pois estas duas variáveis permite-nos avaliar o estado e a natureza da educação, quer seja para uma dada região, quer se trate de um panorama nacional. No que se refere a taxas de retenção e desistência, poderei, baseado nos dados do GEPE dizer que, no ano lectivo de 2006/07, o concelho de Castro Daire apresentou taxas de retenção e desistência superiores às NUTS II, III e o Continente, nos escalões do ensino básico – 1º e 3º ciclo. No entanto os restantes escalões (ensino básico – 2º ciclo e secundário), denotam taxas inferiores às verificadas nas NUTS II, III e o respectivo Continente. (GEPE, 2010b) **(ver anexo I2)**

Com uma população concelhia de 16.732 habitantes, as escolas do concelho de Castro Daire matricularam no ano lectivo de 2006/07, 2.771 alunos, sendo que o escalão que obteve mais matrículas ser o ensino básico – 3º ciclo com 730 alunos. Por sua vez foi o escalão do ensino básico – 2º ciclo, aquele que matriculou menos alunos (347). (GEPE, 2010c) **(ver anexo I3)**

Se analisarmos a população residente em 2001, segundo o nível de ensino atingido, verificamos que existe uma significativa percentagem de residentes sem nenhuma habilitação (16.2%) e pouquíssimas pessoas com o curso médio (0.3%) ou superior (3.7%). **(ver anexo I4)** Apesar de os residentes com curso superior serem bastante superior aos de curso médio, ainda apresentam uma expressão residual no que toca à frequência ao ensino superior, comparando com os outros escalões. Em termos gerais poderemos dizer, e baseando-nos nos censos de 2001, que o nível de ensino característico da população do concelho de Castro Daire ser, o ensino básico – 1º ciclo (43.9%) e 2º ciclo (13.9%). (Câmara Municipal de Castro Daire, 2010) **(ver anexo I4)**

3: Tendências Ocupacionais

Caracterização sócio-económica

O arranjo sócio-económico do concelho de Castro Daire tem vindo a alterar-se com o passar do tempo. Essas mudanças reflectem-se nas tendências que definem a

realidade do concelho. Como um espelho da conjuntura nacional, o concelho de Castro Daire viu a sua taxa de actividade diminuir de 35.2% em 1991, para 35.0% em 2001. (INE, 2010a/b) **(ver anexo 15)**

Este facto revela que a taxa de actividade da população activa, acompanha em termos regressivos, a perda demográfica que caracteriza o concelho, mas também as regiões do Interior. Este será um reflexo espelhado da saída dos jovens do concelho, a par do galopar do desemprego, que se apresenta como uma variável mensurável, para se compreender como ocorrem as mudanças sócio-económicas de uma dada região.

Como não poderia deixar de o ser, as regiões do interior, apesar de denotarem um modelo de desenvolvimento menor e periférico em relação aos grandes centros, não ficam à margem das mudanças estruturais e conjunturais que ocorrem na sociedade. Castro Daire não foi excepção, e desde 1991 a 2001, assistiu a uma evolução significativa da população activa por sectores de actividade. (INE, 2010a/b) **(ver anexo 16)**

Se, em 1991 o sector primário era significativamente a expressão maior da taxa de actividade (55%), seguido do sector terciário (27%) e por fim do sector secundário (18%), poderá verificar que o **(anexo 17)** expressa realidades diferentes para o ano de 2001. O sector primário passa a ser o sector de actividade com a menor taxa de actividade (22%), assistindo-se a um aumento do sector secundário (29%) e um cavalgar do sector terciário (49%), que se assume em 2001 como o principal sector de actividade do concelho. (INE, 2010a/b)

Emprego

O mercado de trabalho é um indicador preciso do nível de desenvolvimento de uma dada região. E será a partir do mercado de trabalho que podemos compreender o modo como se processam a inserção ou a repulsão da população a nível do concelho. Podemos, assim, afirmar que as trajectórias sócio-profissionais são um espelho da realidade e da natureza de um dado mercado de trabalho.

Com uma população economicamente activa, em 2001, de 5946 pessoas, o concelho de Castro Daire apresentava uma taxa de desemprego de 9.3% e uma taxa de actividade de 35%. (INE, 2010a/b) **(ver anexo 18)**

Como pode verificar no **(anexo 19)**, houve um aumento significativo, entre 1991 e 2001, da taxa de desemprego. Em termos de género, podemos claramente afirmar que são as mulheres as principais vítimas deste flagelo, verificando-se um aumento no dobro da taxa de desemprego (8.3% em 1991 para 16.9% em 2001) No caso dos homens não se verifica excepção. Também eles viram aumentar quase no triplo a sua taxa de desemprego, apesar de no entanto, denotarem uma taxa de desemprego menor que as mulheres (1.8% em 1991 e 5.1% em 2001). (INE, 2010a) **(ver anexo 20)** É de realçar que entre 2004 e 2009 para o mês de Janeiro, foi o novo emprego a situação que levou mais pessoas ao desemprego. Contrariamente, a situação de primeiro emprego, denota valores bastante baixos de desemprego para os respectivos períodos.

Por outro lado verifica-se que entre 2004 e 2009 (Janeiro) foi o grupo etário dos 35-54 anos, aquele que mais incidiu no desemprego, seguido logo do grupo de 25-34 anos. **(ver anexo 21)** Em termos de escolaridade são as pessoas com o nível de 1º ciclo, as que assumem a maior expressão a nível do desemprego. Em seguida surgem os desempregados que atingiram somente o 2º ciclo. (IEFP, 2010) **(ver anexo 22)**

Em termos fortes poderia definir as características dos desempregados no concelho de Castro Daire, do seguinte modo:

- As mulheres são as maiores vítimas do desemprego;
- Há uma percentagem grande de desempregados com idades entre 35-54 anos, seguido da faixa etária 25-34 anos;
- Em termos de escolaridade, o grosso modo dos desempregados têm o 1º e 2º ciclos.
- E é o novo emprego a situação que conduz mais pessoas ao desemprego.

(IEFP, 2010)

4: Principais tendências: Definição da problemática.

O despovoamento ocorrido no concelho de Castro Daire está, à luz do meu pensamento, estritamente relacionado com algumas das tendências que caracterizam o concelho. Assim, podemos constatar que verifica-se um acentuado declínio

demográfico que define uma tendência de cariz descendente e que desvaloriza um possível crescimento demográfico. Paralelamente, sucede um envelhecimento da população que se tem agravado desde 1950 até à actualidade. (INE, 2010a/b) A estrutura da população do concelho é caracterizada pela perda de população jovem e economicamente activa e uma proeminência de uma população cada vez mais idosa. Ao nível das freguesias verifica-se, de igual modo, uma perda significativa da população, que ocorre num contexto assimétrico e desigual. A expressão desta realidade estará associada à diminuição da natalidade e da nupcialidade, à saída dos jovens do concelho e a diminuição da mortalidade. (INE, 2010c/d/e) Todas estas três variáveis operam como factores decisivos para que hajam cada vez menos jovens e um aumento da população idosa.

O declínio demográfico repercute-se de igual modo na estrutura educacional do concelho, determinando um número cada vez menor de jovens que ingressam no sistema de ensino. Em termos educacionais, a população concelhia em grosso modo é detentora do grau de ensino básico – 1º e 2º ciclos, sendo residual a população que em 2001 tem um diploma ao nível do curso médio ou superior. (Câmara Municipal de Castro Daire, 2010) No que concerne aos elementos sócio-económicos, o que se constata é que existe uma diminuição da taxa de actividade entre o período de 1991 e 2001, acompanhado pela evolução da população activa por sectores de actividade, já que em 2001 o sector terciário passa a ser o sector com a maior percentagem de população activa em detrimento do sector primário que, aliás, era o principal sector de actividade em 1991. (INE, 2010a/b)

O declínio demográfico poderá ser também uma consequência dos elevados níveis de desemprego verificados no concelho, já que na falta de um emprego, as pessoas poderão acabar por sair. Poderão ver no **(anexo 23)**, como se poderá definir em termos esquemáticos a problemática do despovoamento do território.

SEGUNDA PARTE

VISÃO MEDIÁTICA DO DESPOVOAMENTO

“Surgiu a oportunidade de emprego em Vila Franca no hospital... Agarrei com todas as unhas e dentes e fui e já lá estou há 3 anos e meio, mas desde que lá estou tem sido... Passei por momentos muito difíceis... Claro, muito tempo sozinha... Principalmente no início, sem conhecer ninguém... ee... Mas tudo se conseguiu e desde que lá estou tenho evoluído muito em termos profissionais, como pessoa tenho aprendido muito e tenho alargado os meus conhecimentos, porque aqui as oportunidades de aprendizagem também são um bocadinho fechadas, em que cursos de formação continua há poucos e lá é um leque enorme e dá para uma pessoa melhorar muito o currículo que também é o que conta muito hoje em dia... Experiência profissional e um bom currículo e... ee... aa... Neste momento sinto-me bem, claro que quero regressar, mas, como as coisas estão difíceis não sei, se calhar vou... Prá já, ficar por lá, porque não tenho conseguido nada... aa... Lá estou-me a conseguir fixar em termos de emprego... Também tenho um grande grupo de amigos que são colegas. E prá já, tem sido isso.”

Jovem Enfermeira a trabalhar em Vila Franca

O QUE SE FALA NOS JORNAIS SOBRE O DESPOVOAMENTO

O despovoamento do território é uma realidade geográfica complexa que desconfigura a morfologia e a estrutura social dos espaços. Inerente ao despovoamento está interligado um conjunto de problemáticas que, com maior ou menor incidência, ajuda a definir a morfologia dos espaços, quer eles sejam rurais ou urbanos.

Uma dessas problemáticas é o crescente e exponencial envelhecimento da população que o processo de despovoamento determina, uma vez que, em geral, são os jovens em idade activa que saem com mais frequência dos locais de origem, no caso dos meios rurais e dos centros históricos quando se trata da população citadina, rumo aos grandes centros, estrangeiro e as periferias.

A cimeira de Estocolmo realizada em 2001, deu um passo importante ao reconhecer que o verdadeiro problema dos países da Europa é, sem margens de dúvidas, o envelhecimento da população. De facto, os países da Europa, têm um grande desafio demográfico pelas mãos, uma vez que a população idosa aumenta, enquanto na outra face da moeda, a população activa diminui. A melhoria da mobilidade do trabalho, maior flexibilidade e mais reformas económicas, pareceram ser as soluções encontradas pela cimeira, para fazer frente ao desafio que faz parte da agenda do dia. (Davidson *in* Público, 2001)

Em Portugal são diversas as regiões que envelhecem, dada a sua relação com o despovoamento. O despovoamento estará assim, na base do progressivo envelhecimento da população, que se aparenta como uma fatalidade à qual muitas regiões não conseguem escapar.

“A área transfronteiriça entre Guarda e Salamanca perdeu 58 por cento da população desde 1950, passando de 92000 para 18500 habitantes.” Para agravar a problemática assiste-se nesta área, a um exponencial envelhecimento da população, que associado à falta de “espírito empreendedor” e massa crítica, agrava ainda mais a problemática, uma vez que a região fica “lançada às feras”, sem ter capacidade de reacção. Apesar de existirem potencialidades nesta área, elas não são devidamente exploradas, o que origina uma conjuntura pouco favorável: despovoamento, falta de postos de trabalho e actividades rentáveis, carência de infra-estruturas e envelhecimento da população. (Ribeiro *in* Público, 2008)

Num espectro ainda mais negativo, encontramos a aldeia de Arnal em Trás-os-Montes. Nesta aldeia vivem, actualmente, somente 15 habitantes, que ressentem as consequências do despovoamento. Os tempos são de hoje mas, os outros, os de outrora, ficam na memória. Já não existem bailes, as ruas são desertas ou frequentadas pelos escassos idosos que lá vivem. Os gritos das brincadeiras das crianças parecem um eco remoto e até o barulho do gado já não é o mesmo. Com o fecho da escola primária vão as crianças. Com a saída dos jovens o reboiço. Os migrantes buscam melhores condições de vida noutros locais, alguns além fronteiras. E os terrenos agrícolas, esses, são abandonados, ficando neles somente as ervas daninhas e as silvas que crescem sem medida. Esta é a história de Arnal, que com os seus 15 habitantes, representa um caso, entre muitos outros casos, no nosso Portugal Chão (Lima *in* Público, 2010)

O jogo do despovoamento é complexo. São inúmeras as pessoas que desistiram de apostar na terra natal na definição dos seus projectos, sendo os idosos os únicos que ainda teimam em ficar. A realidade actualmente é complexa. As regiões mais rurais vêm-se, hoje em dia, a par do problema de sucção promovido pelas cidades sedes de concelho. Na impossibilidade de se exercer uma actividade na aldeia/vila e com o fecho das escolas e centros de saúde, são inúmeras as pessoas que deslocam o foco da sua actividade para as sedes de concelho, uma vez que aí existem mais e melhores equipamentos em termos de lazer e tempos-livres, emprego, cursos profissionais ou instituições de Ensino Superior Politécnico. O resultado é o já conhecido por todos nós: o definhar progressivo do território e da população cada vez mais “envelhecida, pobre, doente e desinstruída.” (Basto *in* Jornal de Notícias, 2010) Quem observar o quotidiano de Vila Real ou Bragança de certo que não notará falta de dinamismo, nem de jovens, nem muito menos a existência de ruas desertas de idosos pensativos. As ruas nestas cidades são um reboiço e são vivas e jovens, jovens e buliçosas. O mesmo não acontece no contra ponto. As aldeias e vilas envolventes, são o seu verdadeiro oposto. Envelhecem, desmotivam quem lá passe e estão condenadas, nalguns casos, à lembrança da memória, daqueles que ficam, ou dos outros que partiram e não voltaram. (Garcias *in* Público, 2010)

Esta realidade ainda se complexifica mais, porque a saída das populações poderá gerar um processo de desinvestimento nessas zonas desertificadas e envelhecidas. São já inúmeras as Câmaras Municipais que, preferem investir no saneamento somente nas

zonas com mais população, assegurando no mínimo a electricidade, a água e as estradas. Tal como reconhece Pedro Hespanha, «o despovoamento do interior do país “é um fenómeno dramático”» (Lusa *in* Público, 2010)

Neste contexto, o governo é acusado, por muitos, de agravar o problema, ao encerrar escolas, maternidades, tribunais e outros serviços públicos. Este cenário torna-se assim, num ciclo vicioso; uma vez que, as pessoas “fogem do interior porque não encontram lá oportunidades de emprego, nem uma oferta razoável de serviços públicos (*educação, saúde, justiça, etc.*) E o estado e as empresas evitam o interior porque vivem lá poucas pessoas.” Uma vez que o estado aposta mais no Litoral, que no interior, uma coisa é certa: “Não haja ilusões: os grandes centros urbanos continuarão a oferecer bens que, o interior, mesmo em cidades de média dimensão, não consegue disponibilizar.” O desenvolvimento do Litoral, leva assim, progressivamente, a uma concentração das pessoas, empresas e serviços nas zonas urbanas, enquanto que, no contra ponto as zonas rurais e oprimidas ressentem a saída da sua população. (Cabral *in* público, 2008)

No estudo: “Desertificação em Portugal: Incidência no Ordenamento do Território e no Desenvolvimento Urbano”, os especialistas chegaram à conclusão que: “as zonas sujeitas a processos de desertificação são, habitualmente, zonas em que se formam ciclos viciosos de desinvestimento: economias deprimidas conduzem a um abandono dos agentes económicos que, por sua vez, conduzem a uma diminuição das possibilidades de emprego e, conseqüentemente, a um progressivo despovoamento. Este processo é habitualmente acompanhado de uma crise de valores identitários da região que vê assim diminuída a sua auto-estima” (Fernandes, *in* Público, 2004)

No entanto neste “cenário-drama” nem tudo são “espinhos.” Existe, de facto, uma crescente consciencialização de que o despovoamento é um problema grave que afecta a vida das pessoas e dos espaços. A comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, por exemplo, apresentou em 2006 o projecto “rota das ribeiras”, que consistiu num plano de valorização da natureza em zonas de baixa densidade urbanística. Este projecto procurou assim, associar a natureza ao desenvolvimento das zonas oprimidas. (Revez *in* Público, 2006) Noutro ponto do País, Mogadouro procurou inverter a caminhada galopante do despovoamento, através de um projecto que visou, sobretudo, a recuperação das casas tradicionais abandonadas, com o objectivo de criar postos de venda de produtos tradicionais (*azeite, pão, enchidos, bordados*), ao mesmo

tempo que servem de centros de formação, onde os mais jovens podem aprender as artes de profissões tradicionais, através da sabedoria de quem as exerceu. O objectivo deste projecto esteve assente também na valorização do património cultural da região, para assim, se criarem roteiros que possam atrair pessoas de outros pontos do País. (Fragoso *in* Público, 2006) De igual modo também Manteigas procurou em 1999 atribuir subsídios para fixar jovens e aumentar a natalidade. Entre as políticas de fixação local podemos destacar a criação do cartão júnior municipal e a atribuição de 1000 euros aos jovens que permanecem no município por um período superior a 3 anos. As políticas de natalidade consistiam, por sua vez, em atribuir 500 euros pelo primeiro filho, 750 pelo segundo e 1000 pelos restantes. (Público, 1999)

No entanto, é de salientar que estas medidas são feitas numa lógica de Governance Local, onde são os poderes locais a tomarem a iniciativa de fazer frente ao problema do despovoamento das zonas rurais e oprimidas. O governo em 1999 tentou fazer algo pelo interior mas, as políticas que criou foram, somente, destinadas às médias cidades, ficando as “aldeias e as vilas minadas pelo despovoamento e pela asfixia da agricultura”. Como todos deverão saber estou a falar da política que procurou lançar zonas de localização de empresas no meu rural, mas cujo alcance foram somente as médias cidades. (Carvalho *in* Público, 1999a)

Quem sempre se interessou pelas questões da desertificação do interior foi Jorge Sampaio. De facto, Jorge Sampaio procurou sempre colocar na sua agenda os problemas da interioridade e da desertificação. Foi o caso em 1999, quando visitou Vimioso, onde procurou colocar à tona da água os problemas que afectam o País “esquecido.” (Carvalho *in* Público, 1999b)

O tema da interioridade e da desertificação tem sido o tema base dos Presidentes da República. Manuel Alegre em 2005, na sua candidatura a Presidente da República, tomou na sua campanha o tema da desertificação do Portugal profundo interior como um dos desafios ao qual não poderia ficar indiferente. (Brás *in* Público, 2005)

Os mesmos passos deu o actual Presidente, Cavaco Silva. Em 2006 o professor Cavaco Silva demonstrou a sua preocupação com o interior, pelo que assumiu o cargo de Presidente da República “com um programa de acção” que passou, “por deslocações pelo país sob o tema “Roteiros para a Inclusão.” (Almeida *in* Público, 2006) Em 2007 Cavaco Silva reconhece que não há solução para alguns municípios do interior do país e mostra novamente a sua preocupação em Outubro de 2008 sobre

os problemas de desertificação e despovoamento que afectam as zonas rurais. [(Ferreira *in* Público 2007) (Público/Lusa, 2008)] Na mensagem de Ano novo o Presidente da República, Cavaco Silva, reforçou a sua preocupação, e disse a todos os portugueses, que não se pode ignorar o despovoamento e o envelhecimento da população. (Fernandes *in* Público, 2008)

Tivemos a oportunidade de ver nesta pequena visão, que o problema do despovoamento dos meios rurais, é um problema grave para os territórios, um desafio para o desenvolvimento e, até, fonte de preocupação para aqueles que não lhe conseguem ficar indiferentes.

TERCEIRA PARTE

DESPOVOAMENTO DO INTERIOR

Uma história do presente

“A minha experiência desde que sai de Castro Daire.... Foi muito positiva porque isto é um meio pequeno, muito fechado em que há 15 anos atrás tínhamos menos acesso a que hoje os jovens têm, mais porque a própria vila e a cidade em redor que é Viseu cresceu. Eu desenvolvi sobretudo os meus horizontes, que eram muito pequenos e confinados aqui à serra... Não é... É um bocadinho diferente. Fui estudar, fui-me desenvolvendo a nível profissional e acho que dentro do meu nível acho que fui bem sucedida. Tive um bom percurso... Porque fui rápida... Acabei a faculdade no tempo devido... Arranjei logo trabalho... Tive a trabalhar na área financeira, depois mudei... Não... Tive na área comercial e depois mudei para a área financeira e depois voltei à área contratual e acho que tem sido um percurso muito bom, muito positivo e em termos de desenvolvimento pessoal e profissional muito proveitoso. Mas... Mantendo sempre os meus valores aqui de Castro Daire, beirã. Mas acho que agora os meus horizontes são muito mais largos.”

Jovem Gestora numa Consultora de Seguros em Lisboa

A EXPRESSÃO DO DESPOVOAMENTO

I: Dicotomias, realidades e transformações

Procuro a partir deste momento, fazer uma narrativa sociológica, que nos permita compreender o modo como o despovoamento do território ocorre, o que significa, as suas consequências e a sua relação com o futuro dos meios rurais.

Parecem remotos os tempos em que a cidade e o campo eram percebidos pelos diversos paradigmas de forma dicotómica. No entanto no que toca à sua cronologia, esses tempos são expressão de um passado recente. Mas a transformação na organização do espaço têm sido de tal forma rápida e brusca, que a dicotomia cidade/campo aparenta-nos ser um facto arquivado nas gavetas da história. (Barros, 1990:43a)

A dicotomia rural/urbano faz parte do património da sociologia, sendo vastas as discussões sobre a sua importância no contexto sociológico. No entanto, as mudanças que ocorrem na sociedade, mostram-nos que as delimitações entre ambos os campos, por vezes tornam-se de tal forma fluidas que se confundem os contornos de ambos. Hoje em dia o território, os sistemas locais, as redes de proximidade e as instituições, estão de tal modo interligadas e interdependentes que, já não faz sentido falar em diferenciações sectoriais quando o problema a interpretar é transversal a toda a espessura social e económica. (Reis *in* Portela: 2003) “

“De resto, parece-me claro que, devido à sua expressão territorial, os meios rurais e de organização difusa são, em Portugal, expressão cimeira de muitas das mais profundas transformações que a nossa sociedade tem registado” (Reis *in* Portela: 2003: 41)

Entre essas transformações, podemos identificar: a maior urbanização, o maior cosmopolitismo dos comportamentos, a mais intensa relação com os mercados de trabalho e a maior territorialização das relações sociais. (Reis *in* Portela: 2003)

No entanto, estas transformações definem outras mudanças que derivam das primeiras. A maior urbanização das cidades implica um esvaziamento dos espaços rurais, que se materializa por via do êxodo e do despovoamento. Por sua vez o maior

cosmopolitismo, baseado na aquisição do que é moderno, desvaloriza a influência da tradição e da história local, uma vez que se transformam as atitudes e as relações sociais, face ao meio envolvente. Se é verdade que há uma mais intensa relação com os mercados de trabalho, também tem fundo de verdade o facto de a natureza dos mercados de trabalho rurais, face ao nível de desenvolvimento local, não permitir, salvo as excepções, a inserção global das pessoas autóctones. As cidades e o estrangeiro, pelo poder de atracção mas, sobretudo, pelo facto de aí as relações de mercado serem mais intensas, atraem assim, a população rural, sobretudo aqueles jovens que não olham o espaço de pertença como um local de «oportunidades» e de soluções para os seus problemas. A territorialização das relações sociais parece ao fim e ao cabo, ser a transformação que traz vantagem para ambas as faces da moeda. O despovoamento implica um esvaziamento, uma saída, uma perda. Mas o fenómeno de territorialização das relações permite que as pessoas saiam do espaço de pertença, continuando a estabelecer relação com esse mesmo espaço, apesar de a saída ser efectivada. O processo de vinculação ao espaço de pertença, no caso do despovoamento, parece ser a razão que justifica que se dê essa territorialização das relações sociais, que não se confinam a um espaço restrito, mas estabelecem relação com o território enquanto um todo.

O Despovoamento e o Espaço

O espaço é, como não poderia deixar de ser, um elemento importantíssimo na vida das pessoas. Ele é capaz de suportar formas de organização social, de permitir que as pessoas tenham uma vivência comum, que se recriem diariamente regularidades e ritos, no fundo: a possibilidade de se viver em comunidade ou em sociedade.

Segundo Paul Claval (1995), o espaço intervém na vida social de várias formas: “é o apoio da vida e da actividade e intervém pela extensão, é um obstáculo à vida de relação e serve de base à actividade simbólica.” Servindo o espaço como uma base para a actividade simbólica, este é vivido, sentido e interpretado pelas pessoas de formas diferentes. Isto significa que “o espaço vive assim sob a forma de imagens mentais.” (Claval, 1995: 20) Deste modo “estas imagens são relevantes para percebermos como as pessoas configuram a sua relação com esse mesmo espaço, como se organizam perante o território, como usufruem ou não das suas qualidades e

como aproveitam as suas potencialidades e se defendem perante as suas ameaças.” (Baronet, 2008: 6) Como nos diz Norberto Pinto dos Santos (2003), “o espaço é não apenas o real, mas, também as imagens que os nossos filtros constroem, através das relações com o espaço de vida.” (Santos, 2003: 107) Isto significa que o espaço é também percepção e representação, noção que vem de Lefèbvre. Se associarmos ao espaço de percepção e representação, o espaço de vida, que corresponde às práticas de grupos e pessoas, veremos que o espaço é uma realidade geográfica complexa. Esta complexidade, associada ao processo de despovoamento, gera uma realidade ainda mais complexa, uma vez que o espaço sofre a influência desse processo, dando-se mudanças bruscas na sua morfologia social, histórica, cultural e simbólica. O declínio demográfico, o envelhecimento da população, a desertificação humana entre outros, são manifestações expressas da forma como o espaço se configura sob a influência do processo de despovoamento.

O que se entende por despovoamento?

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa, despovoamento significa “despovoação”. Por sua vez despovoação assume o significante de “acto ou efeito de despovoar ou de se despovoar. Por seu turno, a palavra despovoar assume o sentido de “tornar desabitado” ou “ir perdendo os habitantes”. (Costa e Melo, 1999: 531)

O despovoamento não é um fenómeno de hoje. Ele de facto faz parte da história da humanidade. No entanto, os contornos com que se reveste hoje em dia a noção de despovoamento, altera o sentido que a noção teve no passado dos mais diversos povos e civilizações.

Complexificando a questão, podemos dizer que o despovoamento é uma migração, que tanto pode ser **interna** (que ocorre dentro do contexto nacional), como **externa** (onde a deslocação faz-se de dentro para fora do contexto nacional) Para Maria Beatriz Rocha-Trindade “o conceito de migrante tem estado associado aos movimentos colectivos de pessoas que por, razões diversas, deslocam geograficamente o foco da sua vida quotidiana, designadamente no que respeita a local de trabalho e de habitação fixa.” (Rocha-Trindade, 1990: 466)

O despovoamento poderá, de igual modo, assumir diversas formas, para além de se tratar de uma migração interna ou externa. O processo de saída poderá assumir a

forma de: 1) *Definitiva*, que significa que as pessoas saem do espaço de pertença e não retornam ou regressam a esse espaço; 2) *Temporária*, onde as pessoas saem durante um período de tempo das suas vidas, mas acabam por regressar ao local de origem, numa temporalidade que poderá ser de curto, médio ou longo prazo, 3) *Sazonal*, isto é, que ocorre em períodos específicos do tempo circular (*como é o caso das vindimas e da apanha dos mais diversos frutos*), e 4) *Pendular*, o que significa que as pessoas, apesar da saída, assumem uma relação regular com o local de origem, podendo essa relação ser diária, semanal ou mensal.

O despovoamento pode igualmente ocorrer tanto nos meios rurais como nas cidades. Nos meios rurais as migrações ocorrem porque nem sempre existe um quadro de «oportunidades» favorável para a fixação local. Já na cidade o problema é bem diferente. A migração ocorre sobretudo dos centros para as periferias uma vez que as condições de vida aí são bem mais atractivas (*sobretudo o preço da habitação tanto para compra como para arrendamento*)

O Despovoamento na sua expressão interna e externa

Independentemente da forma do despovoamento (*definitivo, temporário, sazonal ou pendular*), este é sempre uma migração, que tanto pode ser externa como interna, como já tivemos ocasião de ver.

“Mais de um milhão de emigrantes deixaram Portugal entre 1855 e 1930.” (Baganha, 1991a: 723) Para José Luís Garcia (2000), “os principais destinos de emigração portuguesa ao longo do século XVI foram a Índia e o Brasil.” (Garcia, 2000: 16). O Brasil tornou-se um destino aliciante para os portugueses uma vez que este era visto como um local onde seria possível um enriquecimento fácil, proporcionado pelas descobertas mineiras. Dentro de um contexto transnacional, os portugueses desde cedo originaram saídas massivas para outros locais além fronteiras. Os seus destinos satisfazem necessidades distintas para os mais diversos portugueses. O Brasil, por exemplo, era entendido como um local de enriquecimento rápido, os EUA o destino de milhares de Açorianos, o Canadá foi visto como um local de fáceis oportunidades de ascensão social e a África do Sul o destino de muitos Madeirenses. (Garcia, 2000) Para Maria Baganha foi neste contexto que se deu o primeiro ciclo migratório, que se iniciou “em meados do século passado” e que irá até aos anos 50. Neste ciclo

migratório “no total das partidas verificadas até 1960, mais de 80% dirigiram-se para as Américas, sendo o fluxo migratório para o Brasil sempre o mais volumoso....” (Baganha, 1994b: 96)

Os Estados Unidos e o Brasil foram de facto dois destinos adorados pelos Portugueses até à década de 60, sendo justificadas as migrações externas pelas lógicas de transnacionalização. (Ferrão *in* Barreto, 1996a). No entanto é neste período que se vai dar uma viragem histórica na emigração portuguesa, uma vez que a Europa passa a ser na década de 60 o principal destino de milhares de portugueses. O desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida e o “mito da fortuna” foram, de facto, factores decisivos para que os portugueses olhassem os países da Europa com especial carinho. Como afirma, José Garcia, «”o mito da fortuna” súbita ou, quanto muito, o sonho de uma vida melhor apresentava-se muito mais próximo, no palco do velho Continente. Verifica-se, então, o segundo grande movimento emigratório português que até finais dos anos 70 destitui o Brasil e a América dos seus papéis de destinos principais» (Garcia, 2000: 35) A Europa recebe assim desde 1965 e 1974, sensivelmente um milhão de portugueses, o que representava cerca de 80% dos emigrantes. A França foi sem dúvida a grande diva dos portugueses, tornando-se esta como o principal destino dos mesmos. (Garcia, 2000) Do mesmo modo Joel Serrão diz: “Embora com importantes bolsas de fixação, aqui ou ali, pelo vasto mundo, pode afirmar-se que os pólos principais de atracção dos emigrantes portugueses foram, antes de mais, e sucessivamente, o continente americano (com enorme predomínio do Brasil), e depois da segunda guerra mundial, os países industrializados da Europa, com claro predomínio da França.” (Serrão, 1985: 999) Logo a seguir à França seguem-se países como: Alemanha, Bélgica, Suíça, Holanda, Inglaterra, Países Nórdicos e Luxemburgo. (Garcia, 2000).

Segundo João Ferrão (1996a), foi no período de 1960-73 que as migrações internas atingiram a sua máxima intensidade. A expressão deste fenómeno dever-se-á a um conjunto de factores, que interligados justificam a proeminência que as migrações internas assumem a partir da década de 60. Entre esses factores, podemos destacar a “saturação do ciclo emigratório intercontinental (EUA e sobretudo Brasil)”, que associado às restrições e barreiras colocadas aos potenciais emigrantes, restringem as migrações externas a favor das internas. (Ferrão *in* Barreto, 1996a: 181)

O interior rural em geral, e o Alentejo, são os protagonistas das migrações internas, justificando o despovoamento do interior a favor de uma urbanização dos grandes centros urbanos. Se inicialmente os grandes pólos de atracção, foram as áreas metropolitanas de Porto e Lisboa, verificar-se-á em seguida, que o litoral algarvio e as médias cidades, constituem-se de igual modo como potenciais receptores de migrantes internos. (Ferrão *in* Barreto, 1996a) António Firmino da Costa, num estudo realizado, vem a constatar que a maioria das pessoas no qual incide o seu estudo, Alfama; são provenientes de meios rurais, onde as relações de inter conhecimento e as redes de apoio se assumem como elementos contextuais que favorecem as migrações internas. (Costa, 1985a) Nas palavras de Firmino da Costa:

“As relações de inter conhecimento, nos locais de origem e na área de destino, são decisivas nestes fluxos migratórios. São relações de parentesco e de conterraneidade, de amizade, de vizinhança e de patrocínio que presidem continuamente ao desenrolar de complexas estratégias de mobilidade geográfica e, mais latamente, de reprodução e reconversão social; desde a elaboração do projecto migratório inicial aos mecanismos de inserção nas relações sociais urbanas e de acesso aos respectivos recursos.” (Costa, 1985a: 743)

O despovoamento do território, quer assuma a forma de uma migração interna, quer se expresse enquanto uma migração externa, acarreta em si um conjunto de consequências, que numa relação de causa-efeito enunciam problemáticas e tendências, que alteram a visão de conjunto que temos sobre o espaço e a sociedade.

Causas e consequências do despovoamento

Como qualquer problema, só existem consequências porque existem causas que justificam as mesmas. O despovoamento é uma realidade geográfica complexa, porque está estritamente interligada entre a noção de tempo e espaço, e implica na sua materialidade um conjunto de transformações visíveis, tanto para os meios rurais, que se vêm de mãos dadas com um problema que os afecta directamente, como para as cidades que beneficiam da chegada dos migrantes, por muito que seja ao nível

económico e demográfico. Como nos mostra João Ferrão, nas décadas de 60 e 70, as áreas metropolitanas de Porto e Lisboa, verificaram um crescimento demográfico, que teve como origem as migrações internas oriundas do interior rural e do Alentejo. (Ferrão *in* Barreto, 1996a)

Algumas causas do despovoamento

O leque de causas para o despovoamento é vasto, pelo que irei sintetizar de seguida, aquelas que considero mais pertinentes:

1. Desemprego efectivo ou eminente: O desemprego (*efectivo ou eminente*) é, de facto, uma variável forte na explicação das migrações (*internas e externas*). Tal como afirma Paul Singer, “historicamente, a solução extracapitalista para o desemprego foi a emigração.” (Singer, 1999: 121) Dialecticamente, o desemprego está relacionado com a natureza dos mercados de trabalho e pela escassez de oportunidades de emprego. Os meios rurais, sendo espaços economicamente pouco atractivos, nem sempre facultam as oportunidades de emprego que se desejava. Geralmente, os jovens em espaços rurais, sobretudo jovens qualificados, são desempregados eminentes, uma vez que, em geral, salvo as excepções, existe uma descontinuidade entre as suas qualificações e as oportunidades de emprego. Notarão, um pouco mais a frente, que esta realidade é definidora da problemática associada ao concelho de Castro Daire.

2. Desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida: Como já vimos anteriormente, o desejo do melhor bem-estar e até o mito da fortuna, foram razões que justificaram a emigração para a Europa. (Garcia, 2000: 35) A estabilidade económica é um atributo forte que todas as pessoas ambicionam. E o bem-estar e a qualidade de vida estão associadas a essa estabilidade, pois é ela que garante o acesso às mais diversas esferas da vida social (*consumo, lazer, habitação*). Querendo as culturas juvenis ter acesso a um espaço próprio, “ as dificuldades de acesso a um emprego reflectem-se nas dificuldades de acesso à habitação.” (Pais, 2003a: 31) Acrescentaria às palavras de Machado Pais, que as dificuldades de acesso a um emprego reflectem-se nas dificuldades de acesso à habitação, educação, lazer e cultura, o que consubstancia uma perda do bem-estar e da qualidade de vida dos jovens.”

3. Existência de redes de apoio e de inter conhecimento: Firmino da Costa já nos descreveu, que as redes de apoio e de inter conhecimento são importantíssimas nos

processos migratórios, uma vez que são um factor de integração e de inserção na vida urbana e, por outro lado, porque permitem um mais fácil acesso aos respectivos recursos. (Costa, 1985a) Estas redes de apoio e de inter conhecimento são, em alguns casos, a catapulta para a saída, pois servem de apoio a todo o processo de mobilidade.

4. Transformações verificadas na economia e na sociedade portuguesa: As rápidas transformações da economia e da sociedade portuguesas correspondem a um declínio da agricultura, a uma reestruturação da indústria transformadora e a uma expansão generalizada das actividades de comércio e de serviços. (Gaspar, 2006) Tornando-se a agricultura numa actividade pouco lucrativa, dispendiosa, exigente em termos de força de trabalho e sujeita à modernização, rapidamente se confinou à marginalização. O litoral, as áreas metropolitanas do Porto e Lisboa e as médias cidades, dotados de uma mais vasta rede comercial e de serviços, assiste à chegada, a partir da década 60, de migrantes de todo o interior rural e do Alentejo. (Ferrão *in* Barreto, 1996a) O litoral verifica assim entre 1940-1950, um nítido crescimento demográfico que espelha as mudanças ocorridas na sociedade. (Nazareth, 1985)

5. Desenvolvimento periférico dos meios rurais. Os meios rurais enquanto centros periféricos são detentores, em geral, de um nível de desenvolvimento, que se repercute nas mais diversas esferas da vida social. O mercado de trabalho geralmente, dado o subdesenvolvimento, torna-se por vezes um mercado com poucas oportunidades de emprego, tradicional e pouco qualificado. O desemprego (*efectivo ou eminente*) e a eventual saída, que busca a estabilidade social (*bem-estar e qualidade de vida*) estarão assim, estritamente relacionados com os níveis de desenvolvimento dos meios rurais.

Certas Consequências do despovoamento

Outrora os espaços rurais foram considerados como “espaços de povoamento bem consolidados, com populações profundamente enraizadas e um fortíssimo sentido de pertença aos locais de origem.” (Hespanha *in* Jacinto e Bento, 2004a) No entanto as últimas décadas mostraram que os espaços podem ser afectados pelas dinâmicas de mobilidade inter-regionais. Os espaços rurais, não conseguindo assegurar a reprodução económica das suas populações, tornam-se já desde a década de 60, os anfitriões de

um processo de despovoamento que rumo a contextos com quadros de oportunidades distintos do que outrora prevalecia. (Hespanha *in* Jacinto e Bento, 2004)

Numa relação de causa e efeito, ocorrem profundas transformações na organização e na morfologia dos territórios, que derivam directamente do processo de despovoamento. A saída dos jovens em idade activa provoca uma diminuição da natalidade e consequentemente um envelhecimento da população. Como exemplifica Ana Fernandes, a verdadeira causa do envelhecimento da população, não foram, o aumento da esperança média de vida nem a diminuição da mortalidade, mas sim, a diminuição da natalidade verificada a partir dos anos 70. Foi a partir dessa altura que os países desenvolvidos deixaram de renovar as suas gerações. (Fernandes, 1997) Já para Óscar Barata, “a evolução demográfica tem sido, em muita larga medida, determinada pela emigração.” (Barata, 1985: 981) Apesar de ambos os autores terem visões diferentes sobre o mesmo problema, não podemos deixar de salientar que ambos estão relacionados, uma vez que a migração (*interna ou externa*), impede que os espaços rurais detenham a população activa, capaz de renovar as gerações. A consequência é uma diminuição da população jovem e uma proeminência da população idosa. O declínio demográfico afigura-se neste cenário como o produto da interligação das várias variáveis demográficas.

2: Os jovens no contexto do despovoamento

Os jovens e as suas disposições

Os jovens são um elemento chave nos processos de despovoamento, pois são eles que também dão expressão ao problema, nomeadamente, jovens em idade activa que, por diversas razões, não conseguiram concretizar na terra que os viu nascer e que os acolheu à nascença, os projectos de uma vida que se deseja o mais próspera possível. Existem diversas histórias de mães que abandonam os seus filhos, quando estes lhes causam mais tormentos que alegrias. Mas neste drama, acontece o oposto. São os filhos da terra que deixam para trás, o local que não lhes conferiu o desejado (*um emprego, bem-estar e qualidade de vida, prosperidade, felicidade*)

Ser-se jovem é fazer parte de uma categoria, a que apelidaram de juventude. Em termos gerais, a juventude tem sido vista sociologicamente à luz de duas tendências:

1. Uma na qual a juventude é entendida como o conjunto de indivíduos que possuem aspectos homogêneos e uniformes uma vez que pertencem a uma dada «fase da vida», sendo portanto definida em termos etários;

2. Noutra, onde a juventude é encarada como um conjunto social diversificado, baseado em diferentes interesses, oportunidades ocupacionais diferentes, diferentes situações económicas, etc.) (Pais, 1990b:140)

José Machado Pais perante estas duas tendências, que se afirmam como opostas, procura promover um olhar que deslumbre a riqueza semântica pela qual se revestem os conceitos e as ideias. Propõe assim, que a juventude seja olhada em torno de dois eixos semânticos: “como aparente unidade (*quando referida a uma fase de vida*) e como diversidade (*quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros*).” (Pais, 1990b:149)

De facto, a juventude apesar de aparentemente poder ser conotada pela sua unidade, existem aspectos da vida social que diferenciam os jovens entre si. O serem casados ou solteiros, dos meios rurais ou urbanos, de classes médias ou populares, influencia fortemente os gostos, mas sobretudo os modos e estilos de vida dos mais diversos jovens. No entanto, não poderemos somente afirmar que, a diversidade inerente à juventude se deva somente à influência de condições sociais objectivas (*idade, género, classe social, habilitações, estado civil, etc.*) Em contra ponto, os patrimónios individuais de disposições são, na relação com as condições sociais objectivas, elementos preponderantes para percebermos como é que, a partir de uma aparente unidade, perfila uma diversidade, que acaba por definir aquilo que Machado Pais define de Culturas Juvenis.

Para Bernard Lahire poderemos analisar dois tipos de disposições que pertencem aos patrimónios individuais. São elas: as disposições para crer (*crenças, valores, normas, ideais*) e as disposições para agir (*hábitos de acção*) (Lahire, 2005) Os patrimónios individuais de disposições operam no sentido de promover essa diversidade inerente à juventude de que nos fala Machado Pais, uma vez que os jovens não dispõem todos das mesmas disposições, quer para crer, quer para agir.

Poderemos assim entender, que os processos de povoamento/despovoamento depende da relação entre condições sociais objectivas (*emprego, família, rede de amigos,*

etc.) e as disposições para agir e crer. Isto significa que os jovens quando saem do local de origem (*disposição para agir*), fazem-no porque crêem (*disposição para crer*), que esse acto é a solução para os seus problemas (*desemprego efectivo ou eminente, desejo do melhor bem-estar e qualidade de vida, empregos estáveis e primários, etc.*) A acção social é assim “orientada e motivada por fins, conhecimentos, intenções, projectos formulados e defendidos” sendo os jovens incitados a optar por determinadas vias em detrimento de outras. (Rocher, 1981:175)

As condições de fixação/vinculação local no contexto do despovoamento

Nos processos de povoamento/despovoamento, operam um conjunto de condições de fixação/repulsão local, que os jovens interpretam à luz dos seus projectos, do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida, das expectativas e juízos de valor. (Baronet, 2008) Essas condições poderão ser condições primárias (*família, redes de amizade e proximidade e escola (entendida essencialmente a escolaridade até ao secundário)* e condições secundárias (*habitação, equipamentos culturais, sociais e desportivos, espaços de lazer e consumo, etc.*) Pude verificar na minha tese de licenciatura, que a saída ou a permanência do/no local de origem, depende da relação que existe entre as condições de fixação local (*primárias e secundárias*) e os projectos, as expectativas, os juízos de valor e o desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida, que os jovens sentem quando interpretam essas condições. (Baronet, 2008). As condições primárias de fixação (*família, amigos/pares e a escola*), reforçam a fixação ou pelo menos a vinculação ao local de origem. Na origem da fixação ou da vinculação estão os afectos e as valências emocionais positivas, que os jovens partilham ou vivenciam com familiares e amigos. Esta noção de Norbert Elias (2005) ajuda-nos a perceber que as valências emocionais positivas são, elos interdependentes e fulcrais que configuram teias complexas de relações humanas. Se as valências emocionais forem positivas, os jovens configuram a relação com o mundo externo sempre na perspectiva de um sentido de reciprocidade com essas mesmas valências, uma vez que as pessoas ao se embrenharem nas teias “valênciais” acabam sempre por perspectivar a realidade no sentido de uma relação “eu – nós” Também Anthony Giddens assume essa ideia. Para ele a família “é uma unidade baseada na ligação emocional e na intimidade”, o que faz com que esta seja estruturada e vivenciada num sentido de reciprocidade. (Giddens,

2006: 63) No entanto, chamo atenção que, este argumento somente assume um sentido prático, se as valências emocionais forem positivas. Se caso forem negativas o argumento é no fundo o seu oposto.

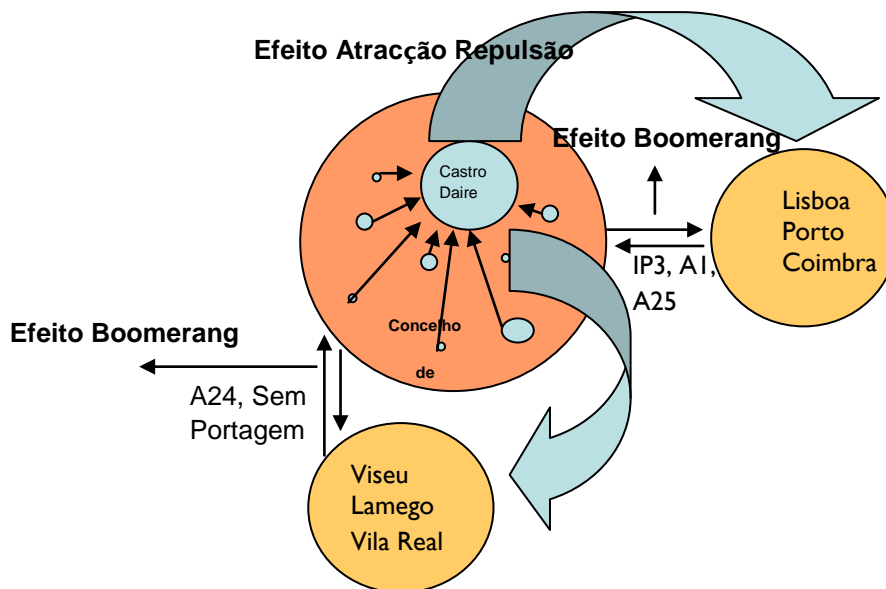
Porém como observam Anália Torres, Rita Mendes e Tiago Lapa, a família é, de facto, um valor a ser defendido como relevante, tanto por homens como mulheres, apresentando-se como o valor mais importante para a generalidade dos Europeus. (Torres, Mendes e Lapa *in* Vala e Torres, 2006: 358) Já os amigos denotam-se como sendo o segundo valor mais importante na vida de homens e mulheres assumido, aqueles, a sua centralidade na configuração dos afectos. (Torres e Brites *in* Vala e Torres, 2006: 358) Tal como a família, as relações e redes de amizade são para a maioria dos europeus valores centrais na vida de cada um.

As valências emocionais positivas, nos contextos familiares e de amizade/namoro são, de facto, bastante importantíssimos para percebermos como se desenrola todo o processo de povoamento/despovoamento.

Os efeitos que os jovens inscrevem no processo de despovoamento

No entanto, teremos que ler a realidade do despovoamento como uma realidade geográfica complexa, que por vezes relativiza estas noções mencionadas anteriormente. O despovoamento é um processo de saída, e como toda a saída implica uma ruptura (*com o espaço de pertença, a família, os amigos, a cultura local*) Nem sempre as valências positivas ou o sentimento de pertença a um local de origem são, suficientemente fortes para impedir que as pessoas desloquem o foco da sua actividade para outros locais. No entanto, reforço a ideia de que: se houver realmente valências emocionais positivas e laços fortes (*com a família, os amigos, o local de origem*), os jovens irão sempre perpetuar uma relação de reciprocidade com esse mesmo espaço e os seus elementos constituintes. Daqui resultam uma conjugação de efeitos que configuram o espaço e a vida dos jovens. Entre eles podemos destacar o processo de vinculação. Este processo é a alternativa ao facto de não ser possível, por parte dos jovens que saem, a fixação ao local de origem. Se a fixação é o processo de enraizamento permanente a um local, a vinculação por sua vez, é o processo de relação entre; o eu e o espaço de pertença. A vinculação ao local de origem dá-se uma vez que existem uma combinação de factores de atracção, (*família, amigos, etc.*) que,

levam os jovens a se relacionarem, sempre que podem, como o local de origem. As migrações pendulares, que poderá ser uma relação diária, semanal ou mensal com o local de origem, é expressão máxima do processo de vinculação que une jovens e o local de origem, numa lógica de territorialização das relações sociais. O espaço social de origem configura-se, constantemente, com este movimento de jovens que vem e vão como se nunca tivessem saído. A este efeito, designo de **efeito boomerang**, que se materializa uma vez que, certos jovens estão constantemente a regressar ao local de origem, num ritmo que não se estanca, sem que no entanto aí se fixem. O efeito boomerang está associado a outro efeito que designo de **atração repulsão**. A atracção repulsão dá-se porque, certos jovens que saíram são, de facto, atraídos para o local de origem (*por influência da família e dos amigos ou dada a identificação com o local de origem*), mas como não conseguem aí realizar a sua actividade e concretizar as suas expectativas e projectos, acabam por sair, sendo a atracção vivida numa série temporal relativamente curta. O efeito atracção repulsão é a combinação simultânea de factores de atracção e repulsão que se combinam numa relação espaço-temporal definida, e onde entram na sua definição a combinação de condições que fixam e atraem e outras que repelem ou afastam.



Os jovens e a transição entre a escola e o trabalho

Os jovens são, ao fim e ao cabo, os actores principais dos efeitos (*boomerang e atracção repulsão*) e das transformações que ocorrem na morfologia do espaço (*envelhecimento, desertificação humana, baixa natalidade e fecundidade*), no contexto do despovoamento. Perfilam assim, neste contexto, como já tivemos oportunidade de ver, uma diversidade de culturas juvenis que se distinguem consoante as suas disposições para crer e agir. [(Pais, 1990b) (Lahire, 2005)]

Os jovens vivem em movimento, e nesse movimento, que são os seus cursos de vida, deparam-se com processos de transição que modificam as suas biografias e trajectórias sociais. A transição entre a escola e o trabalho, a noção de dependência para a noção de independência e da condição de jovem para o estado adulto e economicamente activo, serão porventura, as transições mais marcantes da vida dos jovens, quer pelas angústias inerentes, quer pelos desafios e oportunidades que surgirão. Será nesta fase que, os jovens, serão chamados atenção e remetidos para contextos diversos de responsabilidade de tipo ocupacional, conjugal ou habitacional. Como diria Machado Pais “ a partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos” (Pais, 2003a: 30)

No processo de transição, as valências educacionais são preponderantes na definição das trajectórias dos jovens. A condição de estudante é uma condição privilegiada e mais ou menos homogénea, mas que se degenera com a idade. No seu estudo, Natália Alves constata que 84,9% dos jovens entre os 15 e 17 anos declara-se como estudante, enquanto somente 6% dos jovens entre os 25 e 29 o fazem. A conclusão que se retira deste facto é a de que “ a condição estudantil surge, assim, fortemente associada à idade e ao processo de transição para a vida adulta.” (Alves in Cabral e Pais et al, 1998: 56).

O processo de transição para a vida adulta e economicamente activa, é implicado também pelos níveis de desenvolvimento local e pela natureza do mercado de trabalho. Existirá, de facto, no processo de transição uma triangulação complexa entre estas três variáveis (*condição de estudante, natureza do mercado de trabalho e nível de desenvolvimento local*) [(Alves in Cabral e Pais et al, 1998)]

Nesse contexto de transições, os jovens definirão trajectórias distintas consoante as suas disposições para crer e agir (Lahire, 2005) Um dos argumentos de Machado Pais é

que existe uma certa correlação entre as trajectórias escolares e as trajectórias socioprofissionais, o que o leva a dizer que, será talvez pertinente, em vez de se falar em inserção profissional dos jovens, falar-se em incorporações diversificadas e descontínuas dos jovens no mercado de trabalho, que corresponderá a uma diferenciação nos processos de transição dos jovens para a vida economicamente activa e adulta. (Pais, 1998c: 135) Diria Machado Pais que o grupo de jovens "estudantes, ambiciosos, com capitais culturais, satisfeitos com a escola e exigentes em relação ao mercado de trabalho, perante a possibilidade de se verem no desemprego, em vez de aproveitarem a primeira oportunidade de trabalho e de ganharem algum dinheiro, prefeririam esperar até arranjar um emprego que correspondesse com as suas aspirações" (Pais, 1998c:155) Por outro lado, e segundo Machado Pais, o grupo de jovens satisfeitos com a escola que os rejeitou e precários no mercado de trabalho que lhes consumiu a infância, assumem uma postura antagónica ao anterior grupo de jovens. A condição destes jovens perante a escola é de ampla exclusão, o que os conduz para o universo precário do mercado de trabalho. A falta de dinheiro é sem dúvidas a grande preocupação deste grupo de jovens que vêm, no trabalho, uma alternativa de sobrevivência (*nalguns casos*). Como diria Machado Pais estes jovens perante a situação de desemprego " não hesitariam (*também em 80% dos casos*) em aproveitar a primeira oportunidade de emprego que lhes surgisse para ganharem algum dinheiro." (Pais, 1998c: 160)

Como se dá a transição para o despovoamento?

O processo de despovoamento é assim, um jogo complexo entre condições sociais objectivas e as disposições de crer e agir que os jovens sentem e ressentem sempre que analisam a sua condição no tabuleiro definido socialmente. Se realmente a análise de Machado Pais for correcta, o segundo grupo de jovens, tenderá a tornar-se mais propenso, no curto espaço de tempo, ao despovoamento, que o primeiro grupo, se aqueles não arranjam uma oportunidade de emprego no local de origem. Os primeiros, por efeito de classe ou por apoio familiar poderão adiar a sua saída, uma vez que têm ideais diferentes, que se associam a condições objectivas concretas, que lhes permitem adiar a entrada no mercado de trabalho.

As trajetórias sociais dos jovens, e as suas relações com o despovoamento dependerão assim, da relação entre as condições sociais objectivas e as disposições para crer e agir. Nesta relação a condição de estudante e os capitais adquiridos ajudam a definir as diversas incorporações no mercado de trabalho; as expectativas e os projectos definem o rumo a dar; as oportunidades de emprego facilitam a fixação quando existem e a repulsão quando não; o capital social poderá tornar-se um instrumento de incorporação; a condição de classe ou o status familiar poderão permitir aos jovens o adiamento no mercado de trabalho, ou facilitar a sua inserção, o desemprego, efectivo ou eminente, poderá impulsionar o processo de saída quando os jovens não têm bases de suporte ou facilitar a fixação quando daí deriva um apoio estatal ou familiar, etc. Neste jogo complexo, o despovoamento surge como a solução pertinente, mas nem sempre desejada, daqueles jovens para quem o jogo entre as várias variáveis é mais desfavorável.

3: Os protagonistas do despovoamento

No caso dos emigrantes

Para José Garcia a emigração é um fenómeno de classe. Grande parte da emigração era feita por pessoas de estratos sociais baixos e com qualificações escolares também baixas. São pessoas humildes no fundo, que não conseguem ter em Portugal o nível de vida que desejariam. Como afirma José Garcia, “o grosso desta emigração era constituído por indivíduos pobres, de condição humilde e analfabetos, ou seja, aqueles que «menos perspectivas tinham de promoção, de segurança, ou de melhoria». Se quisermos traçar o perfil de emigrante típico português é possível afirmar que era predominantemente do sexo masculino, solteiro, em idade activa e com baixas qualificações escolares.” (Garcia, 2000: 38)

Apesar de na década de 50 a emigração portuguesa ser protagonizada praticamente por homens, na década de 60, verifica-se uma feminização da emigração, graças sobretudo ao processo de reagrupamento familiar. Ao nível etário, por sua vez, verifica-se que são os mais jovens aqueles que acabam por emigrar com mais frequência. No período entre 1956 e 1988, a faixa etária dos 20-29 anos representava 28% do total, cerca de 352.234 indivíduos. Por sua vez a faixa até aos 14 afigurava

25.2% e a dos 30-44 anos totalizava 25.1%. Como podemos verificar à medida que aumenta a faixa etária, diminui o número de emigrantes. São de facto os jovens os grandes protagonistas da emigração intra-europeia e transoceânica. (Garcia, 2000)

No caso de uma freguesia do Alentejo Central: São bento de Ana Loura

Esmeralda Correia verifica, por sua vez no seu estudo sobre êxodo rural e desertificação que, a maior parte dos que saíram, o fizeram para a área urbana de Lisboa-Setubal, sendo que só 4 o fizeram para estrangeiro (Correia, 2005) Este facto vem ao encontro da tese de Firmino da Costa, que verifica também que, uma grande percentagem das pessoas a viver em Alfama, são dos meios rurais, que se incorporaram aí, muito graças às redes de apoio e conhecimento que detinham. (Costa, 1985a) Esmeralda verifica também que são os mais jovens aqueles que saíram com mais frequência, tanto homens com mulheres. As mulheres saem na sua maioria casadas e os homens solteiros. As qualificações destes jovens são, no entanto baixas, o que revela que são jovens que não investiram na educação como modo de incorporação no mercado de trabalho. Os factores económicos são a razão da saída. Uma saída que procura satisfazer o desejo de melhores salários e de ascensão social que permita satisfazer as necessidades familiares. No seu estudo este é o padrão central de todo um processo de desvinculação em relação ao local de origem. (Correia, 2005)

Será o perfil traçado uma expressão exacta?

Mas será que este perfil de jovens que tende a sair, descrito pelos vários autores, expressa a realidade do despovoamento na sua complexidade?

Uma coisa é certa: hoje em dia os jovens cada vez mais investem no prolongamento da educação, seja como uma forma de adiarem a entrada no mercado de trabalho, ou no sentido de se dotarem das armas necessárias para a grande batalha que é a transição entre a escola e o trabalho, a noção de dependência para a de independência e da condição de jovem para adulto e economicamente activo. O que Machado Pais verificou de dois estudos realizados juntos dos jovens, um em 1987 e outro em 1997 foi que, os jovens inquiridos em 1997 evidenciaram aspirações mais elevadas na

obtenção de níveis médios e superiores de qualificação académica. Cerca de 70% dos jovens aspira em 1997 à obtenção de um diploma de ensino superior ou de pós-graduação. (Pais, 1998d: 190) Será que este facto muda, em parte, o perfil de jovens que tende a dar expressão ao despovoamento. Veremos mais a frente, a forma como interpreto esta realidade.

4: As relações do mercado de trabalho com o despovoamento

Jovens e a inserção na vida activa

Os jovens são, de facto, os anfitriões do despovoamento. São eles que a partir das suas trajectórias dão uma maior expressão ao problema. Esta expressão começa a ganhar sentido, sobretudo, na transição entre a escola e o trabalho, a noção de dependência para a ideia de independência e da condição de jovem para o estado adulto. Os jovens que vivem em meios rurais, geralmente, salvo as excepções, permanecem no local de origem, até, ocorrer este período de transições. É uma pré-fixação que se deve a falta de autonomia monetária e residencial que está subjacente à dependência que ainda sentem (*nalguns casos*) em relação aos familiares. Segundo Luísa Schmidt cerca de metade dos jovens inquiridos no seu estudo, ainda recorriam à família enquanto fonte económica, sobretudo jovens estudantes de classes superiores. Os jovens de estratos sociais mais baixos, por sua vez, assumiam como principal fonte económica: o trabalho. (Schmidt, 1990) Por outro lado, os resultados do estudo revelaram que a maioria dos jovens, entre os 15 e os 29 anos; (52.2%), se encontram ainda em situação de dependência total em relação à família de origem. 21% dos inquiridos encontra-se em situação de semi-dependência e 26.8% em situação de independência económica. (Schmidt, 1990)

Apesar do apoio familiar, os jovens são aqueles que mais directamente são abrangidos pelas mudanças que se vão operando no mercado de emprego. Entre essas mudanças podemos destacar o fim do trabalho para a vida inteira e o surgimento de empregos com contratos a prazo e horários atípicos. (Pegado e Guerreiro, 2007)

Na mesma óptica de visão, Pedro Hespanha [et al], constatam que o estatuto do trabalho assalariado sofre profundas alterações no contexto da globalização. Essas mudanças implicam um aumento da precarização do trabalho que poderá assumir a

forma de; desemprego, flexibilidade e insegurança do emprego, o que origina uma vulnerabilidade social que afecta diversos segmentos da população. (Hespanha et al, 2002b) A transição dos jovens para vida activa coloca dilemas, controvérsias e uma certa ambivalência, uma vez que, as garantias de outrora já não são tão sólidas, na modernidade a que Zygmunt Bauman designa de líquida. (Bauman: 2001) Para este Sociólogo a modernidade líquida é caracterizada por um acelerado processo de individualização, pelo desapego e pela provisoriedade. No contexto da modernidade líquida, a falta de segurança, certeza e garantias, (Tfouni y Silva, 2008) tornam-se as demandas da ambivalência que caracteriza as sociedades contemporâneas. Este retrato é geral a toda a sociedade. No entanto, nos meios rurais essa incerteza assume uma dimensão diferente, porque em jogo estão outras dinâmicas. Confundem-se os conceitos. São ambivalentes as noções. A incerteza de encontrar emprego, nem sempre se dá, porque existem ocasiões, em que é certo que eles não existem, logo se não existem não há incerteza. O despovoamento afigura-se um passo certo que se dá em direcção a espaços onde a incerteza faz mais sentido. Poderíamos dizer: “não é certo que nas cidades se encontre emprego, mas o certo é que as oportunidades são maiores.”

Desemprego Juvenil

O desemprego é, assim, a forma de precarização que mais vulnerabilidade e ambivalência cria nos jovens, quer na transição entre a escola e o trabalho, quer quando já inseridos no mercado de trabalho. O desemprego gera realidades complexas para a vida dos jovens. O estudo realizado por Pegado e Guerreiro (2007), mostra que em todas as faixas etárias consideradas, o desemprego juvenil é expressamente superior à média nacional. São os jovens dos 15 aos 19 e dos 20 aos 24, os mais vulneráveis à situação de desemprego. (Pegado y Guerreiro, 2007) Segundo Raquel Martins; “o número de desempregados registados nos centros de emprego chegou aos 548 mil em Julho” de 2010 – “mais 10.3% do que há um ano, sendo que 326 mil desempregados estavam, no segundo semestre de 2010, desempregados há mais de um ano.” (Martins, 2010a *in* Público, 2010) (Martins, 2010b *in* Público, 2010)

As trajectórias socioprofissionais dos jovens deparam-se, assim, com uma conjuntura social e económica que prevê uma diminuição do volume de emprego e a

precarização da relação salarial e laboral. Para Machado Pais este contexto dá origem ao desemprego de circulação, onde certos jovens ficam sujeitos a sucessivas mudanças de emprego/trabalho. (Pais, 1998c) No entanto este tipo de desemprego de circulação não tem a mesma força nos meios rurais. Como as relações do mercado de trabalho não são tão intensas como nas cidades, o desemprego de circulação, em meios rurais, expressa-se como pouco significativo. Perante a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de circular dentro do mercado de trabalho, certos jovens, para evitar o desemprego, optam, como decisão ponderada, por sair do espaço social de origem. É neste contexto, que também se dá o despovoamento.

A natureza dos mercados de trabalho

Esta realidade está estritamente relacionada com a natureza dos mercados de trabalho. Jean-Pierre Gilly prefere falar em mercado local de emprego, para designar “os movimentos contraditórios em que os diferentes capitais absorvem e rejeitam mão-de-obra.” (Gilly, 1987: 117) O que é certo é que, em meios rurais, o mercado local de emprego não permite a existência de grandes bacias de emprego que são; o “conjunto das relações estabelecidas entre as empresas aí implementadas e a mão-de-obra que utilizam. “ (Gilly, 1987: 117) A consequência é que a noção de espaço produtivo local que é; um “modo específico de organização industrial, baseado num complexo mais ou menos denso de relações inter-empresas (dinâmica industrial) e como um local de mobilização e utilização de mão-de-obra de acordo com as políticas de emprego (dinâmica social)”, é pouco visível em espaços mais pequenos e rurais, senão, nalguns casos, mesmo inexistente. (Gilly, 1987: 116) Nesta lógica as relações do mercado local de emprego, nos meios rurais, salvo as exceções, tornam-se menos intensas e dinâmicas, não enquadrando assim, por exemplo, o desemprego de circulação. O despovoamento neste contexto não é um processo facultativo, mas imposto, uma vez que nem sempre existem bacias de emprego, dadas as relações fracas e pouco intensas do mercado local de emprego. A consequência é a tendência de saída, que os jovens accionam quando procuram noutros territórios, condições que lhes permitam ter uma vida estável e autónoma. Estamos a falar sobretudo de emprego, mas também, cultura, lazer/consumo e desporto.

Por outro lado, o facto de o mercado de emprego ser diversificado e hierarquizado determina as trajectórias dos jovens, quando em jogo está a sua inserção no mercado. Para Natália Alves o mercado de trabalho sugere a existência de dois tipos de mercado: por um lado um mercado primário que corresponde a empregos bem remunerados, com boas oportunidades de promoção de carreira, boas condições de trabalho, com uma mão-de-obra experiente e com níveis de qualificação elevados. Por outro lado existirá um mercado secundário no qual predomina os empregos mal remunerados e precários, com oportunidades de carreira muito reduzidas, ocupados por uma mão-de-obra pouco qualificada e com baixos níveis de escolarização. (Alves in Cabral e Pais *et al*, 1998: 119)

Os jovens neste contexto, assumirão incorporações diversificadas no mercado de emprego, consoante a qualidades das suas trajectórias escolares e a influência das suas condições sociais objectivas. (*família, classe social, género, idade, etc.*)

Um espaço produtivo local que sugira pouca intensidade das relações de mercado, que detenha fracas bases de emprego e não compreenda a diversificação de mercados primários e secundários, torna-se um espaço periférico quer ao nível da integração (*baixas taxas de actividade, poucas profissões liberais, técnicos e quadros superiores, indústria de transformação de pequena dimensão, etc.*), quer pela sua proeminente marginalização (*elevadas taxas de desemprego, ainda significativa taxa de analfabetismo, etc.*). (Ferrão e Jensen-Butler, 1988) Os jovens, poucas alternativas terão neste cenário, senão a deslocarem o foco da sua actividade para lugares no qual as características do espaço produtivo sejam mais vantajosas.

QUARTA PARTE

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES NO CONTEXTO DO DESPOVOAMENTO

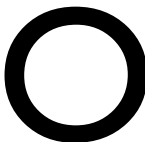
Sim... Desde que sai de Castro Daire tive a oportunidade de contactar com pessoas de outras zonas do país. É inevitável fazer o confronto entre maneira de pensar, maneiras de estar e realmente consegui compreender essa distinção e que as pessoas têm maneiras de ser, de vida, diferentes consoante de onde a pessoa é originário... Existem diferenças culturais, por vezes são ténues, mas existem, e o facto de ter saído da minha terra proporcionou-me essa riqueza de experiência, de contactar com outras realidades, e que se tivesse a viver em Castro Daire se calhar que não teria tido acesso. E é de alguma forma gratificante... Não é... Uma experiência de vida que é muito rica e interessante.

Jovem Polícia Judiciário em Lisboa

AS REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS NO CONTEXTO DO DESPOVOAMENTO

I: A tendência de saída

Causas e consequências do Despovoamento

 despovoamento enquanto migração, pode afirmar-se nos territórios locais de diversas formas. Poderá ser um processo circunscrito numa dada relação espaço-temporal ou afirmar-se como uma tendência que, se traduz num crescente declínio demográfico com todas as suas consequências previsíveis.

Tivemos oportunidade de ver, na primeira parte deste trabalho, que o concelho de Castro Daire assiste entre 1991 e 2001, a um declínio demográfico que, se representa em baixas taxas de natalidade e nupcialidade e num proeminente envelhecimento da população. A tendência, em termos demográficos, repercute assim, uma diminuição da população residente que desvaloriza uma possível tendência de crescimento demográfico.

Na representação dos jovens essa tendência de saída é visível e notória, salvo em duas excepções. Os jovens quando olham o concelho, vivenciam-no e representam-no como um espaço que tende a perder população tendo aqueles, consciência de que contribuem para tal efeito.

“Eu baseio-me em indicador objectivos... Baseio-me no quê? Não é no cheiro! Na malta que esteve comigo no 12º e mais para trás... Se eu for fazer a contagem das cabeças, cerca de, para aí 3 em cada 10 é que está em Castro Daire.”
(Jovem Economista em Lisboa)

“Sim, acho que sim... Cada vez mais... À medida que os anos passam, cada vez, tendem mais a sair do concelho.”
(Jovem Operador de Call-Center em Lisboa)

Esta tendência de saída não ocorre no vazio. Ela é expressão de uma realidade complexa que, conduz os jovens a saírem do local de origem.

Em geral os jovens identificam, como causa do despovoamento, a falta de «oportunidades de emprego» que se verifica no concelho de Castro Daire.

“Pela falta de emprego principalmente. Eu acho que o motivo principal é mesmo a falta de oportunidades para os jovens.”
(Jovem Técnica de Turismo no Porto)

No entanto esta variável «falta de oportunidades», não é, na representação dos jovens, a única justificativa da tendência de declínio demográfico verificada no concelho de Castro Daire.

Na prática, os jovens só se deparam com a «falta de oportunidades» quando ocorre a transição entre a escola e o trabalho. O que é certo é que, as trajetórias escolares dos jovens diferenciam-se por influência de diversos factores. O prolongamento da escolaridade, já nos mostrou Machado Pais, tornou-se para muitos jovens uma ambição concreta. (Pais, 1998d: 190) E será essa ambição que levará muitos jovens a saírem do local de origem para obterem a formação na área para o qual se sentem vocacionados.

Na representação de certos jovens, esta pré-saída, que pode implicar o regresso ou não ao local de origem, poderá facilitar uma saída efectiva do espaço de pertença. A identificação com a cidade onde estudaram, os laços e as redes de sociabilidade que construíram, e um possível casamento fora, são, na representação de certos jovens, razões plausíveis para que esta classe de jovens universitários opte, por procurarem emprego na cidade onde estudaram. Em suma, diríamos que, o objectivo e a ambição de prolongar os estudos concretiza, assim, uma pré-saída que se poderá afirmar como efectiva.

“Outras razões... Pessoas que acabam por estudar e gostam de viver na cidade para onde vão estudar e acabam por ficar e criar lá os laços de amizade e mais uma vez constituir família e consequentemente arranjar lá emprego.”
(Jovem Consultor Logístico em Lisboa)

“Tem a ver com a ligação que criam com essa própria cidade. As vivências. As amizades que se criam. Acho que sim. Acho que é mesmo a familiaridade e as vivências que se criam nessa cidade.”
(Técnica de Recursos Humanos em Lisboa)

De facto, a cidade universitária, nalguns casos, favorece a fixação dos jovens na cidade em detrimento de uma fixação no local de origem. Tal como a jovem médica interna de medicina geral e familiar, também a jovem professora de Inglês/Alemão e a jovem advogada optaram por ficar a residir e trabalhar na cidade onde estudaram.

“Porque já estou a viver há 10 anos em Viseu e acho que seria uma grande diferença mudar de uma cidade como Viseu, desenvolvida em vários aspectos e voltar para Castro Daire. Para um meio mais pequeno.”
(Jovem Professora de Inglês/Alemão em Viseu)

Por outro lado, Machado Pais já nos indicou que as culturas juvenis requerem um espaço e uma cultura próprio/a (Pais, 2003a) e vivem esse espaço e essa cultura à luz de disposições de crer e agir distintas. (Lahire, 2005) Daí a juventude ser conotada, para além de uma aparente unidade, pela sua diversidade. Neste contexto os jovens ambicionam, de formas diversas, um certo estilo de vida que é referência para cada um. A «vivência» (*cultural, social, desportiva*) é um aspecto importantíssimo para as culturas juvenis.

Essa «vivência» poderá, no quadro de condições de repulsão, afirmar-se como uma variável que explica, numa perspectiva de conjunto, as razões pelas quais os jovens saem. As «vivências» poderão ser assim, um factor de ponderação que junto com outras variáveis justificam a razão pela qual o despovoamento se dá.

“Há outra questão, que é a questão de as pessoas quererem ambicionar um certo estilo de vida, que não se identificam com Castro Daire. As pessoas querem ter uma vida há James Bond. Uma vida de glamour, que em Castro Daire não lhes oferecem essas possibilidades. Fundamentalmente há um estilo de vida que se criou na sociedade portuguesa, na malta mais jovem, que identificam um período entre os 20 e os 40 anos como um período de vivência. Sobretudo vivência em que o trabalho e o emprego corresponde a parte da independência financeira... para aquelas coisas que lhes permite vivenciar certas experiências que eles consideram importantes numa faixa etária dos 20 até aos 40 anos. Estamos a falar de viagens, estamos a falar eventualmente num automóvel. Estamos a falar de uma experiência, duma vivência cultural
(Jovem Economista em Lisboa)

Associa-se, por vezes, a essa «vivência» o desejo ou a ambição de se ter outros tipos de conhecimentos ou experiências, quer sejam pessoais, quer sejam profissionais. Na ausência de condições que permitam essa «vivência», os jovens (re) definem, à luz do quadro de «oportunidades» possível, formas de aceder a esses conhecimentos e experiências. A saída ocorre também quando, o quadro de «oportunidades» não é favorável para a concretização dos projectos, ambições e expectativas dos jovens

“Ora bem. Sai de Castro Daire, como já referi para estudar, para frequentar um curso. Logo que terminei, realmente não coloquei a hipótese de vir para Castro Daire na medida em que creio que realmente não me oferecia aquilo que eu pretendia... Não quer dizer que não ofereça a outras pessoas que acabaram o curso e vieram para cá com o objectivo de se fixarem cá e terem aqui a sua experiência... Eu precisava algo mais, queria uma experiência num meio onde realmente poderia... Poderia para já adquirir novos conhecimentos e trabalhar com todas as áreas do direito. Eu creio que em Castro Daire seria mais

complicado. Continuo porque realmente acho que estou a conseguir isso e por outro lado a adquirir novos conhecimentos na medida em que a oferta de formação continua a ser para mim um factor muito importante.”
(Jovem advogada em Lisboa)

“Se for uma pessoa muito ambiciosa e desejar ter outro tipo de conhecimentos então, terá que sair de Castro Daire.”
(Jovem Consultor Logístico em Lisboa)

Este parece ser um aspecto importante a salientar. Estes jovens entendem que o concelho de Castro Daire, não lhes permite a realização dos seus sonhos, projectos e expectativas. E acreditam que se porventura se fixassem localmente, veriam os seus horizontes limitados, dada essa não concretização de projectos e expectativas. A ambição de uns (*realização profissional, melhor bem-estar e qualidade de vida, realização económica, etc.*), associa-se ao desejo de aquisição de conhecimentos e competências de outros, que dificilmente vêm a sua realização pessoal efectivar-se no concelho.

Todos os jovens, sem excepção, identificam claramente as principais consequências do despovoamento: o envelhecimento da população, diminuição da natalidade, a desertificação do interior, a não renovação de gerações, perda demográfica, atrofio das estruturas sociais, a falta de dinamismo e o entrave que a saída dos jovens causa no desenvolvimento do concelho.

“Para já é a perda demográfica... É a primeira não é... Depois é uma perda de... Além disso de uma perda demográfica como um concelho menos activo. O concelho perde muita dinâmica, não é, porque a dinâmica está nas classes etárias mais jovens. E a partir daí eu acho que é um ciclo vicioso que se gera. As pessoas saem daqui, não geram dinâmica aqui... O que está aqui também vai... As pessoas que estão aqui, vão envelhecendo. Perdem a dinâmica que tinham a uns anos atrás. E a partir daí toda... Os jovens quando vêm aqui vêm pouca dinâmica. Não gostam... Uma expressão que se usa: “não se passa nada”... E isto é um ciclo vicioso.”
(Jovem Economista em Lisboa)

De facto, a saída dos jovens gera ciclos viciosos. E o ciclo vicioso que este jovem identifica, torna de tal modo vulneráveis os espaços locais que estes, atrofiam e ficam nas margens do desenvolvimento. Os espaços locais vêm-se assim, deparados com um cenário onde a perda de dinâmica se repercute a todas as estruturas do concelho (*económicas, culturais e sociais*) Tal como a técnica de recursos humanos afirma: “Foi exactamente o que aconteceu, uma perda de dinâmica. Começou a haver poucas crianças e a escola fechou. Deixou de haver pessoas dinâmicas, activas e tudo se modificou.”

“Eu acho o envelhecimento da população em primeiro lugar e depois o próprio desenvolvimento que fica cada vez menos sustentado. As pessoas não vêm, não trazem ideias novas, não existe progresso... Se os jovens tendem a sair e não voltam, a população vai ser cada vez mais velha. Se esses jovens voltassem, supostamente, iriam constituir família e iriam ter filhos e eventualmente por essa via a vila poderia crescer e a sociedade tornar-se menos idosa, porque eu acho; as nossas aldeias e mesmo a vila nota-se que a população é mais idosa.”
(Gestora numa Consultora de Seguros em Lisboa)

O envelhecimento da população é o problema mais citado na representação dos jovens sobre as consequências do despovoamento. É tal dever-se-á ao facto de ser aquele efeito que mais nitidamente se contrasta. Não é necessário percorrer muito o concelho para, se notar que ele está envelhecido. Basta o recurso à memória para se chegar à conclusão de que há 20 anos atrás, o concelho era muito mais rejuvenescido. E os jovens trazem na memória essas experiências vividas na infância, contrastando claramente, o antes do agora.

“Bom. A minha infância. Era um bocadinho diferente porque havia muitos mais jovens. A aldeia estava rodeada de jovens. Tínhamos a escola primária. Tínhamos o rancho. Havia várias actividades. A vida organizava-se de forma diferente. Havia o grupo de jovens, o grupo coral. Neste momento a única coisa que existe... Já não existe escola primária, fechou, o rancho também, o grupo coral também... A única coisa que ficou foi a parte religiosa. Mas até isso levou um certo abanão. Portanto, a minha infância foi muito boa. Num enquadramento social, que agora não tem.”
(Técnica de Recursos Humanos em Lisboa)

Todos os jovens, com a excepção do jovem consultor logístico, compreendem que o despovoamento só traz desvantagens. A excepção, no entanto, entende que a saída poderá trazer alguns benefícios para o concelho, sobretudo a pré-saída de jovens universitários. Para ele, a universidade e as «vivências» e os «conhecimentos» adquiridos/os, poderão ser úteis para o desenvolvimento do concelho, uma vez que os jovens trazem conhecimentos e experiências que poderão ser aplicados/as no concelho.

“Ou seja vamos buscar conhecimento a outros lados e que quando regressamos, se é que regressamos trazemos conhecimento novo e aplicamos na nossa terra, que é sem dúvida uma experiência muito boa, que é gratificante para o nosso concelho, porque vamos ver novos mundos e é assim que o conhecimento passa de um lado para o outro. Agora, falta é que as pessoas retornem ao nosso concelho.”
(Consultor Logístico em Lisboa)

É possível travar o despovoamento?

Para este jovem, os jovens que saíram, nomeadamente os jovens universitários são potenciais «arquitectos» do desenvolvimento do concelho. Considerando os agentes locais pouco ambiciosos, considera que os jovens que saírem para estudar, num eventual regresso, podem, dadas as suas experiências, competências e conhecimentos, aplicar essas valências no concelho. Para este jovem consultor logístico a forma de travar a saída dos jovens é ouvir o que eles têm a dizer.

“Ouvir os jovens que já saíram do concelho. Essa é sem dúvida uma grande forma de evoluir, porque lá mais uma vez, as pessoas que saíram para fora têm outros conhecimentos que podem aplicar no nosso concelho... Ouvir muito as pessoas que saíram do nosso concelho. Isso é sem dúvida... Porque essas pessoas já viveram, tiveram outras vivências e são capazes de dar alguma coisa ao nosso concelho diferente que ele necessita.”

(Jovem Consultor Logístico em Lisboa)

Até poderá fazer sentido o que este jovem afirma. No entanto, uma realidade é certa; os jovens em Castro Daire até podem ser ouvidos, no entanto, as estruturas económicas, segundo estes jovens, nem sempre permitem a sua integração no mercado de emprego local. Por isso, compreendemos que não basta ouvir, é necessário que eles não saiam, ou se saírem, que voltem. E para não saírem/retornarem é importante que haja condições para a sua fixação (*emprego, equipamentos sociais, culturais e desportivos, espaços de consumo e lazer, etc.*) que satisfaçam as suas expectativas e projectos.

A falta de investimento no concelho e o fraco desenvolvimento do mercado de emprego local conduz, certos jovens ao pessimismo, que, só acreditam que o despovoamento somente se trava com a instalação de indústria e investimentos de empresas certificadas que permitam a criação de bacias de emprego aptas para possibilitar emprego aos jovens.

“Eu creio que não há solução. A não ser que se instale aqui uma fabrica. Ou se crie aqui um centro de investigação médica, hospitais... Eh pá. Coisas que nos são externas. O concelho, internamente, não consegue gerar... Tem que ser investimento que venha de fora... Ou seja de uma fábrica, seja novos sectores de tecnologia mais avançada.”

(Jovem Economista em Lisboa)

“Penso que nos próximos tempos não vai conseguir. Porque Castro Daire está demasiado parado no tempo. Penso que Castro Daire não tem evoluído, não se tem preocupado em acompanhar o dinamismo que as outras vilas aqui do distrito.”

(Jovem Polícia PSP em Lisboa)

Para estes jovens é necessário criar empregos, mas empregos empreendedores que possam dinamizar o concelho e facilitar assim, o seu desenvolvimento. A questão económica e profissional é a mais importante para os jovens, apesar de concordarem que é necessário desenvolver o concelho numa perspectiva de conjunto. Tal como afirma o jovem emigrante na Suíça, o que poderia fixar os jovens seria: a existência de “infra-estruturas, indústria e postos de trabalho.” Nesse contexto é «ordem do dia» a dinamização do concelho que, só se concretiza, se houver um mercado de emprego local dinâmico e capaz de criar bacias de emprego que empreguem os jovens.

“Eu penso que a condição fundamental... Voltaremos ao mesmo... A condição fundamental para um jovem se fixar na sua terra, onde tem as suas raízes, será o emprego. Tendo emprego e tendo raízes, nomeadamente os seus pais e os seus amigos, teria todos os motivos para pretender trabalhar na sua zona de residência. Não tendo, seria muito difícil ficar cá. O emprego dos jovens e a sua aspiração é fundamental.”

(Jovem Professor Universitário no Porto e em Viseu)

A esta questão associa-se a necessidade de qualificar os espaços culturais e desportivos de modo a que se criem novas valências que satisfaçam as expectativas dos jovens.

“Criar novos espaços... Ou qualificar com novas valências os espaços culturais que existem... Os espaços desportivos que existem... Criar espaços desportivos que não se limitem só ao futebol uma vez que Castro Daire tem uma das maiores potencialidades ao nível dos desportos aquáticos, devido ao rio Paiva que tem e não é aproveitado pelos jovens...”

(Jovem: Actor/Professor em Figueiró dos Vinhos)

O lazer e o desporto e eventualmente o consumo são assim, elementos contextuais das culturas juvenis. Não é ao acaso que os jovens reclamam por oportunidades de emprego. Não é só a realização profissional que está em jogo. O emprego é o modo adequado para se ter acesso às «vivências» culturais, de consumo, desportivas e sociais. Existe assim, uma relação complexa de interdependência entre; o emprego que se tem e as «vivências» que a independência económica permite satisfazer.

As imagens sobre o mercado local de emprego

O traço distintivo do emprego é que, para além de proporcionar um certo reconhecimento, eventualmente status e até realização profissional, também propicia a independência monetária e residencial, traços essenciais nas sociedades de hoje.

Apesar de o estudo de Luísa Schmidt revelar que somente 8.2% dos jovens é que consegue manter a independência de dinheiro e de casa (Schmidt, 1990), o certo é que em geral, os jovens, a partir de certa idade, sobretudo quando casam, desejam e ambicionam essa dupla independência.

Neste estudo, a representação dos jovens em relação a este dois tipos de independência é clara: na generalidade consideram-na como dois traços distintivos e importantíssimos nas suas vidas.

“Sem dúvida. Eu, falo por mim...sempre foi o meu maior sonho era tornar-me independente o mais rápido possível...eu andava sempre mortinha para acabar o curso para isso acontecer. A partir do momento que acabei o meu curso nunca mais dependi de ninguém, nunca. Porque chega a uma dada altura da nossa vida que qualquer pessoa necessita dessa independência não estar toda a vida a pedir dinheiro aos pais, prá pedir para sair, pedir...sei lá...tens a tua independência, tens o teu dinheiro, tens a tua vida, fazes o que queres e o que te apetece à hora que te apetece. Eu valorizo as duas (risos) ... mas há quem valorize mais a monetária e queira continuar, por exemplo muitos jovens... Hoje em dia cada vez mais saem mais tarde de casa dos pais, por exemplo... E preferem a independência monetária. Eu não, eu prefiro as duas.”

(Jovem Técnica de Turismo no Porto)

“Ee... Acredito que toda a gente tenha o sonho de ter uma casa e ter dinheiro para morar sozinho, ou seja, com a família, acredito que toda a gente tem esse sonho e acredito que toda a gente procura ter esse sonho... Claro que essas pessoas vão procurar em sítios onde tenham a possibilidade de ganhar bem.”

(Jovem Cozinheiro Emigrado na Suíça)

No entanto, essa dupla independência somente se consubstancia quando existem oportunidades de se exercer uma dada profissão. É o emprego que consolida essa dupla independência e que permite, no caso da independência monetária, que os jovens possam ter «vivências» culturais, de consumo, desportivas e sociais, de acordo com as suas disposições individuais. O acesso à cultura, lazer, desporto e consumo está assim, estritamente interdependente da independência monetária que se tenha. O emprego denota-se como sendo o elo fulcral desta interdependência.

No entanto, o mercado de emprego local de Castro Daire, é tudo menos um espaço de «oportunidades de emprego», dizem-nos os mais diversos jovens entrevistados. A falta de «oportunidades de emprego» é o cerne de toda uma problemática e determina fortemente a saída dos jovens do concelho que, procuram noutros lugares o que o mercado de emprego local não lhe facultou.

“Em Castro Daire na minha opinião não existe oportunidades de trabalho... aa... Existem os trabalhos mais comuns... Agricultura, a construção civil e poucos mais que esses ramos existe em Castro Daire. E é normal que as pessoas fujam de Castro Daire.”
(Jovem Consultor Informático em Lisboa)

Na generalidade dos casos, os jovens caracterizam o mercado de emprego local com imagens mentais que são tudo menos positivas. Fechado, limitado, virado para si mesmo, pouco flexível e desqualificado, pobre, fraco, linear, desindustrializado, tradicional e sem grandes investimentos, são as representações que pairam nas mentes destes jovens que, olham o mercado de emprego local com alguma relutância uma vez que ele não lhes permitiu a tal fixação local que desejariam. Foi de facto a «falta de oportunidades de emprego» que os deslocaram da terra natal, da sua família e amigos e os impossibilitaram de construir um projecto na terra que os acolheu à nascença.

“Fraco, completamente fraco. Castro Daire tem comércio interno, tem 3 ou 4 empresas e mais nada. Fraco, completamente fraco.”
(Jovem Consultor logístico em Lisboa)

“Tradicional... aa... Sem grandes investimentos... aa... Acho que é isso.”
(Jovem Consultor Informático em Lisboa)

“Não! Não é flexível, acho que não é. É já disse as oportunidades de emprego em Castro Daire não é que sejam muitas, não é, daí as pessoas sejam obrigadas a sair daqui. Não tanto como uma opção, mas porque aqui não podem ficar.”
(Jovem Advogada em Lisboa)

“É muito fraco. Muito fraco. Pelo que eu... Eu falo por mim. Negócios mais do tipo familiar. Muito pequeno. Pouco... Com pouca abertura...”
(Jovem técnica de Recursos Humanos em Lisboa)

“Acho que é um bocado pobre e um bocado virado para si mesmo. Não está muito virado pró exterior, acho que não há muita exportação...”
(Jovem Operador de Call-Center em Lisboa)

Neste cenário um facto é adquirido: s jovens representam nas suas mentes o mercado de emprego local com estas características, mesmo antes de transitarem para o mercado de emprego. É uma construção mental que deriva do contacto com o concelho e das experiências que familiares e amigos já tiveram quando procuram no concelho uma ocupação. O desemprego é eminente para este jovens, momentos antes de partirem. No processo de procura de emprego, e conhecendo bem o mercado de emprego local, os jovens nem sempre ponderam ficar em Castro Daire porque entendem que não existe um lugar para eles nesse mercado.

“Não, não. Nem mandei currículos nem procurei aqui sequer. Porque eu sabia que não iria haver...aonde, aqui em Castro Daire aonde? E também não era uma coisa que eu queria...lá está...sempre quis ir...”
(Jovem Técnica de Turismo no Porto)

“Não. (risos) Pois, nunca pus essa ponderação porque é assim... eu já antes de acabar dizia “pronto, quando acabar não posso ficar em Castro Daire porque não tenho sitio onde ficar”. É assim... Quer dizer, poderia ter na Câmara, lá está, mas... não é um sitio... só em último caso.”
(Jovem Engenheira Informática no Porto)

A ponderação entre sair/ficar nem sempre se coloca porque para se ponderar é necessário haver alternativas. O certo é que, segundo estes jovens, o mercado de emprego local não garante essas alternativas. Neste contexto o desemprego de circulação de que nos fala Machado Pais, não entra em cena no tecido de Castro Daire, porque o mercado de emprego local não é dinâmico o suficiente para permitir tal circulação. Esta poderá ser uma característica dos meios rurais, que detêm mercados de emprego distintos dos grandes centros, onde a oferta poderá ser escassa, não assegurando na base a integração quanto mais a circulação.

“Não, nem ponderei ficar em Castro Daire. Uma pessoa só pondera quando há possibilidade para tal. Aqui se tu quiseses ir ao cinema aqui em Castro Daire... Se tiveres que ir ao cinema não ponderas se vais a Castro Daire ou se vais a Viseu... Castro Daire não tem tens que ir a Viseu... Tu queres ir para uma grande empresa, Castro Daire não tem, tens que ir para fora. Lá está nem ponderei.”
(Jovem Consultor Logístico em Lisboa)

“Não eu nunca pensei em ficar cá. Porque não tenho oportunidades nenhuma na minha área. Aqui não há oportunidades nenhuma e não tenho, para além da família e dos amigos não tenho nada que me puxe ao concelho de Castro Daire.”
(Jovem Actor/Professor em Figueiró dos Vinhos)

O argumento deste último jovem valida uma realidade, que poderá alterar a qualidade do perfil de jovens que efectivam o despovoamento. Tal como Machado Pais já nos demonstrou, os jovens, cada vez mais, evidenciam aspirações mais elevadas na obtenção de níveis médios e superiores de qualificação académica. (Pais, 1998d: 190) A ida à universidade já não é uma excepção, como noutros tempos, mas torna-se amiúde que o tempo vai passando numa generalidade, dadas as transformações que permitem tal mudança. Ao perfil de jovens que migram, descrito por José Garcia e Esmeralda Correia, (Garcia, 2000: 38) (Correia, 2005) penso, baseado neste estudo, que se deve juntar um novo perfil, que já não é novo, mas que, ganha actualmente um novo vigor. Esse perfil é composto por jovens qualificados, em muitos casos, e como poderemos

ver mais adiante, bastante ambiciosos, pois o que está em jogo para estes jovens não é só a dupla independência que o emprego permite, mas sobretudo a ambição de obterem reconhecimento, status, progressão na carreira, competências e conhecimentos que valorizem o seu estatuto social e profissional. Este novo perfil de jovens não muda a qualidade dos perfis anteriores. Somente acrescenta mais qualidade uma vez que descreve com mais exactidão a realidade contemporânea do despovoamento.

Os jovens entrevistados, em geral, concordam que existem mais jovens a irem à universidade, comparando com outros tempos de que têm memória. Dos meus entrevistados dezoito são jovens licenciados que, não conseguiram uma integração no mercado de emprego local, definindo sem hesitação as suas trajectórias para fora do concelho.

Os jovens entrevistados entendem que em geral, salvo pequenas excepções, os jovens qualificados não têm um lugar no mercado de emprego local, dadas as características do mesmo, aquelas que já tivemos ocasião de descrever.

“Não... Não. Como disse: não tem sector secundário de prestação de bens transaccionados. Não tem sector secundário nenhum... Tinha as fábricas de madeira... Apesar de ter uma zona industrial da Ouvida... Tinha as pedreiras na zona da freguesia de Moledo... Mas não é um sector que empregue gente qualificada. Não há... O concelho não tem sectores económicos que absorvam licenciados. Estou a ver... Um sector: são os contabilistas, mas normalmente não há massa crítica para desenvolver o negócio para recrutar pessoas... Fundamentalmente, o concelho não tem uma estrutura económica que permita absorver a quantidade de licenciados que se estão a formar.”
Jovem Economista em Lisboa

“Não... Não... Não há oferta suficiente... Não conseguem. Exactamente... A falta de oportunidades nas áreas mais... As que exigem mais qualificação. Uma qualificação mais técnica ou mesmo universitário.”
(Jovem policia Judiciário em Lisboa)

“Não. Acho que completamente que não. É nula ou são muito poucos os que conseguem. São muito poucos. Eu conheço bastante gente que já acabou ou está a acabar o curso e ninguém tem emprego.”
(Jovem Assistente de Loja de Roupas em Viseu)

No entanto, para os jovens entrevistados, o mercado de emprego local não está fechado por completo. O que acontece é que não tem todos os sectores de actividade que abundam nos mercados de emprego mais dinâmicos. O reflexo é que a integração ocorre, (e *quando ocorre*) nos sectores de actividade mais tradicionais ou ligados a administração pública (*Câmara Municipal, Finanças, Construção Civil, Lares de Idosos,*

comércio, etc.) São os jovens qualificados aqueles que sentem mais as dificuldades de inserção no mercado de emprego local, onde nalguns casos essa integração é mesmo impossível. Este facto comprova a hipótese de que o nível de desenvolvimento periférico do Concelho, não proporciona um mercado de trabalho com oportunidades de emprego para todos os jovens, impossibilitando, até, nalguns casos, a inserção profissional de certos jovens, que só terão como solução a própria saída; uma vez que associado ao emprego está o desejo da independência monetária, estabilidade e o desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida.

“Acho que... Não está fechado. O mercado de trabalho de Castro Daire não está fechado, como nunca teve, mas tem dificuldades em empregar os jovens.”
(Jovem Futebolista Profissional na Trofa)

“Não, nem havia essa possibilidade. A minha área de formação não existe em Castro Daire nem em Viseu, só em grandes centros como Lisboa e porto, e por isso a minha escolha ficou logo automaticamente feita assim que acabei a universidade.”
(Jovem Consultor Informático em Lisboa)

Não assegurando as «oportunidades» de emprego que os jovens reclamam, o mercado de emprego local contribui fortemente para a não satisfação das expectativas e projectos destes jovens. Nessa não correspondência entre «oportunidades» de emprego e a satisfação de expectativas e projectos, os jovens encontraram a solução para esse problema fora do concelho de Castro Daire. A saída é resultado do facto de os jovens se deparem com um beco sem saída e terem que (re) definir as suas trajectórias na encruzilhada que não se encontra em Castro Daire, uma vez que se verifica uma discrepância entre as «oportunidades de emprego» e as expectativas, ambições e projectos destes jovens, que acabam por interpretar o espaço de pertença como um lugar que não proporciona o que tanto desejam: a realização de projectos, expectativas e ambições.

Argumento:

A saída dos jovens do local de origem, devesse sobretudo; à relação entre as «oportunidades» de emprego e as expectativas, projectos, habilitações, juízos de valor e o desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida que os jovens têm/sentem quando interpretam a sua inserção no mercado de emprego local. Nessa relação ocorre, em certos casos, uma descoincidência entre as habilitações dos jovens e as «oportunidades» de emprego, e uma discrepância entre as «oportunidades» de emprego e os projectos e as expectativas dos jovens que desejam o melhor bem-estar e a máxima

2: O que pensam os jovens sobre os protagonistas do despovoamento?

Quem sai e quem fica?

As razões que levam certos jovens a fixarem-se no local de origem, enquanto outros acabam por sair, depende de uma relação complexa entre as condições de fixação local (*emprego, família, amigos/pares, escola, equipamentos sociais, culturais e desportivos, etc.*) e as expectativas, os juízos de valor, os projectos e o desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida que, os jovens sentem quando interpretam essas condições. (Baronet, 2008)

A saída, neste estudo, devesse sobretudo ao argumento que apresentei momentos antes. De facto, os jovens nem sempre encontram as «oportunidades» que desejariam para uma possível inserção no mercado de emprego local. Por um lado porque, nem sempre as qualificações dos jovens coincidem com as oportunidades existentes, porque os jovens sentem que as escassas oportunidades não permitem a satisfação das suas expectativas ou a realização dos seus projectos ou mesmo porque o mercado de emprego local, dadas as suas características não permite que os jovens exerçam as profissões para as quais estão habilitados ou para as quais são competentes. Temos, neste estudo, os casos do jovem polícia judiciário, do jovem futebolista profissional, do jovem polícia PSP, ou os diversos consultores e engenheiros que, são exemplos claros que as suas vocações não são passíveis de se exercerem no concelho uma vez que, não existem sectores de actividade que compreendam tais profissões.

Outros jovens acabam por sair porque a sua vocação dependerá de factores externos que determinam por vezes coercivamente o destino dos mesmos. É o

exemplo, claro, dos vários professores entrevistados que dependem de uma colocação no ensino regular/privado, para poderem exercer as suas profissões.

Mas nem todos os jovens saem. Existem alguns que acabam por se fixar no local de origem. Essa fixação na representação destes jovens depende de diversos factores, entre os quais destacamos: o facto de certos jovens darem continuidade a um negócio familiar, outros porque conseguiram uma colocação no mercado de emprego local que satisfaz as suas expectativas e os seus horizontes.

“Pessoas que por um motivo de continuação de um negócio familiar ou num trabalho certo que consigam arranjar na função pública, penso que esses consigam ficar no concelho.”
(Jovem Polícia Judiciário em Lisboa)

Por outro lado, pensam os jovens que, alguns ficam porque há falta de ambição no sentido profissional do termo, isto é; não reclamam reconhecimento, status ou progressão na carreira, tornando-se as suas profissões, secundárias por vezes, suficientes para a realização dos seus projectos de vida.

Noutro contraponto, a identificação com o concelho associado às valências emocionais, laços e afectos que se têm com a família e um emprego que se possa ter, propicia em certos casos, a fixação local. Noutros casos também, o desemprego poderá ser um motor de fixação local, porque certos jovens acabam por residir no concelho por apoio e suporte familiar ou porque recebem do estado alguma contrapartida pela situação de desemprego.

“Sim, mas depois também há aquela questão do desemprego de ser muito prevalente na nossa faixa etária que faz com que as pessoas estejam num sítio onde possam ter um suporte financeiro... Ou seja... Continuando ainda sobre a alçada dos pais.”
(Jovem Médica Interna de Medicina Geral e Familiar em Coimbra)

Portugal ou o Estrangeiro?

O destino para onde se migra depende, de inúmeras variáveis. Já tivemos oportunidade de ver que nas primeiras vagas de emigração emigravam sobretudo jovens solteiros em idade activa, de classes baixas e com fracas qualificações. (Garcia, 2000: 38)

A representação geral destes jovens sobre quem migra e para onde, é clara: os jovens qualificados tentam colmatar as falhas de inserção no mercado de emprego local nos grandes centros urbanos, dentro de Portugal enquanto os jovens menos qualificados, procuram a sua sorte no estrangeiro.

Mas será fundamentada esta representação? Se formos analisar a problemática no contexto do mercado de trabalho e das recompensas directas ou indirectas que ele implica (*reconhecimento, bons/fracos salários, status, progressão na carreira, realização profissional, etc.*), veremos que poderá haver uma explicação para este facto. As remunerações no mercado secundário tendencialmente correspondem a um salário mínimo ou pouco mais do que isso. Os jovens pouco qualificados, perfil adequado desse mercado secundário, poucas oportunidades têm de crescer dentro desse mercado. Se associarmos a essa dificuldade, a questão do desemprego e uma certa ambição, veremos que existem razões plausíveis para que os jovens com menos qualificações optem pelo estrangeiro onde os salários permitem, numa mesma profissão exercida em Portugal, uma qualidade de vida superior a que se poderia viver no Continente. O que está em jogo não é a profissão em si, mas as regalias que ela permite.

“Para o estrangeiro sai uma classe que não tem estudos e que pretende ter uma vida melhor e um salário melhor. E a única forma de o auferir é fazer o mesmo trabalho que, normalmente fazia cá mas fora em que a remuneração é claramente superior.”

(Jovem Gestora numa Consultoria de Seguros em Lisboa)

“Eu acho que todos os que seguem uma vertente mais universitária ficam dentro de Portugal, fora do concelho... aa... As pessoas que não seguem essa vertente, a possibilidade de enriquecerem e terem mais um pé-de-meia é irem para o estrangeiro. E acredito que existe uma grande percentagem, não sei quanto, de jovens que vão para o estrangeiro.”

(Jovem Consultor Informático em Lisboa)

Para além das condições económicas, também as redes de apoio e conhecimento poderão ser importantes factores de explicação para que os jovens optem em migrar para o estrangeiro. Como sabemos existem milhares de portugueses por esse mundo fora. As redes de apoio e conhecimento, neste perfil de jovens, poderão ser fulcrais num duplo sentido: são um exemplo vivo de um eventual sucesso de enriquecimento ou estabilização social e são forças de referência e motivação para os seus familiares/conhecidos. O jovem cozinheiro emigrado na suíça, neste estudo, é um

exemplo vivo de como as redes de apoio familiares configuram ou facilitam uma eventual migração externa.

“Eu: Que idade tinha quando saiu pela primeira vez?

Jovem: 17.

Eu: E para onde é que saiu?

Jovem: Para a suíça.

Eu: E quais foram as razões que o levaram a sair?

Jovem: Ee... Foram razões financeiras... aa... Razões escolares... Não tinha habilitações e talvez uma saída mais fácil de Portugal e entrar numa vida com mais facilidade na suíça.

Eu: E o que é que facilitou a sua saída para a suíça?

Jovem: Ter família na suíça.

Eu: Acha que no seu caso e noutros jovens o facto de se ter família e parentes no estrangeiro facilita a ida dos jovens?

Jovem: Sim claro... Claro que facilita. As pessoas entram de uma vida pobre para uma vida rica... Com uma entrada muito mais rápida.”

(Jovem Cozinheiro Emigrado na Suíça)

No caso dos jovens qualificados, a realidade é bem diferente. Tendo recursos para aceder ao mercado primário, sabem que a sua inserção laboral nesse mercado lhes permitirá usufruir, gradualmente, de todas as regalias que ele lhes tem a oferecer (*reconhecimento, bons salários, status, realização profissional, mobilidade social, etc.*) Os grandes centros, sobretudo Lisboa e Porto, são o destino destes jovens, uma vez que aí as relações do mercado do emprego são mais dinâmicas, intensas e qualificadas. Dos dezoito jovens qualificados, três residem e trabalham na área metropolitana do Porto e doze na área metropolitana de Lisboa. Nenhum destes jovens se encontram no estrangeiro, apesar de dois afirmarem que têm possibilidade de emigrar a partir da empresa, onde exercem as suas profissões de consultores.

“Para fora vai quem? Pessoas que não têm cursos superiores. Principalmente aqueles que deixam de estudar cedo, pessoas mais das aldeias que não têm previsão nenhuma de tudo, emigram mais. Agora as pessoas que estudam podem emigrar á posteriori do curso... Mas... Tentam mesmo em Portugal, mas não em Castro Daire.”

(Jovem Técnica de Turismo no Porto)

Um aspecto comum: a ambição

Apesar de poderem ser dois perfis diferentes, aos quais estão igualmente associadas trajectórias distintas, uma coisa têm em comum estes jovens: a «*ambição*». Apesar de qualitativamente serem formas de ambição diferentes, não deixam de ser uma qualidade comum a estes dois perfis de jovens. Se os jovens qualificados assumem a ambição de progredir na carreira, de obterem reconhecimento e status social, um estatuto na empresa, a progressão na carreira e lateralmente bons salários, os jovens menos qualificados assumem sobretudo não essa ambição de aquisição de capitais simbólicos e sociais, mas, sobretudo a obtenção de capitais económicos que permitam o usufruto de uma vida mais estável e proveitosa possível. No fundo a ambição diferencia-se qualitativamente mas tende para o mesmo fim: a realização social/pessoal, e o melhor bem-estar e a máxima qualidade de vida.

“Sou um pouco ambicioso no que se trata à carreira e em constituir uma carreira, porque eu espero um dia quando tiver 40 anos estar bem de vida digamos... ee... Para isso tenho que ser um pouco ambicioso agora, tenho que constituir a minha carreira e com certeza não é em Castro Daire que o vou conseguir fazer, porque sendo a minha área em gestão industrial, muito direccionadas para as empresas e o negócio, tenho... Castro Daire não é sem duvida um sítio onde possa constituir a minha carreira, logo eu vou ter que sair do concelho.”
(Jovem Consultor Logístico em Lisboa)

É a ambição na sua qualidade positiva que também provoca o despovoamento, na impossibilidade de se atingirem os objectivos que essa ambição prevê. A ambição, no sentido positivo do termo, é pertinente no contexto do despovoamento, porque é essa ambição que também define e redefine as trajectórias dos jovens.

Argumento:

A ambição associada às condições sociais objectivas dos jovens (qualificações, idade, género, classe social, etc.) e as suas disposições individuais (crer e agir) é, também um motor do despovoamento. As trajectórias são distintas porque distintas são também, as mais diversas ambições, projectos e expectativas que os jovens projectam nas suas vidas.

II

AS PRÁTICAS DOS JOVENS NO CONTEXTO DO DESPOVOAMENTO

I: Os perfis de jovens que definem a saída

Já tivemos a ocasião de esboçar as razões que levam estes jovens a sair. Resta saber agora, quem são esses jovens e que perspectivas de futuro têm. À luz das suas ambições, projectos e expectativas agruparia estes jovens em 5 perfis. No entanto, chamo atenção que eles remetem para o contexto em causa, podendo ou não ser aplicado a outros contextos. Caberá a futuras investigações apurar a qualidade destes perfis, restando-me somente a explicitação de cada um deles.

Existem assim, 5 perfis de jovens que tendem a sair do conselho:

1. *Os que emigram com poucas qualificações;*
2. *Os que são ambiciosos;*
3. *Os que procuram uma aproximação*
4. *Os que se acomodaram à vida citadina;*
5. *E os que não se identificam com o concelho.*

Jovens que emigram com poucas qualificações

Apesar, de somente ter um jovem que encaixa neste perfil, fica claro tanto na literatura sociológica, como nas representações dos jovens que, são os jovens menos qualificados aqueles que tendem a migrar com proeminência para o estrangeiro. A impossibilidade de acederem ao mercado primário e o facto de os empregos a que conseguem ter acesso não lhes permitir a realização dos seus projectos e ambições, conduzem-nos (*nalguns casos*) para contextos além fronteiras. As redes de apoio e conhecimentos, já tiveram oportunidade de ver que, influenciam fortemente a tomada de decisão destes jovens, que vêm no estrangeiro a possibilidade de «arranjarem» as suas vidas de acordo com os seus projectos e ambições. Uma dessas ambições está, de facto, associada à condição económica. Estes jovens procuram no estrangeiro a oportunidade de ganharem um salário que lhes permita construir uma vida na base na estabilidade, na poupança, quando possível, e no melhor bem-estar e a máxima qualidade de vida possível.

“Sim. Acho que sim. Vão por exemplo prá s vindimas, ou vão para as obras, ou vão para restaurantes trabalhar na restauração, ajudantes de cozinha, pastelarias, bagageiros de hotéis... ee... São mais... Sim. A principal razão é a razão económica. Acho que ninguém gosta de sair de ao pé da sua família, da sua terra. Acho que a principal razão é a razão económica. Às vezes pode haver factores secundários, como já referi... A família, ter família no estrangeiro e ter uma oportunidade de estarem com eles... A viver fora... Mas sobretudo é a razão... O factor de emprego... De falta de emprego... À procura de emprego no estrangeiro.”

(Jovem Operador de Call-Center em Lisboa)

No fundo serão as fracas habilitações associadas ao desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida, a par da influência das redes de apoio e conhecimento, factores importantes que nos ajudam a compreender as trajectórias destes jovens.

Jovens ambiciosos

A ambição associada às condições sociais objectivas e as disposições individuais, ajudam-nos a compreender a forma como os jovens dão sentido às suas trajectórias. As entrevistas revelaram que, em geral, os jovens são ambiciosos no sentido positivo do termo (*desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida possível*). No entanto, este perfil de jovens caracteriza-se por outra qualidade da ambição. Eles são ambiciosos não somente nesse sentido, mas sobretudo em termos profissionais. A realização profissional, progressão na carreira, bons salários, status e reconhecimento são os ingredientes dessa ambição. Estes jovens são sobretudo bastante qualificados que tiveram uma oportunidade de ingressar no mercado de trabalho primário. Regra geral estes jovens são consultores, técnicos e economistas.

“Sinto-me profissionalmente realizada... Obviamente que queremos sempre... Mesmo... Eu trabalho numa seguradora... É uma seguradora sólida, gosto muito do trabalho que faço... Para a média do país estou a ser remunerada muito acima da média... Logo... Não existe nada que eu possa dizer: não estou satisfeita... Mas claro queremos sempre crescer e fazer mais e melhor. Mesmo crescer lá dentro... É sempre possível. Sim... Não quero estagnar... Não... Não quero... Quando fui para lá eu tinha um cargo, tinha um nível, depois passado um tempo subi de nível... Agora voltei a subir de nível... Nós queremos progredir na carreira... Queremos que o nosso salário cresça... Queremos aprender mais coisas.”

(Jovem Gestora numa Consultoria de Seguros em Lisboa)

“Sou um pouco ambicioso no que se trata à carreira e em constituir uma carreira, porque eu espero um dia quando tiver 40 anos estar bem de vida digamos... ee... Para isso tenho que ser um pouco ambicioso agora, tenho que constituir a minha carreira e com certeza não é em Castro Daire que o vou conseguir fazer, porque sendo a minha área em gestão industrial, muito direccionadas para as empresas e o

negócio, tenho... Castro Daire não é sem dúvida um sítio onde possa constituir a minha carreira, logo eu vou ter que sair do concelho.”
(Jovem Consultor Logístico em Lisboa)

Estes jovens saem do concelho porque o mercado de emprego local não detém as características primárias que estes jovens tanto ambicionam. Sem esse mercado não se concretizam ambições. E não se concretizando as ambições afigura-se como única solução: a saída. O que está acima de tudo é, a possibilidade de concretizar a ambição de evoluir o mais possível dentro do sector de actividade e usufruir de todas as regalias e recompensas (*status, reconhecimento, estatuto*), que esse sector tem para oferecer. Estes jovens têm assim, uma visão de futuro assente na ambição de evoluírem e não estagnarem profissionalmente, adquirindo o máximo de experiência e conhecimento. O jovem consultor logístico em Lisboa é um exemplo vivo desta realidade. Ele escolhe Lisboa pois a considera o centro onde se tomam todas as decisões, onde se concentram as maiores empresas e oportunidades. Tendo a ambição de progredir profissionalmente apostou todas as suas forças para ingressar no mercado de emprego Lisboaeta. Não hesitou em sair ao saber que em Castro Daire seria impossível a realização das suas ambições e projectos. Foi o desejo/ambição de ser tão bom ou melhor que os diversos consultores que o levou a escolher Lisboa, não olhando para trás e «desenhando» sem medo a sua saída.

“Eu: E porque Lisboa e não outra cidade?”

“Jovem: Lisboa é... Ou seja... Portugal a nível económico é Lisboa o resto é paisagem, digamos. A nível industrial e tudo. As grandes decisões estão lá... Se és um pouco ambicioso e queres ganhar conhecimento é lá. É lá que se tomam as grandes decisões... Todas as grandes empresas estão em Lisboa. Se estás longe deles mais uma vez ficas a parte ou é tudo muito mais complicado, portanto, se queres ser bom junta-te aos bons e é lá que... É Lisboa... É lá que tu tens tudo... A cidade consegue-te oferecer não só ao nível profissional mas cultural tudo. Tu consegues ter... Lisboa tem tudo... Quem mora no centro de Lisboa tem tudo... Agora tu não tens lá o teu quintalzinho para cuidar, para relaxar um pouco... É verdade... Não tens!.. Mas aprendes a viver com isso e crias outras coisas... Vais ao teatro. Vais ao cinema. Vais a uma festa. Vais a uma actividade que há... Há sempre coisas a fazer...”

(Jovem Consultor Logístico em Lisboa)

Em geral, estes jovens ambiciosos escolhem as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, para concretizarem as suas ambições e projectos. E a razão parece óbvia. São estas duas cidades que detêm os mercados de emprego mais dinâmicos e qualificados. Daí ser estas duas cidades o «paraíso» destes jovens.

“Claro. Como disse antes acho que uma pessoa que se quer desenvolver profissionalmente é ambiciosa... aa... É nos grandes centros normalmente... Ou nas empresas especializadas na área onde se formou... Que Castro Daire isso não existe. E é normal de as pessoas sair de Castro Daire, porque existe essa ambição de desenvolvimento profissional.”

“Exactamente. A minha área de formação não existe em Castro Daire nem em Viseu, só em grandes centros como Lisboa e porto, e por isso a minha escolha ficou logo automaticamente feita assim que acabei a universidade.”
(Jovem Consultor Informático em Lisboa)

Será a ambição o motor que move estes jovens. A ambição, de usufruírem e evoluírem ao máximo dentro do sector de actividade no qual estão inseridos. Essa ambição implica: a aquisição de capitais simbólicos (*reconhecimento, status*), capitais económicos (*bons salários*), capitais culturais (*conhecimentos e competências*) e capitais sociais (*progressão na carreira, mobilidade social*).

Jovens que procuram uma aproximação

Os jovens que definem este perfil têm em comum o facto de, tentarem de tudo para se aproximarem do concelho de Castro Daire. Esta aproximação não implica necessariamente o exercício da ocupação profissional no concelho. De facto, estes jovens sabem que têm poucas «oportunidades» no mercado de emprego local. No entanto, prefeririam trabalhar em cidades «satélites» a Castro Daire, nomeadamente Viseu, Lamego e vila real e residir em Castro Daire.

A razão pela qual estes jovens acabaram por sair do concelho é comum a todos os jovens: a «falta de oportunidades» de emprego. Neste perfil figuram os seguintes jovens: o casal que está a morar em Lisboa (*ele economista e ela Enóloga*), a enfermeira em Vila Franca de Xira, a professora contratada em Setúbal, o policia judiciário em Lisboa (casado) e a professora 2º Ciclo em Lisboa (também casada). Todos estes jovens demonstram o desejo e a vontade de se aproximarem de Castro Daire.

A jovem enfermeira vive actualmente um dilema que se circunscreve entre o desejo de se aproximar e uma fixação efectiva em Vila Franca. No entanto o desejo de trabalhar em hospitais é o que move esta jovem, que não se importaria de exercer a sua profissão de enfermeira no hospital de Viseu.

“E: E tenciona ficar nesse local numa perspectiva de futuro? Pretende ficar em Lisboa ou ir para outro lugar?

Jovem: Pretender, pretendo vir (risos), tenho concorrido para tudo e mais alguma coisa e não tem havido oportunidade para regressar. E neste momento está a surgir uma oportunidade de eu me fixar lá e não sei se a terei que a agarrar mesmo.

E: Você gostaria de vir para onde?

Jovem: Para Viseu.

E: E porque vir para Viseu e não ficar em Lisboa?

Jovem: Viseu neste momento já é... Eu digo trabalhar em Viseu, não sei se calhar depois se ficaria residente em Castro Daire porque agora as nossas... É uma facilidade enorme Viseu – Castro Daire.... aa... Mas Viseu neste momento está uma cidade, uma boa cidade para se viver. Calma e está muito evoluída.”
(Jovem Enfermeira em Vila Franca de Xira)

No caso da jovem professora contratada em Setúbal o dilema e ambivalência são bem diferentes. Esta jovem declara a sua preferência por regiões do interior. No entanto, tem uma profissão que depende de processos de colocação. Como professora ainda, não poderá escolher o local que deseja para residir e trabalhar, estando assim, sujeita a critérios que lhe são externos. Esta jovem professora, no entanto, faz de tudo para se aproximar.

“Mas a nível nacional, quando eu me candidato a nível nacional, tenho por preferência... vários códigos, de um a vinte e três, eu vou por aqueles códigos de acordo, com as localidades que eu gosto. Evidente, os primeiros pus: Viseu, e depois comecei Viseu, Vila Real, pronto, essa... A parte interior toda, porque acho que o interior tem tudo, apesar de hoje em dia dizem que querem ir tudo para o litoral, mas eu acho que o interior é bonito. Então... As minhas preferência foi... Uh... Centro norte, do centro para o norte, o interior todo, começando por Viseu, Viseu foi o primeiro, a seguir foi Vila Real, depois foi a zona de Coimbra, pronto, tudo centro norte. Tudo... A seguir foi a parte Alentejo e depois para o fim Algarve e Lisboa.”

(Jovem professora contratada em Setúbal)

Apesar de não poder escolher em parte o rumo da sua vida, esta jovem está consciência de que terá que aproveitar todas as oportunidades que lhe são dadas, para evitar o desemprego e a eventual dependência monetária e residencial. No entanto esta professora acredita que com a subida de escalão poderá um dia poder escolher o local onde se fixará e assim se poder aproximar do concelho.

“Depois a nível de rendimentos, porque vale mais um pássaro na mão que dois a voar, é um bocado isso. E eu aproveitei logo a situação para ir, foi mesmo para...”

Se não vou para lado nenhum, também acabo, também por não ter oportunidade de ficar mais perto.”
(Jovem professora contratada em Setúbal)

A jovem professora do 2º ciclo encontra-se na mesma situação acima mencionada. No entanto, o facto de ser casada complexifica ainda mais a sua situação. O seu marido e os filhos encontram-se em Castro Daire, tendo esta jovem que se desdobrar «entre vidas» para satisfazer os seus projectos: a realização profissional, o acompanhamento no crescimento e educação dos filhos e o desejo de se aproximar do concelho.

Para esta jovem os avós têm sido um apoio fundamental que dão aos netos. O desejo de se aproximar revela-se, pela influência que a qualidade de vida do concelho proporciona a si e aos seus filhos e pela forte identificação que sente pelo espaço de pertença. A decisão de se aproximar está fortemente relacionada com o desejo de reagrupamento familiar, para que possa ter uma vida em comum com os seus.

“E: Acha que já necessita, uma vez que já me falou que é casada e tem filhos, acha que já necessita desta estabilidade que se calhar noutra cidade não consegue ter ou tem de maneira diferente?

Jovem: É totalmente diferente, a estabilidade aqui e a estabilidade lá... A minha situação de ter saído daqui foi mesmo por causa de emprego e de querer seguir a minha vida profissional que aqui não tinha oportunidade não é? Aa... Mas se eu pudesse ter... Seguir a minha vida profissional aqui... Eu queria era que fosse aqui, não queria que fosse noutro lado não é?

E: Quando compara a cidade onde está agora e Castro Daire está-se a referir à qualidade de vida?

Jovem: Sim. A qualidade de vida aqui é muito diferente, nós temos uma excelente qualidade de vida. Lá não há qualidade de vida. Lá há oferta de trabalho não é? Aa... Agora qualidade de vida não tem... Nem quero comparar, porque é totalmente diferente. Vive-se em casas pequeníssimas que aqui é totalmente diferente, em termos de espaço podemos andar... aa... a deslocação para o sítio onde temos o trabalho há sempre trânsito, aqui só por isso não teríamos o aspecto negativo do trânsito não é? Aqui uma pessoa desloca-se com facilidade para o local de trabalho, não é? Agora, nas grandes cidades, não... Isso é tudo... Eu... Para mim é stress... Acho que por isso é que ocorre o stress.

E: Então segundo o que me apercebo se lhe surgisse uma oportunidade para vir para Castro Daire você aproveitava?

Jovem: Logo, logo... Isso é logo... Isso não tem... É assim, para mim o estar em Lisboa, neste caso em Lisboa não é? É mesmo só... É o trabalho que tenho e quero seguir esta vida profissional. Não quero desistir... Tirei um curso, foi para isso que trabalhei e não quero desistir dele e porque sinto que tenho vocação para estar inserida nele, porque se não, também o deixava não é? Aa... Mas sendo assim, não. Como quero seguir este ramo prefiro me deslocar, já é o quarto ano que o faço,

não sei se terei que o fazer mais mas prevejo já para o ano me aproximar mais da minha localidade.”
(Jovem Professora do 2º ciclo em Lisboa)

Na mesma situação encontrasse o jovem polícia judiciário. A sua esposa e o seu filho encontram-se em Castro Daire, tendo este jovem que também se desdobrar «entre vidas» para cumprir os seus ideais: a realização profissional e o reagrupamento familiar. Tendo já ponderado transferir a sua família para Lisboa, chegou à conclusão que aquela não iria ter a mesma qualidade de vida que tem em Castro Daire. Os factores económicos, associados, sobretudo, à habitação e à educação do filho e o facto de não se identificar com Lisboa, pesaram na ponderação.

“E: O facto de ser casado, ter um filho e a sua mulher trabalhar em Castro Daire, é também uma razão que o leva a regressar a Castro Daire?”

“Jovem: Sim... sim... Não é só essa a questão, porque com certeza que já coloquei a hipótese, por exemplo, de mudar a minha família para Lisboa, só que associado à vontade que eu também tenho de permanecer em Castro Daire e de manter os meus laços em Castro Daire existem também factores económicos que eu nunca conseguiria proporcionar à minha família o mesmo nível de bem-estar e de qualidade de vida que proporciono em Castro Daire numa cidade como Lisboa... Que é muito mais cara, seja no mercado de habitação, seja na área da educação que eu teria que dar ao meu filho... E é uma cidade muito mais cara onde eu não conseguiria com o salário que tenho proporcionar o bem-estar que eles conseguem ter em Castro Daire.”

“E: E quais são os seus projectos de futuro?”

“Jovem: Profissionalmente tenho a ambição de poder trabalhar mais próximo da minha terra... ee... A nível familiar continuarei a manter esse tipo de vida... A minha família continuará aqui em Castro Daire e eu regressarei sempre que puder aqui à minha terra.”
(Jovem Policia Judiciário em Lisboa)

Em termos de síntese diria que, este perfil de jovens reforça o seu desejo de se aproximarem porque em jogo está o reagrupamento familiar tão desejado, noutros casos porque a qualidade de vida que o concelho proporciona e tudo o que ela envolve é uma variável forte na definição das trajectórias. Denota-se por outro lado que estes jovens sentem um apego forte à terra natal e identificam-se fortemente com ela. A identificação, o reagrupamento familiar e a qualidade de vida parecem ser as variáveis que justificam o desejo que estes jovens sentem em se aproximarem do concelho.

Jovens que se acomodaram à vida citadina

Já tivemos ocasião de ver, que existem certos jovens que optam em trabalhar e residir na cidade universitária. Este perfil é composto por todos esses jovens que definem uma pré-saída (*ida à universidade*) que acaba por se tornar efectiva. As redes de amizade que se construíram ao longo da graduação, a identificação que se sente em relação à cidade, derivada de um tempo significativo vivida na mesma, e até um eventual casamento resultado de um namoro universitário, são as razões que poderão definir este perfil de jovens. Em termos práticos foi o que aconteceu com a jovem professora de Inglês/ Alemão. A viver há 10 anos na cidade de Viseu, cidade que escolheu para tirar o curso de Inglês/Alemão, acabou por casar com o namorado que teve durante o tempo em que tirava o curso. Do casamento nasce uma filha e com o seu nascimento enraíza-se ainda mais o vínculo que já era forte à cidade de Viseu. Uma década vivida em Viseu e uma fracassada tentativa de incorporação no mercado de emprego de Castro Daire, contribuíram para que esta jovem se «acomodasse» à vida, às regularidades e rotinas que construiu na sua cidade universitária. Esta experiência contribuiu para que se deixasse de identificar com Castro Daire, apesar de ter tido uma identificação forte na sua infância e adolescência. A falta de identificação com o local de origem, a que acresce uma cada vez maior identificação à cidade de Viseu, leva esta jovem a definir o projecto de comprar casa, o que revela que procura incorporar a sua biografia na cidade que a formou.

“E: Pondera algum dia voltar a Castro Daire?”

Jovem: Neste momento não.

E: E numa perspectiva de futuro?

Jovem: Creio que não. Faço intenções de comprar casa aqui em Viseu... Faço intenções de viver aqui em Viseu.

Eu: Mas imagine que seria possível exercer a sua profissão em Castro Daire, você regressava a Castro Daire?

Jovem: Talvez não.

Eu: E porque não?

Jovem: Porque já estou a viver há 10 anos em Viseu e acho que seria uma grande diferença mudar de uma cidade como Viseu, desenvolvida em vários aspectos e voltar para Castro Daire. Para um meio mais pequeno.

Eu: Acha que isso também tem a ver com as coisas que aqui consegue aceder que em Castro Daire não consegue aceder?

Jovem: Acho que consegue, mas é mais uma questão de uma pessoa tornasse... Quer dizer... Está habituada, está habituada...

Eu: Será uma espécie de acomodação?

Jovem: Sim, acomodação, nada mais.

Eu: Acha que se acomodou a vida que vive em Viseu?

Jovem: Sim. É uma cidade que não é muito grande, que tem tudo e é boa para viver.”

(Jovem professora de Inglês/Alemão em Viseu)

Nesta situação encontram-se também: a jovem médica de medicina geral e familiar, a advogada e o consultor informático. Todos estes jovens têm em comum o facto de, terem ido à universidade e terem enraizado parte das suas vidas nas cidades universitárias. O casamento, a progressiva identificação com a cidade e tudo o que ela envolve, os laços de amizade e convivalidade que criaram, a casa que compraram ou tencionam comprar; são algumas das razões que nos ajudam a compreender as disposições individuais que levam estes jovens a fixarem-se na cidade em detrimento do local de origem.

Jovens que não se identificam com o Concelho

A característica que define este perfil prende-se com a não identificação com o local de origem. Essa não identificação é contraditória uma vez que nem sempre foi assim. Na infância e na adolescência estes jovens identificavam-se com o local de origem, sendo essas fases das suas vidas importantíssimas para a formação das suas identidades. Mas a transição entre a escola e o trabalho, redefiniu as disposições individuais que estes jovens assumem perante o espaço de pertença. As vivências noutras contextos e a aquisição de novas disposições individuais favorecem esta não identificação com o local de origem, tornando a saída uma não problema pois é realizada sem hesitação. A não identificação com o concelho favorece a saída porque estes jovens encontram poucas razões que os prendam lá. Tirando a família e em parte alguns amigos, estes

jovens não se sentem entrelaçados e contextualizados no concelho de Castro Daire. Essa não identificação deve-se também, à frustração que sentem quando não conseguem ver realizados os seus sonhos, projectos, expectativas e ambições no concelho de Castro Daire. O caso da jovem assistente de loja é claro. Esta jovem nasceu na Suíça. Com 10 anos os pais regressam à terra natal e com eles trazem os seus filhos. Na Suíça esta jovem, era uma ginasta profissional que estava no auge da sua carreira juvenil, tendo mesmo atingido na modalidade o segundo lugar a nível nacional. A chegada a Castro Daire «deitou por terra» esse sonho grande que era continuar a evoluir na modalidade, uma vez que não existiam estruturas próprias que lhe permitissem treinar e competir. O resultado foi claro. Esta jovem adolescente vive assim o trauma de ver impossibilitado a concretização do seu maior sonho: tornar-se campeã. Neste caso pessoal, a não identificação deriva do trauma vivido na infância que lhe impossibilita a não concretização de um sonho e de uma ambição. Para agravar a relação amarga que esta jovem assumia com o concelho, vê ainda na transição entre a escola e o trabalho impossibilitada a sua inserção no mercado de emprego local, tendo que (re) definir a sua trajectória para Viseu, onde actualmente trabalha com assistente de loja de roupa. Neste percurso, a não identificação com o concelho foi-se agravando, pelo que actualmente esta jovem sente que tem um lugar na cidade de Viseu, projectando no futuro uma eventual fixação local efectiva.

“Por esse trauma de infância de certeza, acho que ajuda muito. Mas também, não há nada que me chame de volta para lá. Que me motive a voltar, isso não.”
(Jovem Assistente de Loja em Viseu)

As disposições individuais (*crer e agir*) dos jovens são muito importantes para percebermos esta não identificação. No caso da jovem técnica de turismo a disposição, que tem para gostar mais de cidades do que meios rurais, justifica a sua não identificação, enquanto no jovem consultor logístico é a ambição profissional associada a uma não realização pessoal no concelho que incita essa não identificação com o concelho.

“De todo que não... Por um lado... Parte de mim identifica... Gosto de estar com os meus amigos e venho... Visito várias vezes, e adoro a minha família e gosto de passar tempo com ela enquanto lhe é possível. Outro lado de mim, como já disse sou um pouco ambicioso no lado profissional... Não, não... Não me consigo

relacionar com Castro Daire então, resolvi partir para outros mundos e aplicar um dia quem sabe o conhecimento aqui ao concelho de Castro Daire.”
(Jovem Consultor Logístico em Lisboa)

“Porque gosto muito de cidade, é como eu estava a dizer, gosto de meios maiores, gosto de andar num sítio onde não conheço ninguém, onde tão lá todo o tipo de pessoas, adoro sair, viajar e o anonimato, adoro. Não conhecer as pessoas, basicamente.”
(Jovem Técnica de Turismo no Porto)

São estas disposições que provocam essa não identificação, que nalguns casos é contraditória, e que conseqüentemente facilitam a repulsão a nível local. Os jovens neste contexto saem sem hesitação porque crêem que o concelho não lhes oferece aquilo que molda os seus sonhos, projectos, ambições e expectativas.

Argumento

Os perfis de jovens definem-se na relação entre as suas disposições individuais (ambições, projectos, expectativas e juízos de valor) e a forma como essas disposições encaixam ou não nos diversos contextos (local de origem/cidade.) A ambição de alguns, nem sempre se contextualiza no local de origem, favorecendo a migração, enquanto para outros a saída deve-se entre outros factores, à não identificação com o espaço de pertença. Nestes casos, o concelho não atrai os jovens, que à luz das suas disposições procuram atribuir sentido a essas mesmas disposições; isto é; concretizar sonhos, projectos e expectativas.

Por outro lado, a atribuição destes perfis, deve-se também à relação entre essas disposições e as condições sociais objectivas que definem os jovens. As fracas qualificações de alguns é pretexto de migrações externas, a condição de casado a condição que prevê o desejo de aproximação/acomodação.

2: O que têm em comum estes perfis

Momentos antes de delinear o que há em comum entre estes jovens, gostaria de atribuir uma chamada de atenção. Os perfis acima descritos não são estanques. Existem de facto alguns jovens que se encaixam em mais de um perfil. É o caso da professora de Inglês/Alemão que não somente se acomodou a vida citadina como também não se identifica com o concelho. Noutro caso, o jovem consultor informático é extremamente ambicioso e acabou por também se acomodar a vida na cidade universitária. É importante a chamada de atenção para que, não se entenda que

estes perfis são homogéneos. Apesar de haver tendência na definição do perfil, ele sofre algumas excepções o que revela que os perfis podem ser multifacetados.

Apesar de existirem perfis distintos, que por ocasião se poderão cruzar, estes jovens têm em comum as seguintes características:

1. *Visitam Regularmente o concelho (família e amigos);*
2. *Entendem que os laços que os unem ao concelho não fixam;*
3. *A identificação com o concelho não é suficiente para a fixação;*
4. *Sairam pela falta de oportunidades no mercado de emprego local;*
5. *A decisão de sair não foi difícil;*
6. *É na transição entre a escola e o trabalho que os jovens saem;*

A visita regular ao concelho

Todos estes jovens, com a excepção do jovem emigrado na Suíça, visitam com extrema frequência o concelho, nomeadamente a família e os amigos. A saída não impossibilitou a vinculação ao local de origem, uma vez que os jovens têm laços fortes que os vinculam ao concelho. Esses laços e sobretudo as valências emocionais positivas são elementos contextuais que favorecem a vinculação. O regresso é regular e define sempre uma migração pendular. Existem jovens que vêm todas as semanas, outros de 15 em 15 dias e os que por diversas razões somente podem regressar ao concelho de mês a mês. Apenas a jovem Técnica de Recursos Humanos afirma que somente vem de 3 em 3 meses ao concelho. Todos os restantes efectivam migrações pendulares que vão no máximo até um mês de intervalo.

O efeito atracção repulsão, ao qual também se associa o efeito boomerang é expressamente visível neste estudo. O efeito atracção repulsão verifica-se uma vez que existem factores que atracção (*nomeadamente a família, nalguns casos a identificação com o concelho e os amigos*) que se combinam com factores de repulsão (*o emprego que se tem nas cidades que resultou em geral da falta de oportunidades no mercado de emprego local*). O efeito boomerang é um efeito regular porque as migrações entre o concelho e a cidade também são regulares. Poderão imaginar abstractamente este efeito e verão

que o efeito boomerang configura e desconfigura intermitentemente o espaço e a relação com o local de origem, uma vez que cada jovem regressa no seu tempo devido.

Quando os jovens partem para as cidades a vinculação continua a efectuar-se, mas agora, não no contexto presencial mas em realidades hipertextuais e virtuais. O uso do telemóvel que actualmente prevê a utilização de tarifários que permitem uma conversação ilimitada (tag, extreme extravaganza ou moche), é uma realidade contextual que permite que os jovens estejam «ligados» apesar de desunidos. O mesmo acontece com o uso da internet, onde o facebook permite que os jovens saibam em tempo real o que sucede com a sua rede de amigos. Daí advém que “temporalidades e espacialidades múltiplas da vida quotidiana se entrecruzam e desdobram em outras temporalidades e espacialidades”; numa lógica de territorialização das relações sociais. (Pais, 1998e) (Reis in Portela, 2003)

“Claro. Uma pessoa está longe, mas ao mesmo tempo está perto. Esta sempre a comunicar. Todos os dias falo com a minha família. Todos os dias estou com eles. Mas também, a presença física, também faz falta.”
(Jovem Assistente de Loja em Viseu)

“Facilita, claro. Sim, falo sempre com a minha mãe, todos os dias. (risos) Falo todos os dias com ela. É, é... é um estar próximo, é assim... é uma forma... o que é que se passou hoje, o que é que fizeste hoje, olha, já jantaste, ainda não jantaste, não sei quê... É sempre isso.”
(Jovem Engenheira Informática no Porto)

Os laços não fixam...

No entanto, e apesar de os jovens se manterem vinculados ao concelho, efectuando migrações pendulares sob o efeito boomerang, o certo é que em geral estes jovens consideram que os laços que os unem ao concelho (*família, amigos e para alguns a identificação com o local de origem*), na prática não são suficientes para uma eventual fixação a curto prazo. Apesar de estes laços serem importantíssimos para estes jovens, sobretudo a família da qual têm a sua primeira memória, (Zonabend, 1991), não são a solução para a problemática da inserção no mercado de emprego. Apesar de certos jovens poderem dar continuidade a negócios familiares, permitindo assim a família a fixação local, nem todos os jovens se encontram nessas condições.

Para os jovens ambiciosos o que sobretudo, está em jogo é, a ambição e a possibilidade de se desenvolverem profissionalmente, de adquirem o máximo de experiência e conhecimento e obterem do mercado primário as regalias que ele recompensa (*status, reconhecimento, estatuto social*)

“Aa... Não porque eu tenho... Uma percentagem muito grande de mim tem a ambição do desenvolvimento profissional e é por isso que esses laços não conseguem-me trazer para Castro Daire. São os prós e os contras. Eu acho que os prós tem os laços... Prós para voltar para Castro Daire... Tem os laços, tem as raízes, os amigos e depois tem os contras que é o desenvolvimento pessoal, profissional, da carreira. A ambição e neste momento é mais... A balança vai mais para o contra.”

(Jovem Consultor Informático em Lisboa)

Para os restantes jovens, na prática, os laços também não permitem essa fixação, porque o factor emprego pesa mais na ponderação entre sair/ficar. Os jovens sabem que a fixação no local de origem prevê situações de desemprego, uma vez que o mercado de emprego local não lhes garante as oportunidades de emprego desejadas. Entre ficar com o «pacote»: (família + amigos + identificação + desemprego) ou o «pacote» (emprego + saída + vinculação), estes jovens optam pelo segundo pois é o mais vantajoso, apesar de terem consciência que a vinculação poderá acarretar viagens regulares com todos os custos associados.

“E: Saber que tem que cá vir e voltar para baixo isso não torna difícil a relação com o concelho? Do género: “Estou cansada mas tenho que ir a Castro Daire.” Ou os afectos que há cá, a identificação e o sentido de pertença supera isso tudo?”

“Jovem: Supera. Sim. Supera. Completamente. Se não... Não vínhamos. Claro. Também é aquele entusiasmo de vir. Andamos a semana toda stressados. E depois ficamos em casa que é o fim-de-semana, não temos ninguém... Há sempre alguns amigos, mas não é a mesma coisa. Aqui é a nossa terra. É a nossa casa praticamente. Acho que... Faz-nos bem vir. Faz-nos bem vir. Eu digo por mim. Fica-se muito mais calmo quando vamos para baixo. É claro sentimo-nos um bocado tristes de ir embora mas... Sentimo-nos mais quando ficamos uma semana, ou assim.”

(Jovem Enóloga em Lisboa (casada com o jovem Economista)

Na prática os laços não fixam, mas se houvesse a oportunidade de incorporação no mercado de emprego local, eles seriam mais do que suficientes para a fixação de certos jovens.

“Sim com certeza... Sempre tenho esse objectivo, o de poder regressar à minha terra mas isso é uma questão que só se poderá colocar quando eu conseguir

harmonizar essa vinha vontade com a possibilidade de ter, de realizar um trabalho na minha terra.”
(Jovem Polícia Judiciário em Lisboa)

Neste estudo os laços não fixam. Mas poderiam ser condições pertinentes de fixação local se existissem «oportunidades de emprego» e se as mesmas proporcionassem a realização dos projectos, ambições e expectativas destes jovens.

Chegamos assim á conclusão que os laços (*família e amigos*) não são condições de fixação local, o que contraria a hipótese de que estes seriam factores de fixação. O que o estudo revela é que as condições (*família e amigos*) ao invés de serem condições de fixação local, são é no fundo condições de vinculação local, porque são laços que favorecem a vinculação ao concelho, que se expressa, como já vimos, nas migrações pendulares e regulares que os jovens fazem sob o efeito boomerang e atracção repulsão.

A identificação com o concelho também não fixa!

Se os laços não fixam, a identificação com o concelho muito menos. Em causa estão as mesmas razões. O emprego é, de facto, importantíssimo para estes jovens. O que está em jogo nos jovens ambiciosos é a ambição de evoluírem o máximo no mercado primário, adquirindo os capitais (*económicos, culturais, simbólicos e sociais*) associados; e nos restantes a possibilidade de terem a independência monetária e residencial que tanto ambicionam, pois sabem que é essa dupla independência que lhes permitem ter as «vivências» que desejam usufruir consoante as suas disposições individuais.

No entanto, tirando o perfil de jovens que não se identifica com o concelho, todos os restantes identificam-se fortemente com o mesmo. A infância foi marcante para esse processo de identificação, uma vez que foi na terra natal que estes jovens receberam os primeiros passos de um longo processo de socialização e de formação das suas identidades. A memória que estes jovens têm de si e do espaço que os envolveu, derivou fortemente dessa infância vivida no seu espaço de pertença. Se a primeira memória dos jovens, como vimos é a familiar (Zonabend, 1991), a segunda é de facto aquela que envolve todo o espaço de pertença. O contacto com amigos, vizinhos e familiares reforçam essa memória de comunidade que fortalece, nalguns, um forte sentido de pertença, e noutros, uma menor identificação com o que os envolve. A identidade dos jovens depende fortemente, numa primeira fase das suas vidas,

deses dois tipos de memória: a familiar e comunitária. E será essa memória, em conjunto com a formação da identidade e o processo de socialização que, permitirão que certos jovens se identificassem fortemente com o local de origem, sobretudo na infância. Essa infância e mais tarde a adolescência são tão importantes nesse processo de identificação que, certos jovens, sentem uma certa angústia quando têm que sair do concelho, deixando para trás tudo o que adquiriram; e tudo porque o mercado de emprego não lhes deu uma oportunidade para reforçarem e atribuírem um novo valor a essa identificação. Este facto é visível no perfil de jovens que se desejam aproximar.

Também aqui vemos contrariada a hipótese de que a identificação com o local de origem e o sentimento de pertença poderiam fixar os jovens. No contexto do despovoamento efectivado os laços e a identificação não são suficientes para a fixação por todas as razões que já temos vindo apontar. O que os laços, a identificação com o concelho e o sentimento de pertença permitem é, a vinculação dos jovens ao concelho e não a sua fixação.

A ausência de «oportunidades de emprego»

A ausência de «oportunidades de emprego», é sem margem de dúvidas a característica que os jovens mais têm em comum. Como já tivemos oportunidade de ver, as características do mercado de emprego local, não permitem a integração da maior parte dos jovens. Essas características estão fortemente relacionadas com os modelos de desenvolvimento do concelho. A região de Castro Daire é uma região periférica no que toca ao desenvolvimento. Para João Ferrão e Chris Jensen-Butler, a realidade regional deve ser entendida segundo dois tipos de referencial: “graus de integração e marginalidade, por um lado, intensidade e modalidades de inserção geoeconómica, por outro.” (Ferrão y Jensen-Butler, 1988: 356). Á luz desta perspectiva, constato que o concelho de Castro Daire é, de facto, uma região periférica porque traduz um fraco grau de integração (*baixas taxas de actividade, poucas profissões liberais, técnicos e quadros superiores, indústria de transformação de pequena dimensão, etc.*) e um elevado grau de marginalidade (*elevadas taxas de desemprego, ainda significativa taxa de analfabetismo, etc.*). Este desenvolvimento periférico reflecte-se no espaço produtivo local que se caracteriza por ter fracas bacias de emprego e por ser constituído por um mercado de emprego local pouco dinâmico, onde as relações

inerentes são pouco intensas. O resultado traduz-se numa quase ausência de «oportunidades de emprego», sobretudo para os quadros liberais, técnicos e superiores.

Perante este cenário, os jovens acabam por se deparar com um beco sem saída quando, procuram uma incorporação no mercado de emprego local. Na ausência de alternativas e oportunidades, não têm outro revezamento que procurarem noutros locais as oportunidades que não lhes foram dadas no concelho.

A decisão de sair não foi difícil

Deparando-se com um beco sem saída onde não existem alternativas e com a necessidade/ambição de se incorporarem no mercado de emprego, estes jovens não consideram a saída um problema. Pelo contrário, saem sem hesitação, apesar de, nalguns casos, haver um certo desconforto com a saída, derivado às perdas que vão sentir. Nalguns casos ficam para trás filhos e esposas e em geral a família de origem da qual sentem valências emocionais positivas e laços fortes. Nem os amigos escapam a esta saída, tendo que rever fisicamente os seus companheiros de sociabilidades somente quando o «boomerang retorna ao local de origem.»

Para alguns a decisão de sair não é ponderada porque não existem factores de ponderação no que toca à incorporação no mercado de emprego local, noutros a decisão é uma não decisão porque igualmente não existem possibilidades de escolha.

“Acaba por não ser uma decisão... Isto é uma não decisão porque não tenho grandes possibilidades de escolha... Eu quase sou obrigado a ter que sair... Se ficasse por cá não teria a possibilidade de auferir rendimentos que me permitissem viver normalmente.”

(Jovem Polícia Judiciário em Lisboa)

No caso dos jovens universitários que definem uma pré-saída para a universidade, entendem essa saída como normal. Faz parte do percurso académico que se saia do local de origem quando, se tem a aspiração de obter cursos superiores e quando, não existem na terra natal universidades ou os cursos para o qual se sentem vocacionados. No entanto, como tivemos a oportunidade de ver, certos jovens nesta condição acabam por concretizar uma saída efectiva, uma vez que quando acabam o curso não retornam ao concelho.

“Tinha lá amigos, gosto da cidade, identifico-me com a cidade, lá. Gosto daquilo que a cidade tem para me oferecer e a formação lá também é boa, por isso... não foi difícil escolher ficar por lá.”
(Médica Interna de Medicina Geral e Familiar em Coimbra)

Assim, diríamos que, independentemente das condições sociais objectivas de cada jovem e das suas diversas disposições individuais, estes não consideram difícil a decisão de sair, porque têm consciência que não tiveram outra alternativa.

É na transição entre a escola e o trabalho que os jovens saem

Os jovens entrevistados encontram-se em situações distintas dentro do mercado de trabalho. Essa diferenciação dever-se-á a vários factores, dentro dos quais destacamos o grau de qualificações obtido. Os jovens têm trajectórias escolares distintas: “abandono escolar precoce e desqualificante, conclusão da escolaridade obrigatória ou a obtenção de diploma,” (Alves *in* Cabral e Pais *et al*, 1998), o que corresponderá a incorporações diversificados no mercado de emprego. (Pais, 1998c: 135) Quando os jovens efectivam o despovoamento dois factos são adquiridos: os jovens têm trajectórias escolares distintas e terão consequentemente incorporações diversificadas no mercado de emprego. No entanto, salienta este estudo que, os jovens, apesar de terem trajectórias escolares e profissionais distintas, somente saem do concelho na transição entre a escola e o trabalho. Este aspecto comum, revela que, os jovens vivem no concelho até ao momento em que transitam para o mercado de trabalho ou optam pela ida à universidade. Esta pré-fixação, se é assim que lhe podemos chamar, dependerá da dependência (*económica e residencial*) que sentem em relação aos seus pais, e porque regra geral a escolaridade (*pré-primária, primária, preparatória e secundária*) se operacionaliza no concelho.

No contexto deste estudo, comprova-se assim, a hipótese de que é na transição entre a escola e o trabalho que os jovens definem as suas trajectórias. Apesar de estas poderem definir perfis de saída distintos, ocorrem simultaneamente numa fase importante da vida dos jovens: a transição entre a adolescência e a vida adulta, da dependência para a independência e da condição de estudantes para o estatuto de trabalhadores.

Argumento

Os jovens definem perfis de saída distintos. No entanto, os aspectos em comum realçam o facto de estes jovens terem disposições individuais de crer e agir que se poderão incorporar em qualquer que seja o perfil. A crença comum de que os laços e a identificação não são suficientes para fixar, e as práticas regulares de vinculação ao concelho, que definem aquilo que designo de efeito boomerang e atracção repulsão, só vem demonstrar que a juventude poderá ser entendida, também neste contexto, tanto como diversidade, como unidade.

3: Perspectivas de futuro

Neste estudo, em geral, os jovens tencionam um dia regressar ao concelho. Apesar de definirem temporalidades distintas (*curto, médio e longo prazo*), o desejo de retorno é expressamente salientado pelos entrevistados. Os jovens ambiciosos e os jovens emigrados com poucas qualificações reclamam o médio prazo para o regresso, depois de terem atingido os objectivos propostos nos seus projectos (*progressão na carreira e aquisição de competências, valores simbólicos e conhecimentos no caso dos primeiros, e a estabilidade financeira e o melhor bem-estar e qualidade de vida para os segundos*) Os que não se identificam com o concelho a par dos jovens que se acomodaram à vida cidadina, são aqueles que mais resistências assumem quanto a um eventual regresso. Por fim, são os jovens que procuram uma aproximação, aqueles que, desejam que o regresso seja o mais breve possível.

Os jovens não se diferenciam somente quanto à temporalidade com que se poderá efectivar esse regresso. Quando colocada a questão: se regressariam caso concelho se desenvolvesse e criasse condições para esse regresso, as respostas são ambíguas. Certos jovens, sobretudo, os que mais se identificam com o concelho, voltariam pois entendem que o concelho lhes proporcionaria uma melhor qualidade de vida. O jovem consultor informático perde cerca de uma hora em deslocações casa – trabalho na cidade de Lisboa. Considera que o stress vivido nessas circunstâncias se denota como uma desvantagem forte que pesa na ponderação entre as vantagens e desvantagens de se viver na cidade. Como ele afirma:

“Eu: Se a partir de hoje o concelho se desenvolvesse e criasse condições para o seu regresso você regressaria?”

“Jovem: Com todo o gosto. Eu acho que isto aqui em Castro Daire é qualidade de vida... aa... Eu quando tenho possibilidade venho a Castro Daire... aa... Eu por exemplo, no meu caso, demoro 1 hora pró trabalho e 1 hora para casa. Isso não é... Perco horas de vida só para chegar ao trabalho. Aqui em Castro Daire isso não acontece. É qualidade de vida.”

(Jovem Consultor Informático em Lisboa)

Outros, por seu turno colocam um senão nesse regresso. Ele teria que permitir às mesmas condições e regalias que os actuais empregos permitem. Estamos a falar sobretudo de jovens ambiciosos que, colocam o plano de carreira e os valores simbólicos associados em primeiro lugar. Para estes jovens não basta uma oportunidade de emprego no concelho. É necessário que ela assegure as condições que tornaram estáveis as suas vidas e lhes promova os mesmos estatutos que adquiriram desde que partiram do concelho.

“Para eu vir a minha qualidade de vida teria que ser igual e a tendência teria que ser em melhorar comparativamente ao que tenho em Lisboa.”

(Jovem Consultora numa Consultoria de Seguros em Lisboa)

Os jovens que não se identificam com o concelho e os que se acomodaram nem colocam em perspectiva essa questão. O facto de, terem a vida organizada na cidade, ao que acresce no caso da professora de Inglês/Alemão, um casamento e o nascimento de uma filha e no caso do polícia GNR a não identificação com o princípio de comunidade, reforça essa não crença em regressar tão cedo ao concelho.

“Neste momento não, pelas razões que já expliquei da profissão que tenho, porque aqui as pessoas não sabem fazer a dezança entre a vida pessoal e a vida profissional. Só mesmo por isso.”

(Jovem Policia GNR em Aveiro)

As perspectivas de regresso são assim, diversificadas, como diversificadas são as diversas disposições individuais destes jovens. No entanto, apesar de diversificadas na generalidade estes jovens tencionam um dia retornar ao seu espaço de pertença. Mesmo que a identificação com o concelho, os laços e mesmo o sentimento de pertença não fixe estes jovens ao local de origem, numa perspectiva de curto prazo, comprova-se a hipótese que essas condições (*laços, identificação, pertença*), são condição pertinentes para que certos jovens ponderem um dia retornar ao concelho.

Argumento

A temporalidade onde ocorrerá o eventual regresso depende dos perfis de jovens já descritos. Nem todas os jovens têm as mesmas disposições individuais quanto a esse retorno, porque os seus projectos, ambições e as suas biografias são diversificadas e diferenciam-se mutuamente. No entanto as condições (laços, pertença e identificação) são ingredientes chave para que o retorno seja efectivado por alguns jovens numa perspectiva de futuro.

Caracterização dos perfis de jovens no contexto do despovoamento			
Perfis	Característica	Eventual regresso	Características Comuns
<i>1: Jovens pouco qualificados que emigram</i>	<i>Fracas Habilitações</i>	<i>Médio prazo</i>	<i>1. Visitam Regularmente o concelho (família e amigos); 2. Entendem que os laços que os unem ao concelho não fixam; 3. A identificação com o concelho não é suficiente para a fixação; 4. Saíram pela falta de oportunidades no mercado de emprego local; 5. A decisão de sair não foi difícil; 6. É na transição entre a escola e o trabalho que os jovens saem;</i>
<i>2: Jovens ambiciosos</i>	<i>Ambição</i>	<i>Médio prazo</i>	
<i>3: Jovens que procuram uma aproximação</i>	<i>Desejo de se aproximarem</i>	<i>Curto prazo</i>	
<i>4: Jovens acomodados à vida citadina</i>	<i>Acomodação</i>	<i>Longo prazo</i>	
<i>5: Jovens que não se identificam com o concelho</i>	<i>Não identificação</i>	<i>Longo prazo</i>	

Mas afinal; Cidade ou Campo: Onde se Vive Melhor

Esta pergunta pode parecer original. Mas no fundo não o é, porque já foi debatida no ciclo de abertura, do evento que a APS e a Livraria Barata promoveram para acalorar algumas importantes “problemáticas relativas às transformações que ocorrem nas sociedades contemporâneas.” (Costa, 1990:149b)

Moisés Espírito Santo afirma que “Portugal já não é rural mas as suas cidades não são «meio urbano». (Santo, 1990:150) Isto significa que hoje em dia o rural e o urbano se confundem. Encontramos no campo elementos contextuais e simbólicos da cidade e vice-versa. O ruralismo e a urbanidade trocam de papéis relativamente às suas origens. O sentimento de pertença, traço nítido do ruralismo, já não é só característico dos meios rurais. A cidade também prende. E a urbanidade que se caracteriza por se viver fora do lugar de nascimento e a conseqüentemente disponibilidade de mudar de lugar, também se torna elemento contextual dos meios rurais. Na metamorfose já não somos rurais, nem urbanos mas sim rurbanos.

João Ferrão por seu turno, não esconde o seu gosto inclinado pela cidade. Para Ferrão a pergunta acima colocada já não faz sentido perante uma realidade bem mais complexa. O que importa reflectir no fundo são “as possibilidades de acesso à diferença e ao contraste - pensamento por excelência da modernidade – e as territorialidades que as favorecem.” (Ferrão, 1990b: 153)

A pergunta no singular, não faz sentido para Afonso de Barros. Não existe uma cidade, nem um campo, mas, várias cidades e vários campos. Antes de se discutir o «viver melhor» é pertinente colocar a questão «poder viver». A saída das pessoas dos centros da cidade, por exemplo, não se faz, por vezes, porque não se gosta do centro, mas porque no centro não podem ter a vida que ambicionam. O mesmo acontece no campo. Para discutir o «viver melhor» “é indispensável referenciar o «viver diferente»; isto é, o modo como se organiza a vida no campo e na cidade.” (Barros, 1990b: 155)

A cidade e o campo, diz Vítor Ferreira, “não é alternativa, sendo, antes, um falso dilema”... a questão coloca-se em «mais e melhor urbanidade» e em «mais e melhor ruralidade». (Ferreira, 1990: 155) Diria, para terminar, que o ideal seria podermos ter «mais e melhor urbanidade» e «mais e melhor ruralidade», para «podermos viver» e usufruir simultaneamente do «contraste» que a cidade ou o campo nos oferecem, nem que para isso tivéssemos que ser «rurbanos.»

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste ensaio já fui traçando os argumentos que definem as mais diversas problemáticas. Deste modo, decidi apresentar nestas considerações finais os vários argumentos a que cheguei para que os possamos ver numa visão de conjunto.

Para estes jovens não interessa o lugar no qual se vive e trabalha. O que importa é que sejam cumpridas as ambições/sonhos, projectos e expectativas que são inerentes às disposições individuais de cada um. A saída fez-se sem hesitação, porque deparados com um beco sem saída (*a dificuldade ou até mesma a impossibilidade de ingresso no mercado de emprego local*), não encontraram alternativas, para o seu mais grave adversário (*o desemprego*), bem como para as aspirações de ingressarem no mercado de emprego local. O que esteve em jogo para estes jovens, foi a necessidade, aspiração ou ambição de encontrarem uma oportunidade que lhes atribuísse o valor profissional que desejavam, como também que o emprego lhes permitisse a independência (*monetária e residencial*) que tanto ambicionavam. Concretizado esse objectivo, estes jovens, quando olham para trás sentem, por vezes, uma certa nostalgia por não terem tido uma oportunidade de emprego no concelho. Essa nostalgia é sobretudo visível nos jovens que se identificam fortemente com o concelho e naqueles que procuram uma aproximação. Para estes jovens, a saída foi como que uma imposição, não tendo havido lugar a uma ponderação, porque não existiram possibilidades e a alternativas de escolha. A decisão de saída é tudo menos uma decisão difícil de se tomar.

Para outros jovens, nomeadamente os ambiciosos, não é só a questão de arranjar um emprego que está em jogo, mas também que esse emprego permita a estabilidade económica mas também a possibilidade de progressão na carreira, a realização profissional e pessoal. Isso significa que ao emprego em si, se associa uma ambição que permita essa realização. A ambição associada às condições sociais objectivas dos jovens (*qualificações, idade, género, classe social, etc.*) e as suas disposições individuais (*crer e agir*) é assim, também um motor do despovoamento. As trajectórias são distintas porque distintas são também, as mais diversas ambições, projectos e expectativas que os jovens projectam nas suas vidas.

Assim não basta ter um emprego. É necessário que esse emprego se ajuste às qualificações, aos sonhos, aos projectos, expectativas, aos desejos de realização profissional e pessoal e ao desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida.

Como nem sempre isso é possível poderíamos dizer que, o despovoamento ocorre da relação entre as oportunidades de emprego e as expectativas, projectos, juízos de valor, ambições, qualificações e o desejo do melhor bem-estar e da máxima qualidade de vida, que os jovens sentem/têm quando interpretam a sua inserção no mercado de emprego. Tivemos a oportunidade de ver que, os jovens qualificados têm poucas oportunidades de incorporação no mercado de emprego local Este facto deve-se à descoincidência entre as oportunidades de emprego e as qualificações dos mesmos. Noutra espectro, concluímos que o mercado de emprego local não satisfaz as expectativas e os projectos dos jovens que vêem a sua saída como a única solução para os seus «problemas» (*desejo de inserção no mercado de emprego, desemprego, necessidade de independência, etc.*) Esta realidade conduz a uma discrepância entre as oportunidades de emprego e as expectativas e projectos dos jovens.

O despovoamento no concelho de Castro Daire é protagonizado por diversos perfis de jovens. Desde os ambiciosos, aos que procuram uma aproximação, passando pelos que não se identificam com o concelho e chegando aos que se acomodaram à vida citadina e os que emigram com poucas qualificações.

Estes perfis de jovens definem-se na relação entre as suas disposições individuais (*ambições, projectos, expectativas e juízos de valor*) e a forma como essas disposições encaixam ou não nos diversos contextos (*local de origem/cidade.*) A ambição de alguns, nem sempre se contextualiza no local de origem, favorecendo a migração, enquanto, para outros a saída deve-se entre outros factores, à não identificação com o espaço de pertença. Nestes casos, o concelho não atrai os jovens, que à luz das suas disposições procuram atribuir sentido a essas mesmas disposições; isto é; concretizar sonhos, projectos e expectativas.

Por outro lado a atribuição destes perfis deve-se também à relação entre essas disposições e as condições sociais objectivas que definem os jovens. As fracas qualificações de alguns é pretexto de migrações externas, a condição de casado a condição que prevê o desejo de aproximação/acomodação.

Os jovens definem assim, perfis de saída distintos. No entanto, estes jovens têm em comum diversos aspectos: por um lado; as crenças comuns de que os laços de

pertença e a identificação com o local de origem não fixarem; por outro, as práticas de vinculação ao concelho que definem os efeitos «*boomerang*» e «*atração repulsão*» e o facto de a saída se operacionalizar na transição entre a escola e o trabalho e se dever à falta de oportunidades no mercado de emprego local. Por fim, todos estes jovens consideram que a decisão de sair não foi difícil uma vez que não encontraram alternativas que pesassem na ponderação. Estes aspectos em comum realçam o facto de estes jovens terem disposições individuais de crer e agir que se poderão incorporar em qualquer que seja o perfil. A crença comum de que os laços e a identificação não são suficientes para fixar, e as práticas regulares de vinculação ao concelho, que definem aquilo que designo de efeito boomerang e atração repulsão, só vem demonstrar que a juventude poderá ser entendida, também neste contexto, tanto como diversidade, como unidade.

Por fim diria que diversas são também as disposições individuais dos jovens quanto ao seu eventual regresso ao concelho. A temporalidade onde ocorrerá o eventual regresso depende dos perfis de jovens já descritos. Nem todas os jovens têm as mesmas disposições individuais quanto ao esse retorno, porque os seus projectos, ambições e as suas biografias são diversificadas e diferenciam-se mutuamente. No entanto as condições (*laços, pertença e identificação*) são ingredientes chave para que o retorno seja efectivado por alguns jovens numa perspectiva de futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionários

Costa, J. Almeida e Melo, A. Sampaio (1999), *Dicionário de Língua Portuguesa: 8ª Edição*. Porto: Porto Editora.

Livros

Albarello, Luc et al (1997), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Alves, Natália (1998), “Escola e Trabalho, projectos e Trajectórias”, in Cabral, Manuel Villaverde e Pais, José Machado et al (1998), *Jovens Portugueses de Hoje: resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora, 53-133

Bauman, Zygmunt (2001), *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Claval, Paul (1995), *Géographie et Sociologie*, in, A. S. Bailly et al. (1995). *Encyclopédie de Géographie*

Correia, Esmeralda Pinto (2005), *Êxodo Rural e Desertificação Humana: A Morte de uma Freguesia do Alentejo Central; São Bento de Ana Loura*. Lisboa: Edições Colibri.

Elias, Norbert (2005), *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.

Fernandes, Ana Alexandre (1997), *Velhice e Sociedade*. Oeiras: Celta Editora.

Ferrão, João (1996), “Três Décadas de Consolidação do Portugal Demográfico Moderno”, in, Barreto, António [orgs] (1996), *Situação Social em Portugal, 1960-1995, Vol. I*. Lisboa. ICS-UL, pp. 165-190.

Hespanha, Pedro (2004a), “Do Abandono ao esquecimento” in, Jacinto, Rui e Bento Virgílio (Org), *Fronteira, Emigração, Memória*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos.

Hespanha, Pedro [et al] (2002b), “Globalização Insidiosa e Excludente. Da Incapacidade de Organizar Respostas à Escala Local.”, in, Santos, Boaventura de Sousa [orgs] (2002), *Risco social e Incerteza: Pode o estado recuar mais?* Porto: Edições Afrontamento.

Hespanha, Pedro e Vieira Raluca (2007), “Repensar o Futuro dos Jovens do Distrito da Guarda.”, in Jacinto, Rui [et al] (2007), *Territórios e Culturas Ibéricas II*. Porto: Campo das Letras.

Garcia, José Luís, [orgs] (2000), *Portugal Migrante: Emigrantes e Imigrados, Dois Estudos Introdutórios*. Oeiras: Celta Editora.

Gaspar, Jorge (2006), “Evolução e Perspectivas do Desenvolvimento Territorial”, in, Gaspar, Jorge y Simões, José Manuel (2006), *Planeamento e Ordenamento do Território*. Círculo de Leitores.

Ghiglione Rodolphe y Matalon Benjamin (1997), *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Moreira, Carlos Diogo (2007), *Teorias e Práticas de Investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Pais, José Machado (2003a), *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Pais, José Machado (1998c), “Grupos Juvenis e Modelos de Comportamento em relação à escola e ao Trabalho: Resultados de Análises Factoriais”, in Cabral, Manuel Villaverde e Pais, José Machado et al (1998), *Jovens Portugueses de Hoje: resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora, 135-187

Pais, José Machado (1998d), “Da escola ao Trabalho: O que mudou nos últimos 10 Anos?”, in Cabral, Manuel Villaverde e Pais, José Machado et al (1998), *Jovens Portugueses de Hoje: resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora, 189-214

Reis, José (2003), “Observar a Mudança: O Papel dos Estudos Rurais”, in, Portela, José y Caldas, João Castro [orgs] (2003), *Portugal Chão*. Lisboa: Celta Editora.

Santos, Norberto Pinto (2003), “Espaço, População e Desenvolvimento”, in, Caetano, Lucília [coord] (2003), *Território, do Global ao Local e Trajectórias de desenvolvimento*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

Singer, Paul (1999), *Globalização e Desemprego: Diagnóstico e Alternativas*. São Paulo: Editora Contexto.

Vala, Jorge e Torres, Anália orgs (2006), *Atitudes Sociais dos Portugueses; Contextos e Atitudes Sociais na Europa*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais.

Livros de Literatura

Rulfo, Juan (2010a), “Pedro “Páramo”, in, Rulfo, Juan (2010a), *Obra Reunida*. Lisboa: Cavalo de Ferro.

Rulfo, Juan (2003b), *Planície em Chamas*. Lisboa: Cavalo de Ferro.

Notícias de Jornal

Lima, Pedro (2010), “Arnal Apenas 15 residentes à Vista de Vila Real.”, in, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/13-06-2010/arnal- apenas-15-resistentes-a-vista-de-vila-real-19582302.htm>

Ribeiro, Amanda (2008), “Zona Raiana da Guarda e Salamanca Perdeu mais de metade da população nos Últimos 50 Anos, in, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/26-12-2008/zona-raiana-da-guarda-e-salamanca- perdeu--mais-de-metade-da-populacao-nos-ultimos-50-anos-289267.htm>

Davidson, Ian (2001), “O Despovoamento da Europa, in, Público” (2010). Pesquisado em Julho de 2010. <http://jornal.publico.pt/noticia/31-03-2001/o- despovoamento-da-europa-156172.htm>

Basto, Fernando (2010), “Costas Voltadas ao Rural.”, in, *Jornal de Noticias* (2010). Pesquisado em Junho de 2010. http://jn.sapo.pt/Domingo/Interior.aspx?content_id=1592138

Lusa (2010), “Em Portugal “ainda se vive a euforia da cidade”, *in*, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/13-06-2010/em-portugal-ainda-se-vive-a-euforia-da-cidade-19582040.htm>

Fernandes, Ana (2004b), “Combater os Ciclos Viciosos de desinvestimento.”, *in*, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/31-08-2004/combater-os-ciclos-viciosos-de-desinvestimento-192495.htm>

Cabral, Francisco Sarsfield (2008), “A Utopia do Interior Rural.”, *in*, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/17-03-2008/a-utopia-do-interior-rural-253431.htm>

Garcias, Pedro (1999), “Desertificação Humana ameaça Trás-os-Montes e Alto Douro.” *in*, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/19-12-1999/desertificacao-humana-ameaca-trasosmontes-e-alto-douro-128079.htm>

Revez, Idálio (2006), “Algarve aposta na “rota das ribeiras” como via turística.”, *in*, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/25-11-2006/algarve-aposta-na-rota-das-ribeiras-como-via-turistica-109261.htm>

Fragoso, Ana (2006), “ Mogadouro com projecto contra o despovoamento.”, *in*, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/02-01-2006/mogadouro-com-projecto-contra-despovoamento-56361.htm>

Público (1999), “Subsídios em Manteigas para fixar jovens e aumentar a natalidade.” Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/15-01-2007/subsidios-em-manteigas-para-fixar-jovens-e-aumentar-a-natalidade-116696.htm>

Carvalho, Manuel (1999a), “ A Oportunidade do Portugal Esquecido.”, *in* Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/18-05-1999/a-oportunidade-do-portugal-esquecido-133695.htm>

Carvalho, Manuel (1999b), “Sampaio no País do Esquecimento.”, *in*, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/20-10-1999/sampaio-no-pais-do-esquecimento-125246.htm>

Brás, Gustavo (2005), “Alegre elege desertificação do interior como um dos principais problemas, *in* Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/03-12-2005/alegre-elege-desertificacao-do-interior-como-um-dos-principais-problemas-52045.htm>

Almeida, São José (2006), “A preocupação de Cavaco.” *in*, Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/03-06-2006/a-preocupacao-de-cavaco-82328.htm>

Fernandes, Manuel (2008), “Copo meio cheio, copo meio vazio.”, *in* Público. Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/02-01-2008/copo-meio-cheio-copo-meio-vazio-243435.htm>

Ferreira, Sandra (2007), “Cavaco Silva reconhece que não há solução para alguns municípios do interior do país.”, *in* Público (2010). Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/25-11-2007/cavaco-silva-reconhece-que-nao-ha-solucao-para-alguns-municipios-do-interior-do-pais-238996.htm>

Público/Lusa (2008), “Cavaco preocupado com interior desertificado.” Pesquisado em Julho de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/27-10-2008/cavaco-preocupado-com-interior-desertificado-281507.htm>

Faria, Natália (2010), “Bispo de Lamego considera que fecho das escolas agrava a desertificação do interior.”, *in*, público (2010). Pesquisado em Agosto de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/25-08-2010/bispo-de-lamego-considera-que-fecho--das-escolas-agrava-desertificacao-do-interior-20079342.htm>

Martins, Raquel (2010a), “Novas Inscrições nos Centros de Emprego recuam em Julho.”, *in*, Público, (2010). Pesquisado em Agosto de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/20-08-2010/novas-inscricoes-nos-centros--de-emprego-recuam-em-julho-20052372.htm>

Martins, Raquel (2010b), “326 mil pessoas procuram emprego há mais de um ano.”, *in*, Público, (2010). Pesquisado em Agosto de 2010: <http://jornal.publico.pt/noticia/18-08-2010/326-mil-pessoas-procuram-emprego-ha-mais-de-um-ano-20040891.htm>

Ribeiro, Graça Barbosa y Faria, Natália (2010), “Uma escola que fecha mata uma aldeia ou acelera o inevitável? Pesquisado em Agosto de 2010: http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/uma-escola-que-fecha-mata-uma-aldeia-ou-acelera-o-inevitavel_1453385?all=1

Sites de Internet

Câmara Municipal de Castro Daire (2010), Pré-Diagnóstico da Rede Social do concelho de Castro Daire. Pesquisado em Março de 2010: <http://www.cm-castrodaire.pt/images/stories/pdf/clas-pre-diagnostico.pdf>

IEFP (2010), Estatísticas Mensais, Mercado de Emprego. Pesquisado em Março de 2010: <http://www.iefp.pt/estatisticas/MercadoEmprego/ConcelhosEstatisticasMensais/Paginas/Home.aspx>

INE (2010a), *Censos da População*, resultados definitivos, região Centro, 1991. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa: INE. Pesquisado em Fevereiro de 2010: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=66197189&PUBLICACOESstema=55466&PUBLICACOESmodo=2

INE (2010b), *Censos da População*, resultados definitivos, região Centro, 2001. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa: INE. Pesquisado em Fevereiro de 2010: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=377711&PUBLICACOESstema=55466&PUBLICACOESmodo=2

INE (2010c), *Indicadores Demográficos; taxa bruta de mortalidade*. Lisboa: INE. Pesquisado em Fevereiro de 2010: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000597&contexto=pi&selTab=tab0

INE (2010d), *Indicadores Demográficos; taxa bruta de natalidade*. Lisboa: INE. Pesquisado em Fevereiro de 2010: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000596&contexto=pi&selTab=tab0

INE (2010e), *Indicadores Demográficos; taxa bruta de nupcialidade*. Lisboa: INE. Pesquisado em Fevereiro de 2010: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000598&contexto=pi&selTab=tab0

INE (2010f), *Indicadores Demográficos; população residente por local de residência, sexo e grupo etário*. Lisboa: INE. Pesquisado em Fevereiro de 2010: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000611&contexto=pi&selTab=tab0

GEPE (2010a) *Escolarização*. Lisboa: GEPE: <http://www.min-edu.pt/outerFrame.jsp?link=http://www.gepe.min-edu.pt/>

GEPE (2010b) *Aproveitamento escolar*. Lisboa: GEPE: <http://www.min-edu.pt/outerFrame.jsp?link=http://www.gepe.min-edu.pt/>

GEPE (2010b) *Retrato geral da educação*. Lisboa: GEPE:

Revistas Científicas

Baganha, Maria Ioannis B. (1991a), “Uma Imagem Desfocada – a Emigração Portuguesa e as fontes sobre a Emigração.” *Análise Social*, vol: XXVI, nº (112-113): 723-739.

Baganha, Maria Ioannis B. (1994b), “As Correntes Emigratórias Portuguesas no século XX e o seu Impacto na Economia Nacional.” *Análise Social*, vol: XXIX, nº 128: 959-980.

Barata, Óscar Soares (1985), “Demografia e evolução social”. *Análise social*, vol: XXI, nº 87-88-89: 981-993.

Barros, Afonso de (1990a), “A Sociologia Rural perante a Problemática do Espaço”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 8: pp. 43-53.

Barros, Afonso de (1990b), “Cidade ou Campo: Onde se vive melhor?” *in*, Costa, António Firmino (1990b), “As Noites de Sociologia.” *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº8: 149-188.

Costa, António Firmino (1985a), “Espaços Urbanos e Espaços Rurais: Um Xadrez em Dois Tabuleiros.” *Análise Social*, vol: XXI, nº 87-88-89: 735-756.

Costa, António Firmino (1990b), “As Noites de Sociologia.” *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº8: 149-188.

Ferrão, João (1990), “Cidade ou Campo: Onde se vive melhor?” *in*, Costa, António Firmino (1990b), “As Noites de Sociologia.” *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº8: 149-188.

Ferrão, João y Jensen-Butler (1988), “Existem «Regiões Periféricas» em Portugal?” *Análise Social*, vol. XXIV, nº100: 355-371.

Ferreira, Vítor Matias (1990), “Cidade ou Campo: Onde se vive melhor?” *in*, Costa, António Firmino (1990b), “As Noites de Sociologia.” *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº8: 149-188.

Gilly, Jean-Pierre (1987). “Espaços Produtivos Locais, Políticas de Emprego e Transformações da Relação Laboral.” *Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22: 115-123.

Lahire, Bernard (2005), “Patrimónios Individuais de Disposições: Para uma Sociologia à Escala Individual.” *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 49: 11-42.

Nazareth, J. Manuel (1985), “A Demografia Portuguesa o Século XX: Principais Linhas de Evolução e Transformação.” *Análise Social*, vol: XXI, nº 87-88-89: 963-980.

Pais, José Machado (1990b), “A Construção Sociológica da Juventude – Alguns Contributos.” *Análise Social*, vol. XXV, nº 105-106: 139-165.

Pegado, Elsa y Guerreiro Maria das Dores (2007), “Os jovens e a Inserção na Vida Activa.” *Sociedade e trabalho*, nº 30: 74-85.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1990), “Migrações no Quadro do Mercado Único Europeu”. *Análise Social*, vol: XXV, nº 107: 465-477.

Serrão, Joel (1985), “Notas sobre Emigração e Mudança Social no Portugal Contemporâneo.” *Análise social*, vol: XXI, nº 87-88-89: 995-1004.

Santo, Moisés Espírito (1990), “Cidade ou Campo: Onde se vive melhor?” *in*, Costa, António Firmino (1990b), “As Noites de Sociologia.” *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº8: 149-188.

Schmidt, Luísa (1990), “Jovens: Família, Dinheiro, Autonomia.” *Análise Social*, vol: XXV, nº: 108-109: 645-673.

Tfouni, Fabio Elias Verdiani y Silva, Nilce da (2008), “A modernidade Líquida: o Sujeito e o Interface com o Fantasma. *Revista mal-estar e Subjectividade*, vol. VIII, nº1: 171-194.

Zonabend, Françoise (1991), "A Memória Familiar: Do Individual ao Colectivo." *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 9: 179-190.

Pais, José Machado (1998e), "As "Cronotopias" das Práticas Culturais do Quotidiano. *Observatório das Actividades Culturais*, OBS nº4: 7-9.

Teses

Baronet, Paulo Renato (2008), *Os Jovens na Encruzilhada entre o Sair e o Ficar: Do Povoamento ao despovoamento. O caso do Concelho de Castro Daire*. Coimbra: Faculdade de Economia.

ANEXOS

“Sim. Penso que quando saí de Castro Daire era muito imaturo mesmo, não tinha qualquer experiência profissional, era... Pronto, era um jovem que apenas tinha andado na escola e que estava em casa dos pais... Casa dos pais, escola... Pronto, como qualquer outro jovem não tinha grande experiência quando fui para Viseu pronto, tive a sorte de ficar perto de Castro Daire também...Era perto e isso dava-me sempre alguma segurança, mas ali vi... Comecei a lidar com pessoas com muito mais experiência e comecei a notar que na vida tínhamos que, de certa forma, saber lidar com situações difíceis, situações em que nos vivíamos sozinhos sem mais ninguém. Comecei também a aprender a lidar com pessoas que era, digamos aqueles “chicos espertos” que se nós não fossemos suficientemente determinados podiam pronto, de certa forma...Tirar partido de nós e então uma pessoa vai crescendo, vai aprendendo com, com os erros e vai aprendendo com as situações. E penso que isso aí me ajudou muito ali em Viseu e na tropa. Hum... Depois conheci grandes amigos. Também ao longo da vida fui conhecendo grandes amigos que ficaram para sempre. E pronto, isso deu para a minha autonomia também financeira... O facto de estar a trabalhar e depois quando fui para Lisboa, pronto, foi ainda ganhar mais experiência de vida... Enfrentar alguns receios que tinha que, era viver numa grande cidade com grande criminalidade, onde até o próprio trânsito... Saber se me conseguia desenrascar naquele trânsito de Lisboa... Pronto, me fazia confusão e pronto, isso fez-me ultrapassar muitos receios, fez-me crescer, fez-me enriquecer, amadurecer, e isso tudo.”

Jovem Polícia PSP em Lisboa

ÍNDICE DE QUADROS, TABELAS, GRÁFICOS E ESQUEMAS

QUADROS

- 1: Taxa Bruta de mortalidade por local de Residência
- 2: Taxa bruta de natalidade por local de residência
- 3: Taxa Bruta de Nupcialidade por local de residência

GRÁFICOS

- 1: Evolução da população do concelho de Castro Daire entre 1991 e 2001
- 2: Variação total da população residente entre 1991 e 2001%
- 3: Variação total da população segundo os grupos etários entre 1991 e 2001
- 4: Evolução da estrutura etária do concelho de Castro Daire entre 1991 e 2001 (%)
- 5: Evolução da estrutura etária do concelho de Castro Daire entre 1991 e 2001 (%)
- 6: Pirâmide etária do concelho de Castro Daire em 1950
- 7: Pirâmide etária do concelho de Castro Daire em 1991
- 8: Pirâmide etária do concelho de Castro Daire em 2001
- 9: População Activa, por Sectores de Actividade (% em 1991)
- 10: População Activa, por Sectores de Actividade (% em 2001)
- 11: Taxas de Desemprego entre 1991 e 2001
- 12: Desemprego Registado no Concelho de Castro Daire segundo o Género, o Tempo de Inscrição e a Situação Face à Procura de Emprego (situação no fim do mês)
- 13: Desemprego Registado no Concelho de Castro Daire segundo o Grupo Etário (situação no fim do mês)

14: Desemprego Registado no Concelho de Castro Daire segundo os Níveis de Escolaridade (situação no fim do mês)

TABELAS

1: Escolarização

2: Evolução da taxa de analfabetismo

3: Aproveitamento escolar no Ano lectivo de 2006/07

4: Retrato Geral da Educação no Ano Lectivo 2006/007

5: População residente no Concelho de Castro Daire segundo o nível de ensino atingido, em 2001

6: Evolução da População Activa no Concelho de Castro Daire entre 1991 e 2001

7: Evolução da População Activa por Sectores de Actividade em 1991 e 2001

8: População Activa do Concelho de Castro Daire – 2001

ESQUEMAS

1: Causas do declínio demográfico

ANEXO I

Quadro I

Taxa Bruta de mortalidade por local de Residência

Local de residência		Taxa bruta de mortalidade (i) por Local de residência; Anual		
		Período de referência dos dados		
		2008	2001	1992
		‰	‰	‰
Portugal	PT	9,80	10,20	10,10
Centro	16	11,40	11,60	11,50
Dão-Lafões	165	11,10	11,50	11,60
Castro Daire	1651803	12,80	13,80	14,10

Taxa bruta de mortalidade (i) por Local de residência; Anual - INE, Indicadores Demográficos

ANEXO 2

Quadro 2

Taxa bruta de natalidade por local de residência

Local de residência		Taxa bruta de natalidade (i) por Local de residência; Anual		
		Período de referência dos dados		
		2008	2001	1992
		%	%	%
Portugal	PT	9,80	11	11,50
Centro	16	8,50	9,60	10,30
Dão-Lafões	165	8	9,80	10,90
Castro Daire	1651803	6,60	7,70	12,10

Taxa bruta de natalidade (i) por Local de residência; Anual - INE, Indicadores Demográficos

ANEXO 3

Quadro 3

Taxa Bruta de Nupcialidade por local de residência

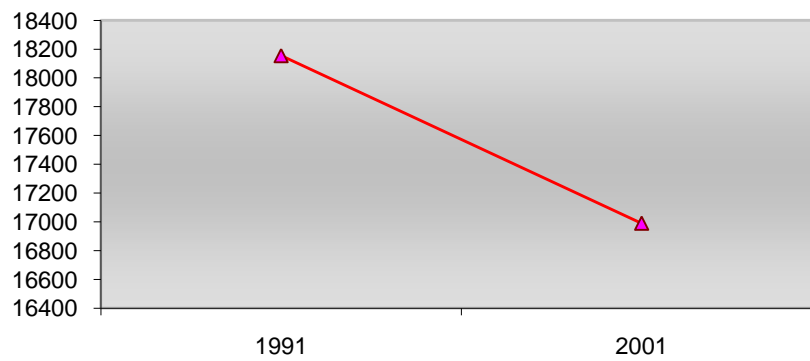
Local de residência		Taxa bruta de nupcialidade (i) por Local de residência; Anual		
		Período de referência dos dados		
		2008	2001	1995
		%	%	%
Portugal	PT	4,10	5,70	6,60
Centro	16	3,90	5,50	6,30
Dão-Lafões	165	4,60	6,50	7,30
Castro Daire	1651803	4,80	7,40	7,40

Taxa bruta de nupcialidade (i) por Local de residência; Anual - INE, Indicadores Demográficos

ANEXO 4

Gráfico n.º I

Evolução da população do concelho de Castro Daire entre 1991 e 2001

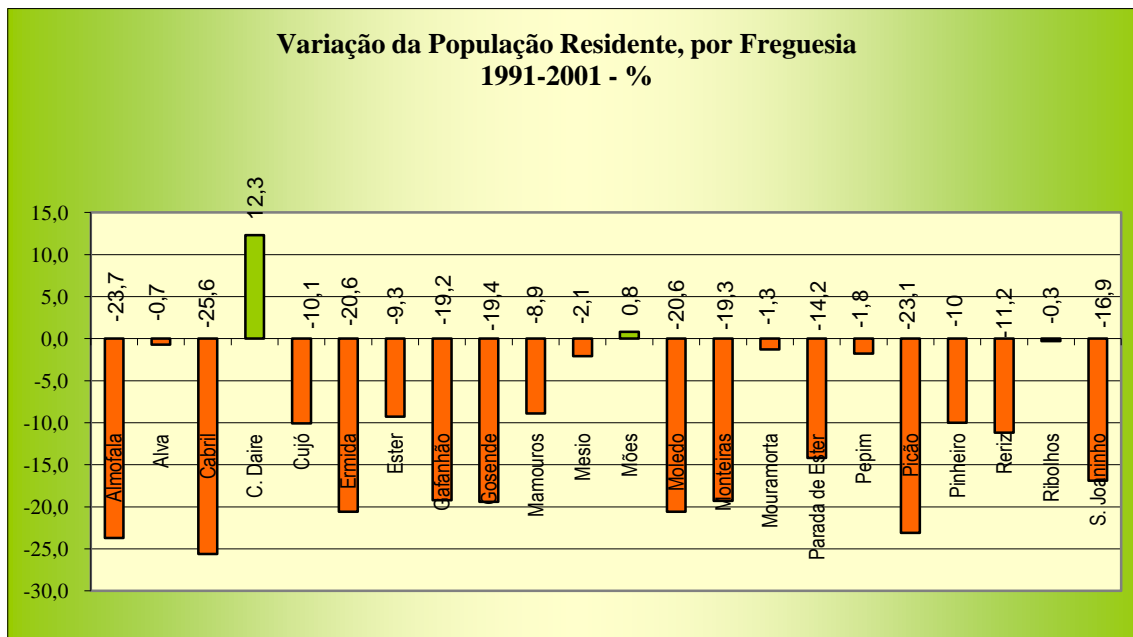


Fonte: XIII, XIV Recenseamentos Gerais da População, INE

ANEXO 5

Gráfico 2

(Variação da População por Freguesia)

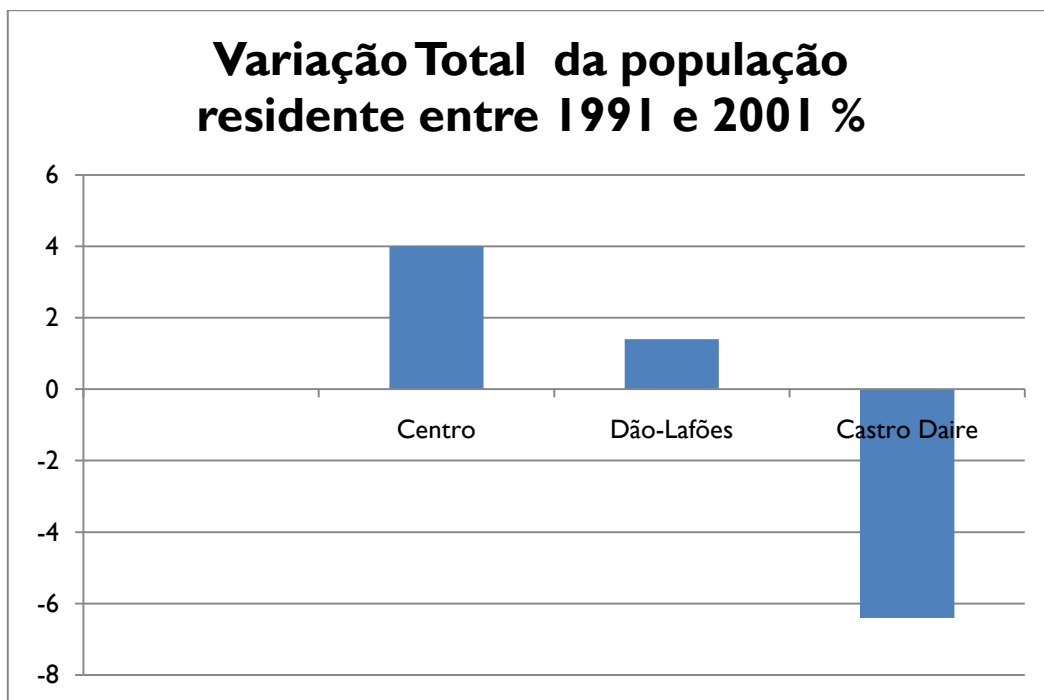


Fonte: Pré-Diagnóstico da Rede Social do Concelho de Castro Daire

ANEXO 6

Gráfico 3

Varição total da população residente entre 1991 e 2001%

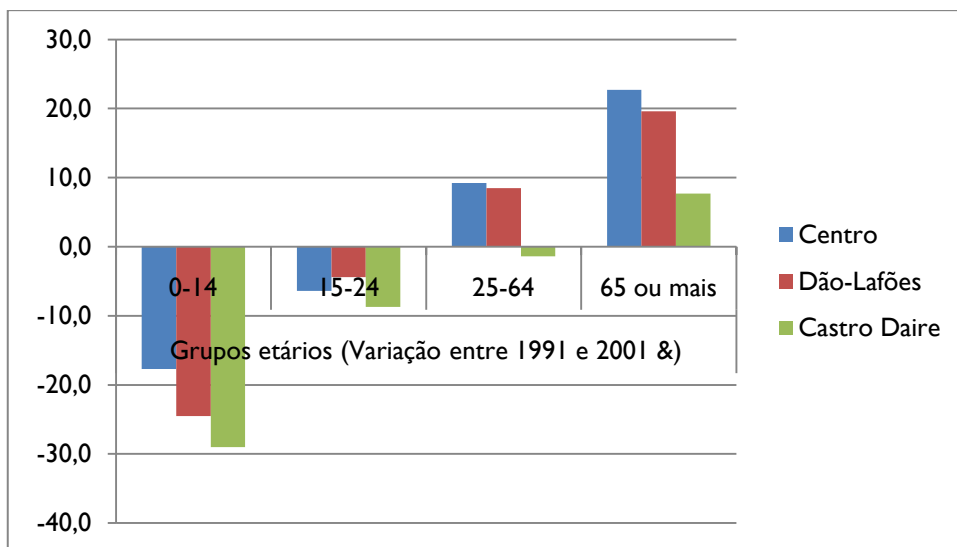


Fonte: XIII e XIV Recenseamento Geral da População, INE.

ANEXO 7

Gráfico 4

Varição total da população segundo os grupos etários entre 1991 e 2001

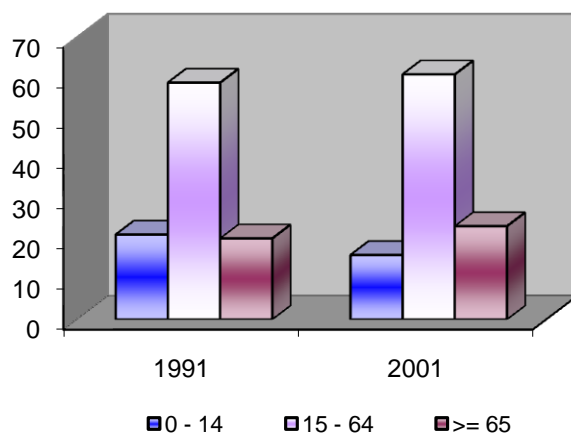


Fonte: XIII e XIV Recenseamento Geral da População, INE.

ANEXO 8

Gráfico n.º 5

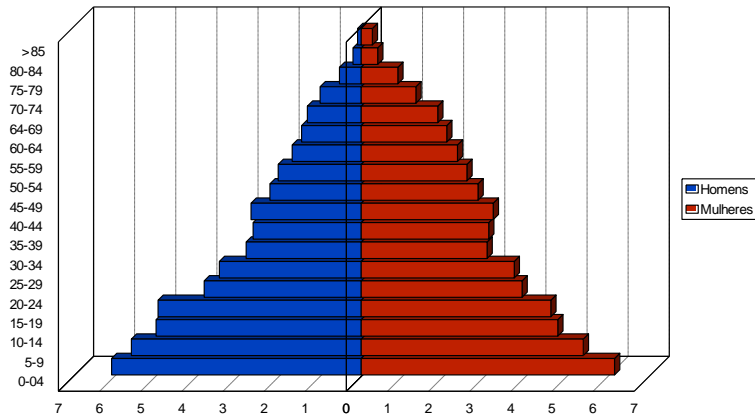
Evolução da estrutura etária do concelho de Castro Daire entre 1991 e 2001 (%)



Fonte: Pré-Diagnóstico da Rede Social do Concelho de Castro Daire

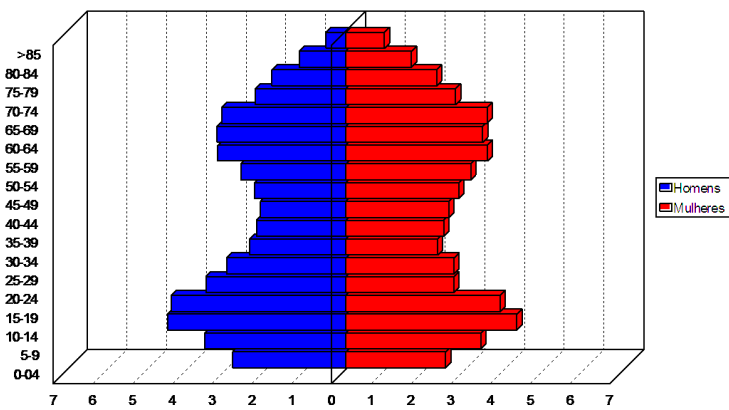
ANEXO 9

Gráfico 6: Pirâmide etária do concelho de Castro Daire em 1950



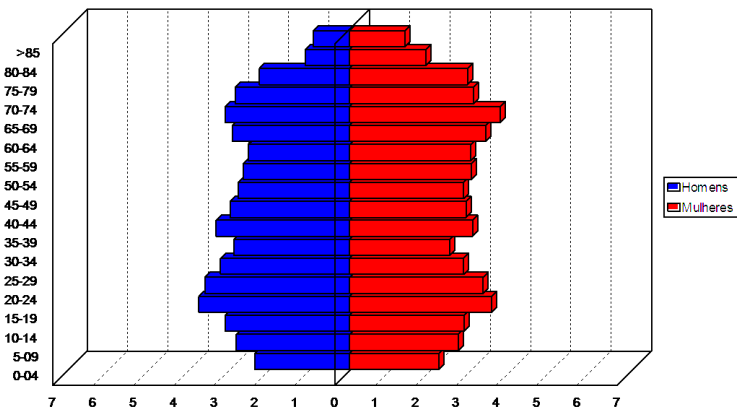
Fonte: XII Recenseamento Geral da População, INE.

Gráfico 7: Pirâmide etária do concelho de Castro Daire em 1991



Fonte: XIII Recenseamento Geral da População, INE.

Gráfico 8: Pirâmide etária do concelho de Castro Daire em 2001



Fonte: XIV Recenseamento Geral da População, INE.

ANEXO 10

Tabela I

Escolarização				
	Concelho	N UTS III	NU TS II	Continente
Taxas brutas de pré-escolarização	104,06 %	93, 57%	90,5 6%	78,00%
Taxas brutas de escolarização no ensino básico	118,24 %	11 6,63%	116, 36%	117,60 %
Taxas brutas de escolarização no ensino básico - 1º ciclo	115,74 %	11 1,18%	113, 38%	114,46 %
Taxas brutas de escolarização no ensino básico - 2º ciclo	110,86 %	11 7,14%	114, 89%	118,03 %
Taxas brutas de escolarização no ensino básico - 3º ciclo	124,79 %	12 3,06%	121, 17%	121,49 %
Taxas brutas de escolarização no ensino secundário	96,17%	10 7,18%	105, 67%	102,63 %

Fonte: GEPE; Dados do ano lectivo 2006/07.

ANEXO II

Tabela 2

Evolução da taxa de analfabetismo

Designação do Indicador	Castro Daire	Região Dão-Lafões	Unidade	Di f.	Período
Taxa de analfabetismo, HM, em 1991	24,4	14,7	Percentagem em	+ 9,7	1991
Taxa de analfabetismo HM, em 2001	18,0	11,6	Percentagem em	+ 6,4	2001

Fonte: Diagnóstico da Rede Social do Concelho de Castro Daire

ANEXO 12

Tabela 3

Aproveitamento escolar no Ano lectivo de 2006/07

Aproveitamento Escolar				
	Conc elho	NU TS III	NU TS II	Contin ente
Taxas de retenção e desistência no ensino básico - 1º ciclo regular	4,25%	3,07 %	3,57 %	3,85%
Taxas de retenção e desistência no ensino básico - 2º ciclo regular	6,34%	6,94 %	7,87 %	10,25%
Taxas de retenção e desistência no ensino básico - 3º ciclo regular	21,00 %	14,9 9%	15,2 3%	18,38%
Taxas de retenção e desistência no ensino básico - secundário regular	22,49 %	24,1 3%	23,7 7%	24,59%

Fonte: GEPE; Dados do ano lectivo 2006/07.

ANEXO 13

Tabela 4

Retrato Geral da Educação no Ano Lectivo 2006/007

Retrato Geral da Educação				
	Conc elho	NU TS III	NUTS II	Conti nente
População residente em 31 de Dezembro de 2006	16.73 2	291. 458	2.385. 891	10.110. 271
Crianças inscritas na educação pré-escolar	436	7.81 7	61.06 3	247.826
Alunos matriculados no ensino básico - 1º ciclo	706	12.5 05	102.8 37	469.831
Alunos matriculados no ensino básico - 2º ciclo	347	6.73 2	53.01 0	240.199
Alunos matriculados no ensino básico - 3º ciclo	730	11.1 73	85.27 3	375.978
Alunos matriculados no ensino secundário	552	10.4 04	80.27 5	336.929
Alunos matriculados - Total	2.771	48.6 31	382.4 58	1.670.7 63

Fonte: GEPE; Dados do ano lectivo 2006/07.

ANEXO 14

Tabela 5

População residente no Concelho de Castro Daire segundo o nível de ensino atingido, em 2001

	Total (%)	Homen s	Mulhe res
Nenhum	16,2	913	1835
1.º ciclo	43,9	3917	3545
2.º ciclo	13,9	1270	1091
3.º ciclo	8,3	779	630
Secundário	8,3	659	755
Médio	0,3	7	43
Superior	3,7	256	365

Fonte: Pré-Diagnóstico da Rede Social do Concelho de Castro Daire

ANEXO 15

Tabela 6

Evolução da População Activa no Concelho de Castro Daire entre 1991 e 2001

	População Total	População Activa	Taxa de Actividade (%)
19 91	18156	6395	35.2
20 01	16990	5946	35.0

Fonte: XIII e XIV Recenseamentos Gerais da População, INE

ANEXO 16

Tabela 7

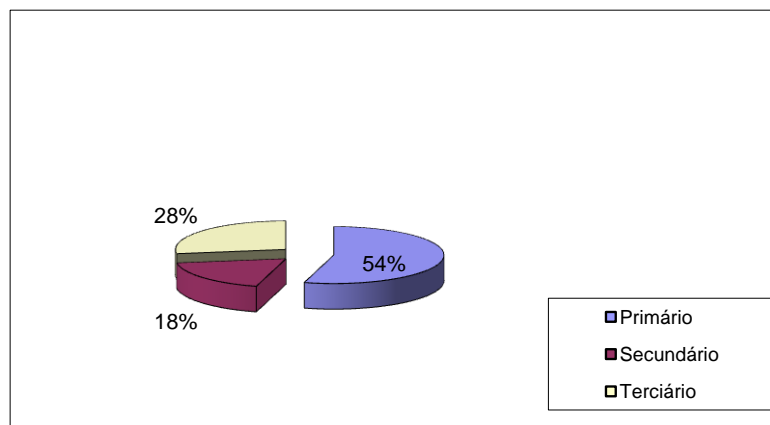
Evolução da População Activa por Sectores de Actividade em 1991 e 2001

	PRIMÁRIO		SECUNDÁRIO		TERCIÁRIO	
	V.A.	(%)	V.A.	(%)	V.A.	(%)
1991	3473	55	1172	18	1750	27
2001	1175	22	1582	29	2634	49

Fonte: XIII, XIV Recenseamentos Gerais da População, INE.

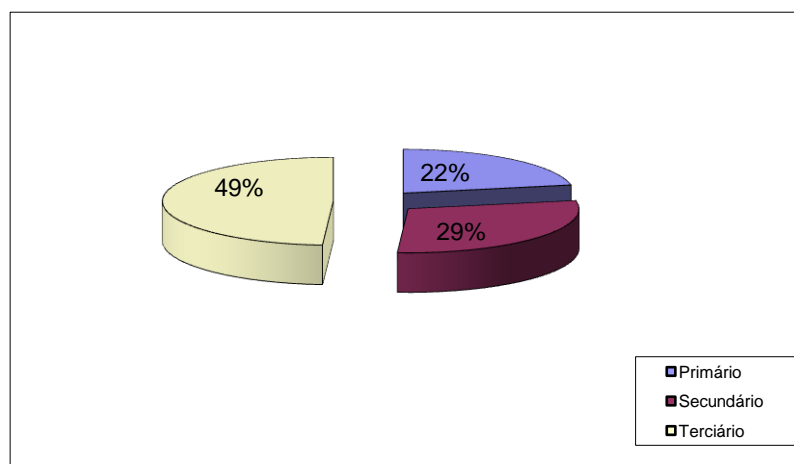
ANEXO 17

Gráfico 9: População Activa, por Sectores de Actividade (% em 1991)



Fonte: XIII Recenseamentos Gerais da População, INE.

Gráfico 10: População Activa, por Sectores de Actividade (% em 2001)



Fonte: XIV Recenseamentos Gerais da População, INE.

ANEXO 18

Tabela 8

População Activa do Concelho de Castro Daire – 2001

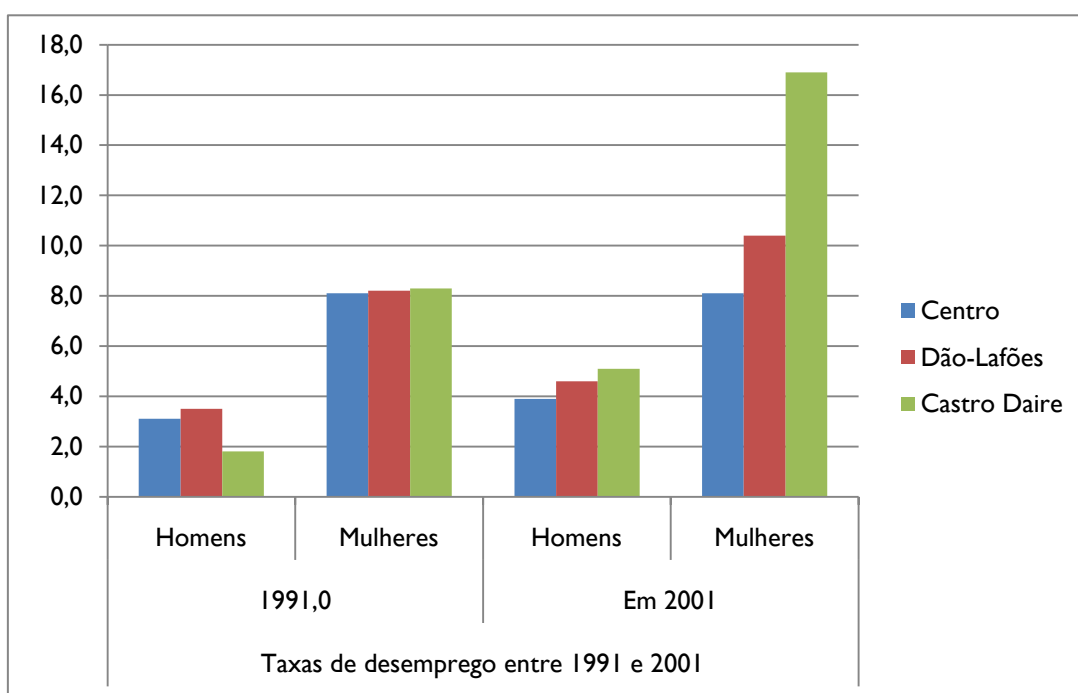
	5
População Economicamente activa em 2001	946
	9,3
Taxa de Desemprego	%
	35
Taxa de Actividade	%

Fonte: XIV Recenseamento Geral da população e Habitação, 2001 – INE.

ANEXO 19

Gráfico 11

Taxas de Desemprego entre 1991 e 2001

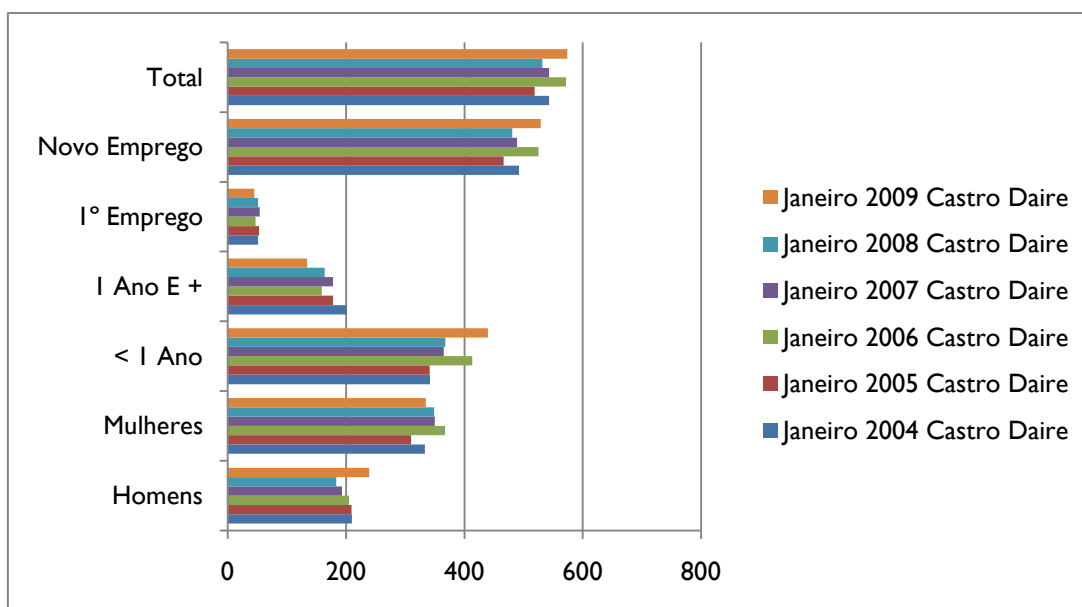


Fonte: XIV Recenseamentos Gerais da População, INE.

ANEXO 20

Gráfico 12

Desemprego Registrado no Concelho de Castro Daire segundo o Género, o Tempo de Inscrição e a Situação Face à Procura de Emprego (situação no fim do mês)

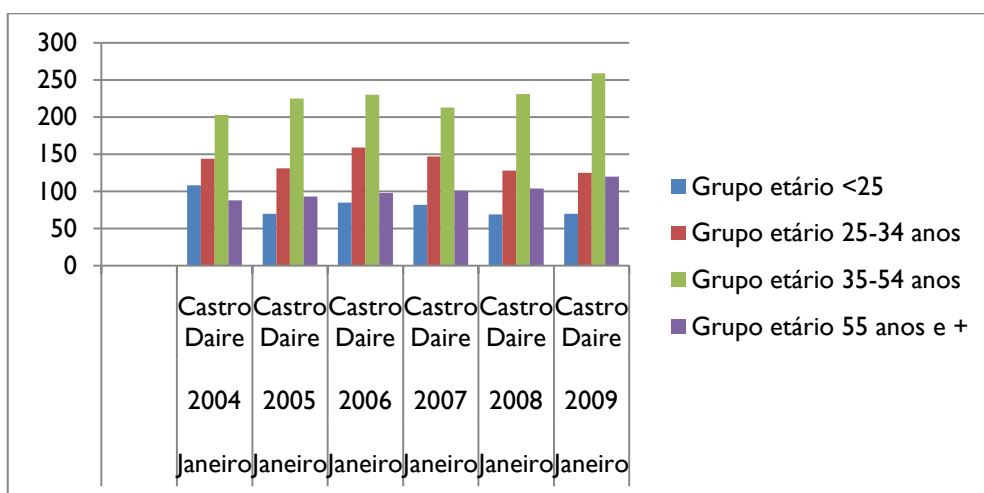


Fonte: IEFP, Estatísticas Mensais, Janeiro – 2004-2009

ANEXO 21

Gráfico 13

Desemprego Registrado no Concelho de Castro Daire segundo o Grupo Etário (situação no fim do mês)

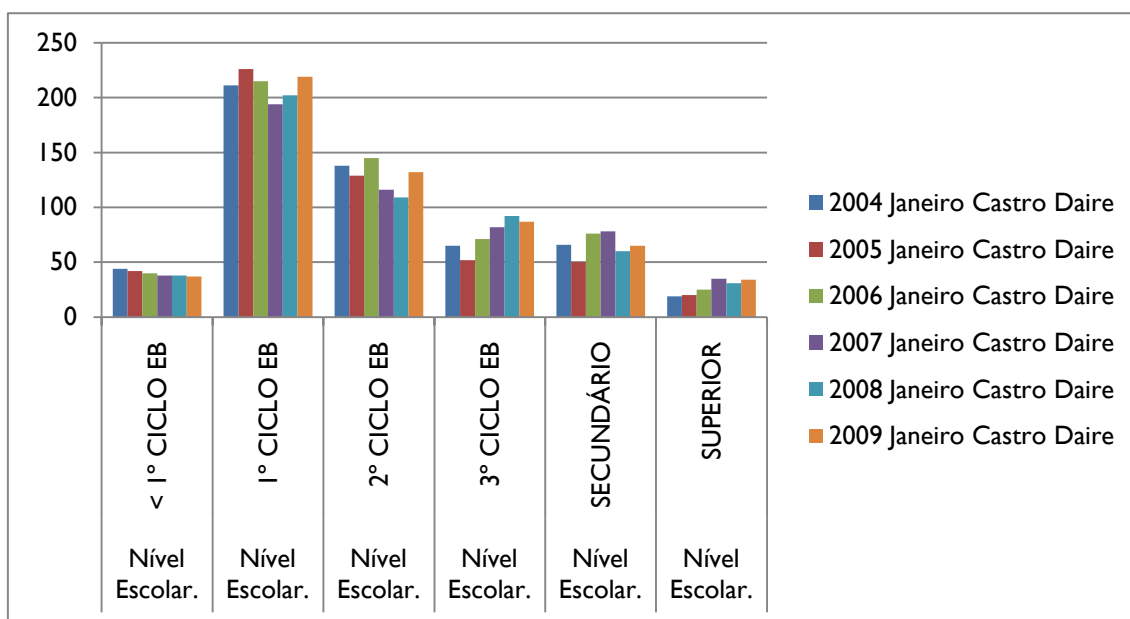


Fonte: IEFP, Estatísticas Mensais, Janeiro – 2004-2009

ANEXO 22

Gráfico 14

Desemprego Registrado no Concelho de Castro Daire segundo os Níveis de Escolaridade (situação no fim do mês)



Fonte: IEFP, Estatísticas Mensais, Janeiro – 2004-2009

ANEXO 23

Esquema I

Causas do declínio demográfico

